



**UNIFACS**

UNIVERSIDADE SALVADOR

LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES®

**MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL E URBANO**

**ALYNE COSENZA CASTRO BENTO**

**IMAGENS DA CIDADE DE SALVADOR: ARQUITETURA E TURISMO**

Salvador  
2019

**ALYNE COSENZA CASTRO BENTO**

**IMAGENS DA CIDADE DE SALVADOR: ARQUITETURA E TURISMO**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano (PPDRU) da UNIFACS Universidade Salvador — Laureate International Universities, como requisito à obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional e Urbano.

Orientadora: Prof. Dra. Márcia M. Couto Mello.

Salvador  
2019

Ficha Catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNIFACS Universidade Salvador, Laureate Internacional Universities.

Bento, Alyne Cosenza Castro

Imagens da cidade de Salvador: arquitetura e turismo/ Alyne Cosenza Castro Bento.- Salvador, 2019.

144 f.: il.

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano (PPDRU) da UNIFACS Universidade Salvador — Laureate International Universities, como requisito à obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional e Urbano.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Márcia M. Couto Mello.

1. Arquitetura - Salvador. 2. Turismo – Salvador. I. Mello, Márcia M. Couto, orient. II. Título.

CDD: 388

ALYNE COSENZA CASTRO BENTO

IMAGENS DA CIDADE DE SALVADOR: ARQUITETURA E TURISMO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano, Mestrado em Desenvolvimento Regional e Urbano da UNIFACS Universidade Salvador, Laureate International Universities, como requisito para obtenção do título de Mestre e aprovada pela seguinte banca examinadora:

Márcia Maria Couto Mello – Orientadora \_\_\_\_\_  
Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia - UFBA  
UNIFACS Universidade Salvador, Laureate International Universities

Ana Licks Almeida Silva \_\_\_\_\_  
Doutora em Saúde Pública pela Universidade Federal da Bahia - UFBA  
UNIFACS Universidade Salvador, Laureate International Universities

Liliane Ferreira Mariano da Silva \_\_\_\_\_  
Doutora L'Etudes de l'Amérique Latine pela Université Sorbonne Nouvelle  
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Salvador, 26 de fevereiro de 2019.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço aos meus pais, Cleimir e Marly, por toda educação que me deram para que eu pudesse chegar até aqui. Em segundo lugar, mas não menos importante, a minha família, principalmente ao pai da minha filha, Daniel Bento, e a minha filha Laís, que suportaram as minhas ausências entendendo o quanto a compreensão deles era importante para mim. À Laís ainda agradeço pelo caos que causei no seu quarto, usando o seu computador para trabalhar: desculpe, filha, foi por uma boa causa!

Agradeço a cada um dos meus amigos, tanto os mais antigos (que tantas vezes desmarquei os encontros e que são tantos que seria impossível enumerar todos sem correr o risco de esquecer algum), quanto os novos que fiz no mestrado, com destaque para os queridos colegas Mariane Vilaverde, Adriano Araújo e Priscila Ladeia, em uma parceria onde nos apoiávamos mutuamente e que ficará para sempre nas nossas vidas.

Tenho um carinho especial pelos meus alunos, que viram a professora trocar de lugar com eles e torceram por mim, assim como os meus colegas da docência, principalmente minha coordenadora de curso de arquitetura, Loris Brantes.

Aos meus clientes de arquitetura que permitiram que os prazos de entrega de projetos fossem estendidos, recebam minha gratidão.

Um especial agradecimento deve ser feito à minha orientadora, Márcia Mello, que, de forma paciente, corrigiu e recorrigiu o meu trabalho, entendendo que eu queria falar das minhas paixões: arquitetura e cidade de Salvador. À professora Ana Licks, que sempre esteve presente nas minhas orientações e também na minha qualificação. Não posso esquecer de agradecer as contribuições da professora Liliane Mariano que muito ajudaram na execução do trabalho final.

Agradeço à todos os professores e colaboradores do programa e a tudo que aprendi com cada um. Saudades eternas e orgulho de ter sido aluna do professor Edivaldo Boaventura. Agradeço em especial aos que se tornaram amigos: professor Menezes e professor Renato.

Não poderia deixar de mencionar a minha maior fonte de inspiração, Rodolfo Pamplona Filho. Além de ser meu melhor amigo, foi a pessoa que me apresentou a Unifacs,

que insistiu para que eu me inscrevesse no mestrado, que tantas vezes deixou as próprias tarefas de lado para ler minha dissertação, mesmo sendo de outra área, só para melhorar o meu português precário, que vibrou comigo em cada artigo publicado, que esteve do meu lado do começo ao fim, me apoiando e me incentivando. Para sempre, Rodolfo, você será minha fonte de orgulho, de inspiração e de gratidão.

A todos que torceram por mim e que, de forma direta ou indireta, não me deixaram desistir, obrigada.

Aprendi que sempre poderei construir um ser humano melhor do que sou hoje e essa é uma etapa de algo que ainda não acabou.

*“Aprender a ver é fundamental para um arquiteto, existe uma bagagem de conhecimentos nos quais inevitavelmente recorreremos, de modo que nada do que façamos é absolutamente novo.”* Álvaro Siza Vieira.

## RESUMO

A presente pesquisa busca demonstrar qual é a contribuição da arquitetura na valorização da imagem de uma cidade, a saber, no caso, Salvador, bem como, a partir dessa valorização arquitetônica, pode-se promover o desenvolvimento turístico e, conseqüentemente, o social, com a geração de empregos e a reabilitação urbana. Pela amplitude do tema, fez-se necessário recorrer a um extenso referencial teórico, com metodologias diversas para se alcançar os objetivos. Foi feita uma análise das imagens de Salvador, verificando-se quais arquiteturas contribuíam para a formação dessa imagem; sendo aplicados questionários para moradores de Salvador, com o intuito de identificar a imagem atual da cidade. Foram, ainda, analisadas as contribuições da arquitetura para o turismo da cidade de Salvador, numa comparativo do que ocorre no mundo. A pesquisa demonstra que a imagem de Salvador atrativa ao turista é a de cidade moderna que mantém suas tradições, concluindo-se, portanto, que a arquitetura soteropolitana, para contribuir com o turismo, deve valorizar a história e a cultura baiana.

**Palavras-chave:** Imagem. Cidade. Arquitetura. Turismo.

## **ABSTRACT**

The present research seeks to demonstrate the contribution of architecture in the valuation of the image of a city, in the case: Salvador. And as from this architectural valuation can promote tourism development and consequently the social, with the generation of jobs and urban rehabilitation. Due to the scope of the theme, it was necessary to resort to an extensive theoretical framework and diverse methodologies to reach the objectives. An analysis of the images of Salvador was made verifying that architectures contributed to the formation of this image; questionnaires were applied to residents of the city of Salvador in order to identify the current image of the city of Salvador; the contributions of the architecture to the tourist of the city of Salvador were analyzed in a comparative of what happens in the world. The research demonstrated that the image of the Salvador that attracts the tourist is that of a modern city that maintains its traditions, therefore the architecture soteropolitana to contribute with the tourism must value the history and the Bahian culture.

**Keywords:** Image. City. Architecture. Tourism.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Centro Georges Pompidou, Beabourg .....	40
Figura 2 - Casa da Música no Porto, Portugal .....	42
Figura 3 - Área de intervenção do Porto Maravilha .....	44
Figura 4 - Museu do Amanhã .....	45
Figura 5 - Museu Guggenheim Bilbao, arquiteto Frank Gehry .....	46
Figura 6 - Bilbao Sport Arena .....	49
Figura 7 e 8 - Edifício Swiss Re em Londres à esquerda e Torre Agbar em Barcelona à direita .....	52
Figura 9 - Planta da Cidade da Bahia (Luis dos Santos Vilhena, 1801, cópia de João Masse, 1624) .....	56
Figura 10 - Urbs Salvador (Arnaldus Montanus, 1671) .....	58
Figura 11 - Associação Comercial da Bahia .....	60
Figura 12 - Theatro São João .....	60
Figura 13 - Solar Cunha Guedes, corredor da Vitória .....	61
Figura 14 - Igreja de São Pedro, demolida para as reformas de J. J. Seabra .....	63
Figura 15 - Palace Hotel .....	65
Figura 16 - Instituto do Cacau .....	66
Figura 17 - Estádio Otávio Mangabeira .....	68
Figura 18 - Maquete do Hotel da Bahia .....	69
Figura 19 - Fórum Ruy Barbosa .....	70
Figura 20 - Teatro Castro Alves .....	71
Figura 21 - Prédio conhecido como Balança do CAB, arquitetura brutalista de Lelé .....	75
Figura 22 - Paróquia da Ascensão do Senhor .....	77
Figuras 23 e 24 - Hospital Sarah e passarela em vista aérea .....	78
Figura 25 - Shopping Iguatemi na década de 70 .....	80
Figura 26 - Conjunto Cidadela .....	81
Figura 27 - Casa do Comércio .....	82
Figura 28 - Restaurante Coati, obra de Lina na Ladeira da Misericórdia .....	83
Figura 29 - Pelourinho .....	84
Figura 30 - Shopping Aeroclub Plaza Show .....	87
Figura 31 - Centro de Convenções da Bahia .....	88
Figura 32 - Entrada do auditório da faculdade de arquitetura da UFBA .....	91
Figura 33 - Verticalização em Salvador .....	92
Figura 34 - Contrastes sociais na imagem de Salvador .....	93
Figuras 35 e 36 - Estações de Metrô de Salvador .....	96
Figura 37 - Estação de metrô da Avenida Paralela, vista interna .....	97
Figura 38 - Novo Terminal Marítimo de Salvador .....	98
Figuras 39 e 40 - Fera Palace Hotel e Hotel Fasano .....	100
Figura 41 - Vista do Elevador Lacerda .....	107
Figura 42 - Prédio Wall Street .....	110
Figuras 43 e 44 - Perspectivas do Edifício Mansão Wildberger e seu entorno .....	111
Figura 45 - Prédio do Hospital Espanhol .....	112
Figura 46 - Prefeitura de Salvador .....	112

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Perfil da população dos entrevistados, bairros onde residem .....	103
Gráfico 2 - O que chama mais atenção no trajeto casa – trabalho/escola .....	104
Gráfico 3 - Palavra que descreve Salvador.....	105
Gráfico 4 - Elemento arquitetônico que representa Salvador.....	107
Gráfico 5 - Onde sente emoção .....	108
Gráfico 6 - Lugar que sentem repulsa .....	109
Gráfico 7 - Adjetivo que caracteriza Salvador .....	113
Gráfico 8 - Índices do destino por dimensão.....	123

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACM	Antônio Carlos Magalhães
AsBEA	Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura
BAHIATURSA	Empresa de Turismo da Bahia
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
BRT	Transporte rápido por ônibus
CAB	Centro Administrativo da Bahia
CAU	Conselho de Arquitetura e Urbanismo
CCR	Companhia de Concessões Rodoviárias
CEF	Caixa Econômica Federal
CIA	Complexo Industrial de Aratu
Codeba	Companhia das Docas do Estado da Bahia
Derba	Departamento de Infraestrutura de Transporte da Bahia
DPLP	Dicionário Priberam da Língua Portuguesa
DTDP	Departamento de Turismo e Diversões Públicas
CDURP	Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio
DOCOMOMO	Documentação e Conservação dos edifícios, sítios e bairros do Movimento Moderno
EMTURSA	Empresa de Turismo S/A
EPUCS	Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade do Salvador
FAUFBA	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Univers. Federal da Bahia
FeBHA	Federação Baiana de Hospedagem e Alimentação (FeBHA)
FECOMÉRCIO	Federação do Comércio do Estado de São Paulo

FGV	Fundação Getulio Vargas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICOMOS	Internacional Council on Momunents and Sites
IPAC	Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural
IPDT	Instituto do Planejamento e Desenvolvimento do Turismo
Mtur	Ministério do Turismo
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
PDDU	Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano
PLANDEB	Plano de Desenvolvimento da Bahia
PLANDURB	Plano de Desenvolvimento Urbano de Salvador
PRODETUR	Programa de Desenvolvimento do Turismo
PNMT	Programa Nacional de Municipalização do Turismo
PT	Partido dos Trabalhadores
RLAM	Refinaria Landulpho Alves
SALTUR	Empresa Salvador Turismo
Sebrae	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SECULT	Secretária da Cultura
SUCOM	Superintendência de Controle e Ordenamento do Solo do Município
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
VLT	Veiculo leve sobre trilhos
WTTC	World Travel & Tourism Council

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1 AS ARQUITETURAS MONUMENTAIS E A IMAGEM DA CIDADE.....</b>	<b>19</b>
1.1 O HOMEM DIANTE DAS ARQUITETURAS MONUMENTAIS .....	19
1.2 A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA CIDADE.....	26
<b>1.2.1 A imagem da cidade no Imaginário Coletivo.....</b>	<b>30</b>
<b>2 EFEITOS E DEFEITOS DA ARQUITETURA MONUMENTAL.....</b>	<b>36</b>
2.1 ARQUITETURA E TURISMO .....	36
<b>2.1.1 O Efeito Bilbao.....</b>	<b>45</b>
2.2 CRÍTICAS À ESPETACULARIZAÇÃO ARQUITETÔNICA.....	49
<b>3 A IMAGEM DA CIDADE DE SALVADOR ARQUITETONICAMENTE CONSTRUÍDA .....</b>	<b>55</b>
3.1 IMAGENS ARQUITETÔNICAS DA CIDADE DE SALVADOR.....	55
3.2 A REDEFINIÇÃO DA IMAGEM DA CIDADE DE SALVADOR E O NOVO VETOR DE CRESCIMENTO URBANO.....	73
3.3 A IMAGEM TURÍSTICA CONTEMPORÂNEA DA CIDADE DE SALVADOR .....	91
3.4 AS IMAGENS DE SALVADOR.....	102
<b>4 A IMAGEM DE SALVADOR E O TURISMO.....</b>	<b>115</b>
4.1 O TURISMO EM SALVADOR .....	115
4.2 DESAFIOS DO TURISMO EM SALVADOR .....	126
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>130</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>134</b>
<b>ANEXO A - QUESTIONÁRIO IMAGEM DE SALVADOR.....</b>	<b>143</b>

## INTRODUÇÃO

A compreensão da imagem de uma cidade é atualmente um fator de significância para a economia de uma localidade. Em tempos de “cidades-espetáculo”, a imagem construída tem a capacidade de contribuir no valor venda, pois, ao valorizar o lugar, aumenta o desejo e interesse de participar da dinâmica cidadina, transformando-a e, ao transformá-la, também poderá valorizá-la.

“Imagem das cidades” é um assunto pode ser entendido a partir de diversas vertentes. A imagem pode transformar o valor de algo, seja ele uma cidade ou um objeto, mudando o que os olhos vêem pelo que se sente ao olhá-los. Sensações de pertencimento, segurança, tranquilidade ou recordações fazem com que algo seja mais valorizado.

No mundo das relações líquidas de Bauman (2003), que também é um mundo cada vez mais conectado em redes, sugere-se a construção de imagens dinâmica e moderna, inseridas em moldes internacionais. O olhar contemporâneo vai captar o que é sugerido como belo ou interessante. Para as cidades, é dessa forma que as arquiteturas monumentais cumprirão parte do seu intento.

São as redes sociais que cumprem o papel de divulgar os novos ícones arquitetônicos da cidade contemporânea, escondendo ou fazendo esquecer as partes desagradáveis de uma cidade. Essas novas atrações chamam turistas, o que é excelente para o aquecimento da economia local. Mas é imprescindível que o turista encontre o que foi divulgado, pois, assim, ele poderá indicar ou até retornar ao local. Portanto, a arquitetura, entendida como um bem imóvel deve ser uma atração que dure mais do que uma temporada, longe de ser um mero modismo, pode ser entendida como a melhor representação da imagem de uma cidade, expressão essa compreendida tanto no sentido de mais atraente, quanto no de maior representatividade da sua cultura e de seu povo.

Voltando o olhar para o foco regional, observa-se a relação existente entre cultura, turismo e arquitetura no estado da Bahia. Possuindo artistas em diferentes vertentes de grande expressividade nacional, o estado é fonte de inspiração para a literatura e para a música, com uma arte própria, danças e lutas (como a capoeira) e onde a culinária é a mistura de sabores dos variados povos que foram a sua base de formação.

Por tudo isso, a cultura baiana passou a ser tratada como item de valorização turística e serviu de atração para impulsionar a Bahia para o mercado internacional. A história cultural está marcada na arquitetura colonial, um item que também atrai os visitantes, pois é o registro concreto do nascimento do país.

Esse turismo cultural de Salvador já vem sendo vendido há muitas décadas, mas existe a necessidade de algo novo. Um dos fatores que pode contribuir para reinventar o turismo na cidade é a construção de ícones arquitetônicos, inéditos ou adequando os antigos a novas funções. Novas construções podem impactar no entorno da sua localização, criando um novo centro atrativo, ou se podem criar outros centros com o reuso e valorização de antigas edificações, dando-lhes uma função e, assim, requalificando as áreas em que estão inseridas.

A arquitetura da cidade pode revelar-se como uma forma midiática de atração das cidades através das edificações monumentais e da arquitetura espetacular. Em Salvador, os marcos arquitetônicos contemporâneos demonstram uma nova imagem da cidade, inserida num contexto internacional e voltada para o futuro. Sua antiga arquitetura é o elo com o passado, Salvador entendida como uma cidade histórica, símbolo do orgulho de ter sido a primeira capital, de ser palco para a mistura dos povos que deram origem ao povo brasileiro. Por isso, a imagem antiga e a contemporânea devem fundir-se em uma só imagem da cidade. Ambas devem conviver em harmonia no contexto urbano, cada uma no seu espaço e no seu contexto, tecendo a malha urbana como uma unidade em que cada pedaço faz parte da mesma história.

Assim, entendendo que existe uma relação entre o desenvolvimento turístico e a arquitetura, questiona-se nesta dissertação qual seria a contribuição da arquitetura para atrair turistas à cidade de Salvador.

O objetivo aqui proposto é verificar se a arquitetura contribui na formação de uma imagem turística na cidade de Salvador.

O alcance do objetivo principal se dará através dos seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar a existência de uma imagem turística na cidade de Salvador;
- b) Levantar dados sobre qual é a imagem percebida da cidade de Salvador para os seus moradores;
- c) Identificar quais foram as imagens percebidas da cidade de Salvador ao longo da sua história e o impacto da arquitetura nessas imagens;
- d) Analisar a relação entre turismo e arquitetura na cidade de Salvador.

Portanto, a presente dissertação constitui-se como uma tentativa de entendimento da produção de capital através do turismo, indagando como a produção arquitetônica pode promover à imagem turística de uma cidade, no caso, a cidade de Salvador, Bahia. A pesquisa se insere, assim, no campo de estudos sobre processos urbanos contemporâneos.

Um conjunto de procedimentos sistemáticos dá forma a essa pesquisa. Os métodos são de naturezas diversas associadas às técnicas de pesquisa.

Foram utilizados os métodos históricos e descritivos, na medida em que o trabalho busca fazer uma breve análise temporal até chegar à imagem da cidade contemporânea. A abordagem se vale de um estudo indutivo, pois sai da macrovisão do contexto mundial da arquitetura para uma região específica: a cidade do Salvador.

Na técnica de pesquisa, utilizou-se tanto a documentação indireta, por meio de pesquisas documental e bibliográfica, quanto a documentação direta, utilizando a pesquisa de campo com a aplicação de questionários.

Para a pesquisa bibliográfica, foram coletadas publicações de livros, dissertações, teses e outros materiais que envolviam o tema estudado. Na pesquisa documental, utilizou-se buscas em jornais, revistas eletrônicas e sites oficiais da cidade de Salvador e de outras cidades que serviram como exemplo em busca de documentos e publicações de relevância para o estudo.

Na pesquisa de campo, foi lançado um questionário, respondido por moradores da cidade dentro de três campos universitários e de instituições de ensino diferentes, obtendo-se assim pessoas de um perfil heterogêneo, composto por moradores de diversos bairros da cidade e com diferentes faixas etárias. O número de questionários foi reduzido do que se propôs inicialmente. A redução se deu porque foi observado que mesmo entre pessoas tão diferentes quanto à localização da moradia e à faixa etária, a percepção sobre a cidade - que apesar de ter 3 milhões de habitantes e ser considerada por muitos teóricos como uma cidade fragmentada – repetia-se praticamente num mesmo padrão. Através dos dados obtidos, procurou-se analisar como a população percebia o seu patrimônio arquitetônico, qual era a imagem da cidade formada no coletivo imaginário da população local e se existia uma relação afetiva e psíquica entre os moradores e a arquitetura da cidade. Foi realizado um pré-teste com o questionário, com 10 (dez) entrevistas, visando a aprimorar o instrumento de coleta. Ao deparar-se com uma repetição de questões e falta de quesitos fundamentais, o questionário foi reformulado.

Após a validação do questionário, foi criado um banco de dados no software “Epi Info”, versão 7, para sua digitação após aplicação. Os dados obtidos e os cruzamentos das informações originaram gráficos através do software que foram interpretados e analisados para desenvolver o estudo dessa pesquisa. O questionário aplicado está nos anexos dessa

dissertação e os gráficos analisados estão no mesmo capítulo que tratou sobre a arquitetura soteropolitana.

A divisão do estudo do conteúdo dessa dissertação se fez em quatro capítulos.

No primeiro, foi tratado o referencial teórico que embasou o trabalho. Nele, estão os conceitos de imagem da cidade e a relação do homem com a arquitetura monumental.

O segundo capítulo é uma abordagem sobre os novos caminhos da arquitetura e a relação dessa arquitetura com o turismo. Comenta-se sobre a forma midiática da arquitetura e sua espetacularização, bem como o poder da arquitetura para o aumento do turismo. O caso do efeito Bilbao foi apresentado nesse capítulo, sendo também abordado o exemplo nacional do Porto Maravilha.

Através dos ícones da arquitetura, o terceiro capítulo trata sobre a imagem de Salvador, num recorte temporal entre as fases em que a arquitetura teve importância para a imagem da cidade. O capítulo começa com as imagens da cidade que tiveram influência da arquitetura, a saber, a cidade-fortaleza, a modernizada e a turística. Posteriormente, discorre-se sobre a construção da nova imagem arquitetônica de Salvador e o novo vetor de crescimento da cidade. Por último, pontua sobre a imagem arquitetônica contemporânea, com as edificações sustentáveis e premiadas. Nesse capítulo, são analisados os resultados da pesquisa sobre a imagem de Salvador.

O derradeiro capítulo se refere ao turismo em Salvador, dividindo-se em duas partes. A primeira é um resumo da história do turismo, para se entender como se construiu a imagem cultural que se tem hoje, e a segunda é sobre os desafios atuais, analisando que tipo de arquitetura pode contribuir para o aumento do fluxo turístico em Salvador.

Algumas dificuldades foram encontradas ao longo do processo.

O primeiro óbice foi como estabelecer um recorte temporal, saindo do passado e buscando um olhar para a nova arquitetura da cidade, já que as arquiteturas de Salvador mais icônicas são mais antigas, sendo que as contemporâneas são, em sua maioria, produtos repetitivos da especulação imobiliária.

O segundo obstáculo foi como falar em turismo e cidade-produto, sabendo que Salvador, apesar de ser tratada pela política local como turística, não possui uma arquitetura voltada, exclusivamente, para esse fim e que o termo cidade-produto é usualmente inserido quando define formas modernas de relação entre cidade e turismo.

A terceira dificuldade foi achar dados científicos e econômicos sobre o turismo de Salvador, pois, apesar de existir muita informação vinculada na mídia, são poucas as de bases acadêmicas e oficiais.

Por fim, o último dilema para a autora foi, como arquiteta e urbanista, soteropolitana e moradora da cidade, manter uma posição imparcial sobre os resultados da pesquisa.

Espera-se, sinceramente, ter o texto conseguido superar todas essas pedras do caminho, construído uma estrada sólida de pesquisa científica.

## 1 AS ARQUITETURAS MONUMENTAIS E A IMAGEM DA CIDADE

### 1.1 O HOMEM DIANTE DAS ARQUITETURAS MONUMENTAIS

A arquitetura monumental é encontrada em múltiplas formas físicas em todo o percurso da história humana e se faz presente nos cinco continentes. Esse tipo de edificação, tanto pelo seu conceito original, quanto pela função que exerce sobre os povos, desde os antigos até - de uma nova forma - em tempos atuais, geralmente é preservada na história, apenas ocorrendo o acréscimo de alguns elementos a cada época.

O termo monumento, segundo o “Dicionário Priberam da Língua Portuguesa” (DPLP), origina-se do latim *monumentum* (recordação, monumento, edifício, túmulo), significando jazigo ou mausoléu, recordação ou lembrança, construção ou obra que transmite a recordação de alguém ou de algum fato memorável. Para a historiadora francesa Françoise Choay (2006), o conceito original de monumento designa tudo o que foi edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer com que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. “A função antropológica, sua relação com o tempo vivido e com a memória, constitui a essência do monumento. A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva.” (CHOAY, 2006, p.17).

Em épocas remotas da história da humanidade, a arquitetura monumental possuía funções ligadas à divindade. No Egito, por exemplo, a arquitetura monumental funerária das pirâmides era uma forma de recordação e imortalidade para o Faraó (aquele que recebia o poder direto do Deus Rá), não deixando também de ser uma demonstração de poder e conexão entre homens e deuses. O estilo arquitetônico tinha uma função divina maior do que havia com a preocupação estética.

A relação do homem com os monumentos na antiguidade possuía um caráter permanente e imutável, pois fazia a conexão entre o homem e o mito. O monumento, que tinha a função de avivar nos homens a memória de Deus, carregava o verdadeiro significado da religião e foi a base de construção das cidades. Como escreveu o arquiteto italiano Aldo Rossi, “o caráter essencial de elemento conservador do mito constitui uma chave para a compreensão do valor dos monumentos, e para nós, do valor de fundação da cidade e de transição das ideias na realidade urbana.” (ROSSI, 2004, p.7).

A representação do mito teve maior poder nos tempos antigos, pois a diferença da antiguidade para o mundo moderno é apenas que atualmente não se repara nele, porque se

vive à sua própria sombra. O mito vai além de uma expressão de poder, sendo símbolo de adoração que transforma a sua presença numa sensação de prazer e é por isso que sobrevive ao tempo. “Mitologia, no mais elevado sentido da palavra, significa o poder que a linguagem exerce sobre o pensamento, e isto em todas as esferas possíveis da atividade espiritual” (CASSIRER, 1992, p.19).

Ainda segundo Cassirer (1992), filósofo alemão, arte, linguagem e mito formam uma unidade, com modos de fazer independentes. Para a linguagem moldar-se em uma expressão de conceitos e juízos, só pode realizar-se na medida em que renuncia cada vez mais à intuição, desapegando-se dos sentimentos que a originaram, mas demonstrando sua força libertária através da expressão artística, tornando-se uma experiência sensorial e espiritual. Sendo arte, a linguagem liberta o homem de conceitos pré-concebidos e provoca uma evolução pelos sentidos e prazeres.

Na tradição cultural antiga, o despertar da consciência era expresso através do monumento que representava o mito, impactado através da forma arquitetônica. Havia através dele o exercício do papel de coesão social, mas o seu poder também poderia levar à anulação do pensar do indivíduo, transformando o discurso ideológico de integrador para a função de dominador. Assim o mito, representado no monumento, poderia ter características de coação, usando o poder para a dominação social.

O significado de monumento foi sendo modificado e, segundo Choay (2006), o sentido original de recordação foi perdendo a importância nas sociedades ocidentais, adquirindo outros significados. Ela diz que, a partir do século XVII, monumento passou a denotar o poder, através da grandeza e da beleza, afirmando os desígnios públicos com a promoção de estilos e sensibilidade estética. Na nova era, o valor do monumento para as culturas ocidentais como edifício construído servia como fator de embelezamento e de magnificência das cidades. Segundo a historiadora, este foi o conceito adotado pelos revolucionários de 1789 que não paravam de sonhar com monumentos e de construir edifícios pelos quais queriam afirmar a nova identidade francesa. Com monumentos que expressavam conceitos de arte, beleza e inovação, a França demonstrava que estava à frente de outros países ainda distantes dos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, que configuravam os princípios da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, principal legado da Revolução Francesa.

O projeto de modernidade entrou em foco no século XVIII, juntamente com as ideias iluministas. “O pensamento iluminista abraçou a ideia do progresso e buscou ativamente a

ruptura com a história e a tradição esposada pela modernidade.” (HARVEY, 2017, p. 23). A partir do exemplo francês, o mundo na idade moderna continuou utilizando a importância do mito para o imaginário coletivo, substituindo as formas mítico-religiosas pelos monumentos capitalistas como uma forma de favorecer a reprodução do seu sistema de dominação. Para fazer o novo, o artista ou arquiteto do mundo moderno se valia da destruição criativa, compreendendo o espírito da sua época, mas, sobretudo, iniciando o processo de mudança. O progresso moderno trouxe consigo novos conceitos, como, por exemplo, a arquitetura haussmasiana<sup>1</sup>, que, mesmo destruindo parte da história e ignorando conceitos culturais, foi aceita e copiada em outros lugares do mundo. Posteriormente, o planejamento urbano com ênfase na modernização e distribuição de arquiteturas monumentais se tornou objeto do discurso pós Congressos Internacionais d'Arquitetura Moderna (CIAM<sup>2</sup>) como afirmou o pensador Issar de Carvalho (2001) que completou a crítica a esse modelo de construção de imagem:

A representação ou construção da imagem vai além do papel de coesão social desempenhado pelo mito, procura utilizar o imaginário naquilo que ele pode ter de irracional, com a construção de imagens e símbolos que assegurem as elites e mantenham a massa alienada de sua verdadeira condição social. (CARVALHO, 2001, p. 113).

A arquitetura, a partir do período arquitetônico conhecido como modernismo<sup>3</sup>, respondeu as demandas do capitalismo, assim formando os espaços das cidades. Henri Lefebvre (2006), filósofo e sociólogo francês, escreveu sobre as mudanças na cidade e as relações entre as manifestações arquitetônicas e a classe econômica detentora do poder:

---

<sup>1</sup> Georges Eugène Haussmann (1809-1891) foi um administrador e político francês, que inaugurou um novo estilo de administrar e embelezar uma cidade, e se tornou referência para outros países no século XIX, inspirando reformas urbanas dentro e fora da Europa. As reformas tinham razões claramente políticas, combater os revoltosos e glorificar Napoleão. A justificativa para as demolições ocorridas era de que se iria remodelar o centro histórico Paris, transformando numa cidade moderna, com obras de infra-estrutura e traçado regular, facilitando a locomoção pela cidade, sua higienização, seu arejamento (FREITAG, 2016).

<sup>2</sup> Os Congressos Internacionais d'Arquitetura Moderna (CIAM) constituíram um fórum de constante debate sobre vários temas relacionados à questão da arquitetura e da urbanística. Estabelecidos em 1928, os CIAM organizaram-se em grupos de trabalho. Foram realizados dez congressos, num período de 28 anos, cada congresso elegia um tema para o Congresso seguinte. A contribuição dos CIAM foi fundamental para o desenvolvimento da crítica sobre a produção arquitetônica, especialmente da primeira metade do século XX, em seus aspectos artístico, estético, sociológico e econômico, entre outros (MAYUMI, 2016).

<sup>3</sup> Existem diferenças entre o termo Moderno e Modernismo. De acordo com DPLP, o primeiro significa algo dos nossos dias, do tempo presente. O segundo é o conjunto de movimentos artísticos e literários heterogêneos surgidos no final do século XIX e início do século XX, que defendiam modelos baseados na reação contra as correntes tradicionais. Há ainda a Idade Moderna, época da História que tem início em 1453 (tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos), indo até 1789 (início da Revolução Francesa) e transição do feudalismo para o capitalismo.

A cidade muda, com implicações arquiteturais: a fachada, o alinhamento, o horizonte. Essa produção de um novo espaço, o perspectivo, não se separa de uma transformação econômica: crescimento da produção e das trocas, ascensão de uma nova classe, importância das cidades etc. Mas o que efetivamente se passou não teve a simplicidade de um encadeamento causal. O espaço novo foi concebido, engendrado, produzido para e pelos príncipes? Por ricos mercadores? Por um compromisso? Ou pela cidade enquanto tal? Mais de um ponto permanece obscuro. A história do espaço (como a do tempo social) está longe de ser esgotada. (LEFEBVRE, 2006, p.4).

O pós-modernismo assinalou a morte da legitimação de uma história humana universal, rompendo com a monotonia racional do modernismo. “Talvez haja consenso quanto a dizer que o artefato pós-moderno típico é travesso, auto-ironizador e até esquizóide; e que ele reage à austera autonomia do alto modernismo ao abraçar imprudentemente a linguagem do comércio e da mercadoria. (HARVEY, 2017, p. 19).

Cabe aqui fazer uma referência sobre a existência de uma dificuldade entre autores para se estabelecer onde termina o pós-modernismo e onde se inicia a contemporaneidade, pois, para alguns, a contemporaneidade é um conceito de fragmentação urbana do pós-moderno, onde o caos é a reação à racionalidade. Para outros, é, exclusiva ou cumulativamente, o tratamento de cidade como mercadoria iniciado no pós-moderno. Segundo Zigmunt Baumann (1999), sociólogo e filósofo polonês, em acordo com o geógrafo britânico David Harvey (2017), na contemporaneidade, as relações são fluidas, frutos de uma era digital, onde a velocidade das transformações é instantânea<sup>4</sup>. Já sobre modernidade, afirma a professora e pesquisadora Lucrecia Ferrara (2000, p. 173) que “o conceito de modernidade se refere como a realidade fenomênica, onde as relações sociais e culturais se mundializam; o homem conhece mais, mas está cada vez mais incerto”, entendendo-se, nesse contexto, o termo modernidade como dias atuais.

Autores que trataram da arquitetura monumental, como os arquitetos Aldo Rossi (2004), Ren Koollhaas (1978) e o urbanista Kevin Lynch (1960), não a situam dentro de um único período específico, mas num contexto histórico compreendido entre o modernismo e o contemporâneo, período que Ferrara (2000) denomina como modernidade.

Aldo Rossi (2004) contribuiu discorrendo a respeito do tema, abordando desde o início da formação das cidades. A arquitetura, para Rossi, é uma criação inerente da vida civil

---

<sup>4</sup> O que leva tantos a falar do “fim da história”, da pós-modernidade, da “segunda modernidade” e da “sobre modernidade”, ou a articular a intuição de uma mudança radical no arranjo do convívio humano e nas condições sociais sob as quais a política-vida é hoje levada, é o fato de que o longo esforço para acelerar a velocidade do movimento chegou a seu “limite natural”. O poder pode se mover com a velocidade do sinal eletrônico — e assim o tempo requerido para o movimento de seus ingredientes essenciais se reduziu à instantaneidade. (BAUMANN, 1999, p.18) .

e da sociedade em que ela se manifesta, sendo inseparável da formação da civilização, e um fato permanente, universal e necessário. Ele afirma que uma cidade se constrói junto com a arquitetura, sendo os monumentos, elementos primários dessa dinâmica (ROSSI, 2004). Ou seja, os monumentos funcionam como núcleo de agregação da cidade, participando da sua formação de maneira permanente, relacionando-se com os seus fatos constituintes.

Rossi trata dos monumentos em termos espaciais, citando que “independente da sua função, eles têm presença identificável na cidade, pois além do valor em si, possuem valor posicional, modificando o seu entorno quando com ele formam uma composição.” (ROSSI, 2004, p.119). Para ele, os monumentos não agem somente como monumento com intencionalidade estética, mas, sim, como agentes capazes de acelerar os processos urbanos de uma cidade, são elementos transformadores. Dessa forma, a arquitetura monumental, como elemento primário urbano, é o fator em que se estrutura a dinâmica da cidade e onde se realiza o fato urbano, sendo a parte detectável da complexa estrutura.

Ainda segundo Rossi (2004), a arquitetura monumental pode ser considerada um fato urbano quando for percebida como edificação dotada de individualidade, da qual depende mais da sua forma do que da matéria, tendo sua forma organizada no espaço e no tempo, com uma riqueza de motivos que vão além do estilo. Rossi observa que o reconhecimento como fato urbano relaciona-se com questões de individualidade, localização, memória, desenho, sendo a forma a questão que mais impressiona. Por isso, atribui o significado de fato urbano e arquitetura como uma só coisa que constituem uma obra de arte. “Mas dizer bela cidade é o mesmo que dizer boa arquitetura, porque nessa última se concretiza a intencionalidade estética dos fatos urbanos.” (ROSSI, 2004, p.116).

As edificações monumentais da atualidade foram abordadas pelo arquiteto holandês Rem Koolhaas (1978), numa análise sobre grandes estruturas modernas, os arranha-céus. Segundo ele, essas edificações tiveram um grande impacto na organização social da cidade. Koolhaas enfatizou a grande escala e o caráter monolítico dentro da estrutura urbana, argumentando que os arranha-céus não merecem a expressão “monumental”, se sua manifestação física for apenas um volume desprovido de significado simbólico que celebra apenas sua existência desproporcional. No conceito de Koolhaas sobre monumentalidade, exterior e o interior, fachada e programa, devem ser separados, abandonando o princípio moral da fachada honesta e assim descobrindo a liberdade do design. Pois, na opinião de Koolhaas (1978): “a única maneira pela qual a arquitetura pode continuar a se manifestar na

cultura urbana de hoje é no monolítico dos grandes edifícios - ilhas da cidade, em que toda a arquitetura retira-se e, ao mesmo tempo, concentra-se”.

Nos países capitalistas, a arquitetura representa melhor a relação entre cidade e indivíduo, pois, quando é vista como arte e não como forma de poder, esse conceito reflete a opinião do filósofo francês Michel Foucault. Segundo Foucault (1978), para o poder se manter e ser aceito, não pode pesar só como uma força que diz não, devendo ser considerado como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social, devendo ser muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir; deve induzir ao prazer, pois se fosse somente repressivo, não seria obedecido, por isso o importante papel do belo e da arte.

Compreendendo a fala de Foucault, entende-se que os monumentos podem representar o poder através de arquiteturas que seduzem pela beleza artística. Complementa esse pensamento o arquiteto e urbanista João Bonametti (2017), citando que a evolução histórica da paisagem urbana mostrou que sempre se procurou formas para expressar o ideal de poder, refletindo padrões políticos, econômicos, estéticos e culturais, através da integração e compatibilidade entre a arte e a técnica. Como Rossi (2004) afirmou, a história da arquitetura e dos fatos urbanos realizados é sempre a história das classes dominantes. Pode-se pensar em arquitetura monumental como a relação entre a arte e a técnica para expressar os ideais da classe dominante, que, através da indução ao prazer, exerce uma forma de controle sob a classe dominada.

Lynch (1960), autor de um dos mais importantes livros sobre imagem da cidade<sup>5</sup>, conceituou a arquitetura monumental como marco. Para ele, marcos são pontos de referência considerados externos ao observador, são elementos físicos cuja escala pode ser bastante variável. A principal característica física do marco é a singularidade, que o torna único e memorável no contexto urbano, dependendo tanto da familiaridade do observador com o seu ambiente quanto dos ambientes em si. A arquitetura monumental, quando situada como

---

<sup>5</sup> Kevin Lynch é o autor de “A imagem da cidade”, publicado em 1960. O livro trata da fisionomia das cidades, do fato de essa fisionomia ter ou não alguma importância e da possibilidade de modificá-la. Entre seus inúmeros papéis, a paisagem urbana também é algo a ser visto e lembrado, um conjunto de elementos do qual esperamos que nos dê prazer. Dar forma visual à cidade é um tipo especial de problema de design, e, de resto, um problema relativamente recente. Para examiná-lo, o livro analisa três cidades norte-americanas: Boston, Jersey City e Los Angeles. Sugerindo um método por meio do qual poderíamos começar a lidar com a forma visual em escala urbana, propõe alguns princípios básicos de design urbano. Este livro vai examinar a qualidade visual da cidade norte-americana por meio do estudo da imagem mental que dela fazem os seus habitantes. Vai concentrar-se, especialmente, numa qualidade visual específica: a clareza ou "legibilidade" aparente da paisagem das cidades. (MAURO, 2018).

marco, tem maior valor quando faz parte de um conjunto, do que isolado. “Quando uma história, um sinal ou um significado vêm ligar-se a um objeto, aumenta o seu valor enquanto marco.” (LYNCH, 2006, p.90).

Ao analisar a imagem das cidades, a historiadora Sandra Pesavento (2002) se aproxima do pensamento de Lynch (2006) quanto à valorização do monumento quando se relaciona afetivamente com a cidade:

A força de uma imagem se mede pelo seu poder de provocar uma reação, uma resposta. É na capacidade mobilizadora das imagens que se ancora a dimensão simbólica da arquitetura. [...] Mas o que interessa a nós, quando pensamos o monumento como um traço da cidade, é a sua capacidade de evocar sentidos, vivências e valores. (PESAVENTO, 2002, p. 16).

A importância da legibilidade da cidade é destacada por Lynch (2006) onde todos os elementos que compõem a imagem da cidade devem se relacionar, compondo uma unidade que atenda a diversidade de formação, temperamento, ocupação e classe social da cidade. É para assegurar essa legibilidade que, ao se destacar na paisagem, o marco deve ter a forma clara, com a função de ordenar o espaço urbano, situando o observador e deixando a cidade legível.

Mas as arquiteturas monumentais que primam pela estética possuem críticos, sendo o arquiteto italiano Leonardo Benevolo (2007) um deles. Segundo ele, as arquiteturas monumentais chamam a atenção pelo sentido da inovação tecnológica, resultando numa imediata projeção midiática e arquitetônica. Mas, para ele, a vontade dos arquitetos de chegar ao sucesso muitas vezes é maior do que fazer pacientemente a pesquisa projetual, análise técnica de elaboração e execução do projeto, resultando em arquiteturas questionáveis.

Para a arquiteta portuguesa Lucia Pedro (2015), o urbanismo deixou de ser feito visando a habitação, pois atualmente as cidades e as arquiteturas devem funcionar essencialmente como pontos que repercutem aquilo que o turista procura e não aquilo que a sociedade necessita. Para ela, as arquiteturas icônicas, com formas plásticas espetaculares, servem como estratégia de marketing e agente transformador da imagem para uma cidade.

Analisando os valores discutidos pelos autores citados, pode-se perceber a relação de poder das classes dominantes presente na linguagem arquitetônica como forma de ordem social, com funções estéticas, psicológicas e práticas. Nos fragmentos das cidades atuais, situam-se os monumentos que funcionam como marcos através da liberdade do design, transformando a forma como obra de arte, e assim induzindo ao prazer e a uma promoção de dominação não explícita. Os valores estéticos e a inovação tecnológica funcionam, como

ocorreu na França de Hausmann, para vender a cidade. Se os elementos que formam essa arquitetura monumental tiverem intenção além da estética com valores históricos ou significados, poderão caracterizar o espaço e se tornarem memoráveis e únicos, conectando o indivíduo ao espaço, dando legibilidade a cidade e tecendo a malha urbana.

Assim, com função de agente pacificador e transformador do espaço social, a arquitetura monumental na contemporaneidade, como também ocorreu em outras épocas, é de grande relevância na formação da cidade. Ao induzir as massas ao prazer sensorial ou afetivo, participa da construção da imagem da cidade no imaginário coletivo e, com isso, furta-se da ação do tempo. Tornam-se importantes elementos do contexto urbano, pois são elementos integradores e norteadores da malha urbana, resultado de uma imagem clara da cidade onde estão inseridos, diminuindo a sensação de caos, fazendo com que o indivíduo se sinta mais seguro e acolhido. Mas não deixam de continuar exercendo o papel de agente das forças capitalistas, vendendo a cidade através de uma imagem criada pela estética arquitetônica.

Uma cidade de onde os principais monumentos fossem retirados provavelmente não seria reconhecível (DEL-NEGRO, 2012). Os monumentos personalizam a imagem de uma cidade. Capturada pelos novos *flaneurs*<sup>6</sup> do tempo moderno, as imagens rodam o mundo nas redes cibernéticas, tornando pessoas que, mesmo distantes geograficamente do lugar, se tornam íntimas conhecedoras daquele espaço. Os monumentos podem transformar a imagem de uma cidade, que, para o mundo contemporâneo, pode ser tão importante quanto à própria cidade.

## 1.2 A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA CIDADE

O estudo sobre a imagem é multidisciplinar, envolvendo áreas distintas como arte, psicologia, sociologia, filosofia, turismo e urbanismo, e a etimologia da palavra pode conter inúmeros significados, sendo, portanto, muito complexo definir imagem.

Em conceito genérico, a imagem é uma representação resultante de todas as experiências vividas, a partir da relação entre o sujeito e o seu tempo, espaço e cultura, retratando impressões, posições e sentimentos que são exaltadas em relação a uma determinada coisa (MELLO, 2004, p.59). A construção da imagem vai além da primeira

---

<sup>6</sup> Em seus ensaios sobre a obra literária de Charles Baudelaire, mais precisamente sobre o livro de poemas Flores do Mal (1857) que traz uma visão sobre Paris do século XIX na série Quadros Parisienses, Walter Benjamin analisa a figura do *flaneur*, um leitor da cidade de Paris, bem como de seus habitantes daquele século. Através de suas andanças, o *flaneur* transforma a cidade em um espaço para ser lido, um objeto de investigação, uma floresta de signos a serem decodificados – em suma, um texto e interpreta as mudanças trazidas pela modernidade (MASSAGLI, 2006).

percepção obtida pelo olhar e a sua representação pode não ser idêntica à realidade, pois tem uma relação direta com as experiências realizadas pelo indivíduo, podendo ser a imagem vista como uma representação do imaginário.

A percepção como instrumento sensorial seletivo, e a memória, como meio de resgate do cognitivo, são processos mentais similares e indissociáveis à imaginação, fundamentais à construção de uma imagem que é inventada pelo nosso espírito e tem nela depositada as nossas vivências. (MELLO, 2010, p. 58).

O conceito sobre imagem é discutido desde a antiguidade clássica.

Platão (2001) tratou da percepção da imagem com teorias do conhecimento em “A República”, dividindo a percepção da imagem em dois segmentos: a imagem visível e a compreendida. Ele exemplificou as sombras como imagem vista, mas que nem sempre correspondem à realidade. A compreensão se desenvolve pela análise das idéias, associando o pensamento com o que é visto.

Agora, pega uma linha cortada em dois segmentos desiguais, representando um o gênero visível, o outro o cognoscível, e corta de novo cada segmento respeitando a mesma proporção; terás então, classificando as divisões obtidas conforme o seu grau relativo de clareza ou de obscuridade, no mundo visível, um primeiro segmento, a das imagens. Denomino imagens primeiramente às sombras, depois aos reflexos que se vêem nas águas ou na superfície dos corpos opacos, polidos e brilhantes, e a todas as representações semelhantes. [...] e o segundo segmento corresponde aos objetos que essas imagens representam, ou seja, os animais que nos cercam, as plantas e todas as obras de arte. (PLATÃO, p.297).

Em outra obra, no diálogo Teeteto, Platão descreveu que “aparência e sensação se equivalem com relação ao calor e às coisas do mesmo gênero; tal como cada um as sente, é como elas talvez sejam para essa pessoa. A sensação é sempre sensação do que existe, não podendo, pois, ser ilusória, visto ser conhecimento.” (PLATÃO, 2001, p.50). Filosofou que as imagens naturais, as que representam o que existe, são adquiridas pelas sensações individualmente, penetrando mais profundamente na consciência do ser e ficando gravadas de forma duradoura. Assim, a percepção sobre algo pode ser diferente para cada pessoa, pois irá a depender da sensação que foi transmitida *a priori* para esse indivíduo.

Para Carl Gustav Jung, pai da psicologia analítica, a imagem é expressão da condição psíquica atual do indivíduo como um todo e não simplesmente ou, sobretudo, dos conteúdos inconscientes. “A imagem é, portanto, expressão da situação momentânea, tanto inconsciente

como consciente. Não se pode, pois, interpretar seu sentido só a partir da consciência ou do inconsciente, mas apenas de sua relação recíproca.” (JUNG, 1921, 1991 apud VIEIRA, 2003, p.53).

Já o pós junguiano Hillman, criador da psicologia arquetípica, tem a definição de imagem não como aquilo que se vê, mas como algo formado pela maneira como se vê. “Uma imagem é dada pela perspectiva imaginativa e só pode ser percebida pelo ato de imaginar” (HILLMAN, 1983 apud CAVALCANTE, 2012, p.184). Segundo Hillman, as imagens não são vistas como representações, sinais, símbolos, alegorias ou comunicações, mas como fenômenos peculiares à psique.

Entre as definições de imagem nas visões da filosofia e da psicologia, existem divergências, mas tais conceitos contribuem para o entendimento sobre imagem em outros campos do saber, como a arte e a arquitetura.

No contexto da arte, o historiador inglês Ernest Gombrich, escritor de livros sobre a psicologia da representação pictórica, afirmou que nenhuma imagem bidimensional pode ser interpretada como um arranjo espacial sem contribuição construtiva da nossa imaginação espacial. A construção da composição e seu entendimento estão mais ligados ao inconsciente do observador do que os olhos realmente enxergam. Para ele, o arquétipo de perfeição para os pintores não é a imitação da realidade, mas as formas que elas representam.

A representação não é, portanto, uma réplica. Não precisa ser idêntica ao motivo. O artesão de Jericó não achava que o caunm é idêntico a um olho. Picasso também não achava que babuínos eram idênticos a automóveis. Mas, em certos casos, um pode representar o outro. Pertencem à mesma classe porque desencadeiam a mesma reação. [...] O teste da imagem não é a sua semelhança com o natural, mas a sua eficácia dentro de um contexto de ação. (GOMBRICH, 1995, p.117).

Kevin Lynch (2006) relacionou imagem com cidade. Ele diz que cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade, impregnadas de lembranças e significados. Sendo a imagem da cidade um produto tanto da sensação imediata, quanto da lembrança de experiências passadas, as imagens formadas na paisagem urbana desempenham função psicológica, estética e prática na vida do observador.

Pessoas, para Lynch (2006), têm grande importância no contexto da cidade, pois são mais do que meros observadores: elas constroem e modificam a cidade, como fazia o *flâneur* do século XIX, descrito por Walter Benjamin. A imagem que as pessoas percebem da cidade é fragmentada e parcial, mas ressalta a importância da observação da paisagem urbana como

algo legível e harmonioso com o entorno. Segundo Lynch (2006), uma imagem ambiental clara e legível do entorno oferece a seu possuidor um importante sentimento de segurança. Mas se a imagem for desorganizada, o observador deve ser capaz de transformar essa imagem de modo a ajustá-la a suas necessidades. O observador deve ter um papel ativo na percepção do mundo e uma participação criativa no desenvolvimento da imagem da cidade.

Ainda segundo Lynch (2006) a imagem de uma determinada realidade pode variar significativamente entre observadores diferentes, pois é o resultado de um processo bilateral entre o observador e o ambiente. Para ele, cada indivíduo cria sua própria imagem, mas existe consenso significativo entre indivíduos de mesmo grupo, sendo as imagens consensuais as que interessam aos urbanistas quando trabalham a cidade. Para a imagem funcionar, ela deve atender a diversidade social.

Em 1961, a ativista política Jane Jacobs escreveu um livro que se tornou um clássico para os urbanistas, “Morte e Vida de Grandes Cidades”<sup>7</sup>. Antes de iniciar a leitura, na apresentação do livro, antes das páginas numeradas na publicação, ela escreveu uma observação com relação às ilustrações: “Todas as cenas que ilustram este livro nos dizem respeito. Para ilustrações, por favor, observe atentamente as cidades reais. Ao fazer isso, escute, concentre-se e reflita sobre o que está vendo.”

Sobre o pensamento de Jacobs, pode-se refletir que os olhos nem sempre dizem a verdade, pois os sentidos estão interligados com memórias e recordações. O olhar crítico, desnudo da interferência dos outros sentidos e de sentimentos, pode se tornar tarefa das mais difíceis. Na percepção dos urbanistas sobre a cidade, deve haver a busca por uma imagem consensual, sendo esse o melhor caminho para a formação da imagem da cidade real. É através do entendimento de imagem da cidade que as transformações e interferências poderão contribuir de forma mais eficiente para o bem-estar urbano.

A imagem, que muitas vezes simbolizará o poder, deve compor a paisagem urbana através dos usos dos monumentos arquitetônicos que também possam seduzir pela beleza artística. Relacionando os conceitos dos autores citados, pode-se dizer que o poder e a arte devem estar ligados por estreitos laços praticamente imperceptíveis, onde a paisagem urbana seja um conjunto formado por imagens que refletem a sociedade daquele tempo. O arquiteto e

---

<sup>7</sup> Jane Jacobs descreve seu trabalho como um ataque aos fundamentos do planejamento e da reurbanização vigentes no momento. Jacobs combate os ditames modernos de grandes áreas verdes e edifícios isolados, assim como o zoneamento de funções e a segregação entre a circulação de pedestres e veículos. Propõe retomar a observação das cidades reais que os planejadores modernos ignoravam e defende a diversidade dos usos de forma mais complexa e densa. O livro só foi traduzido para o português no ano 2000 (ROCHA, 2017).

urbanista João Bonametti (2017) conclui o pensamento citando que a evolução histórica da paisagem urbana mostrou claramente que sempre se procurou formas para expressar o ideal de poder, refletindo os seus padrões políticos, econômicos, estéticos e culturais, na integração e na compatibilidade entre a arte e a técnica.

Voltando o olhar para Salvador num exemplo de expressão de poder com beleza plástica através da arquitetura, observa-se o exemplo descrito pelo arquiteto Heliodoro Sampaio (2015) que estudou especificamente a imagem desta cidade. Ele cita a arquitetura brutalista do Centro Administrativo da Bahia (CAB) como uma intenção plástica de arquitetura para criar um novo centro administrativo modernizado com linhas retas e internacionais, diferente do centro antigo que remetia a uma cidade presa ao passado de coronéis do cacau. Essa relação de arquitetura e poder tinha, para ele, um claro objetivo de criar uma imagem de cidade modernizada e economicamente estável no inconsciente da população, assunto que será tratado em capítulo posterior dessa dissertação.

Diante dos conceitos dos autores citados, pode-se concluir que a relação entre a construção de arquiteturas monumentais e criação da imagem de cidade mudou de foco ao longo da história. Se, antes, o objetivo da monumentalidade era simplesmente a expressão do poder político, divino ou humano, o novo foco passa a ser o marketing turístico, criando atualmente uma imagem para atrair o olhar, interno e externo, e para ser inserida no inconsciente coletivo como fonte de prazer.

### **1.2.1 A imagem da cidade no Imaginário Coletivo**

O significado de imaginário é polissêmico, havendo abordagem de áreas distintas, assim como o termo “imagem” que foi tratado anteriormente. O imaginário se relaciona com o inconsciente na formação das imagens e na leitura ou interpretação dos símbolos.

Analisando sob a vertente psicológica, Jung (2002) situou inconsciente coletivo como parte da psique, que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Segundo Jung (2002), o conteúdo do inconsciente coletivo é basicamente formado por arquétipos, forma pré-existente, consistindo em formas pré-existentes, que só secundariamente podem se tornar conscientes.

A hipótese do inconsciente coletivo é algo tão ousado como a suposição de que existem instintos. Podemos admitir sem hesitação que atividade humana é em grande escala influenciada por instintos – abstração feita por

motivações racionais da mente consciente. Quando se afirma que nossa fantasia, percepção e pensamento são do mesmo modo influenciados por elementos formais inatos e universalmente presente parece-me que uma inteligência normal poderá descobrir nessa idéia tanto ou tão pouco misticismo como na teoria dos instintos. (JUNG, 2002, p.53).

Para Jung, não é fácil diagnosticar casos de inconsciente coletivo, pois nem sempre acontecem por natureza arquetípica, podendo também acontecer aquisições mediante a linguagem da educação, com o ressurgimento de motivos mitológicos que desafiam a lógica racional.

Na psicologia de Jung, a formação do imaginário coletivo tem relação com a construção de mitos e também com a percepção de imagens pré-existentes que exercem influência no consciente. Os conceitos da psicologia sobre o inconsciente coletivo formaram a base para os estudos de historiadores e urbanistas.

Na história, o termo imaginário foi desprezado pelo Iluminismo, que separou o saber científico do imaginário. Descartes tratou o imaginário como tudo aquilo que seria fantasioso, inventado, portanto não passível de saber científico (VIGÁRIO, 2009).

A crise dos paradigmas do século XX marcou a crítica dos modelos vigentes e a nova realidade teórica passou a analisar história numa abordagem cultural, entendendo o homem dentro da sua dinâmica social e numa abordagem interdisciplinar. Como Pesavento (2002) propôs: no fim do século XX, encontra-se a questão da pluralidade de saberes, expressa em discursos e produção de imagens, que se completam e não se excluem, formando a cidade como objeto de múltiplos olhares.

Para a historiadora Jacqueline Vigário (2009), a imagem passa a ser a manifestação do inconsciente coletivo, formada por imagens concretas ou produzidas como parte da história social. A decodificação da imagem é um processo para o conhecimento da sociedade.

O historiador hoje busca entender a forma como os homens produzem representações de si e do mundo e, como esse processo funciona dentro da dinâmica social, cabendo ao historiador decifrar esses códigos, ler o significado dessas representações e não mais buscar entender a causa. Imaginário envolve representações e as representações dão sentido ao mundo, são construídas a partir do real e introjetadas social e historicamente no inconsciente coletivo. Faz parte de um campo de representação em que o pensamento se manifesta pelas imagens que vem a mente como forma da realidade. (VIGÁRIO, 2009).

A imagem da cidade representada no inconsciente coletivo nem sempre será uma imagem real. Ela pode ser construída de várias formas, conforme Jung descreveu na

psicologia, desde aspectos psicológicos a aspectos estéticos ou históricos. O entendimento de Jung sobre construção de imagem no inconsciente coletivo pode ser pensado para a arquitetura da cidade, conforme aponta Lynch (2006), quando diz que o valor de imagem é individual e única, mas é a sobreposição dos elementos individuais que irão compor uma imagem pública de uma cidade.

Entender a formação do inconsciente coletivo no processo urbano é fundamental para a construção de uma cidade que atenda a todos. A percepção da imagem da cidade é fruto de recordações e memórias individuais. Cada habitante da cidade trará uma particularidade sobre a imagem percebida. Mas, ao tratar a cidade como um todo, as percepções somadas deverão dar a forma unitária. Para Ferrara (1997, p. 200), “enquanto representação continua, o imaginário se opõe à imagem pontual e descontinua que referencializa a cidade.” Os fragmentos urbanos que formam a imagem da cidade são peculiaridades distintas numa estrutura complexa que necessita de tratamentos individuais para formar uma única imagem.

A cidade deve ser analisada em suas particularidades, como se existissem pequenas cidades dentro da grande cidade. Com zonas distintas, deve haver uma distribuição equitativa dos monumentos, para que a atração do observador aconteça em diversas áreas, formando a imagem do conjunto. Nessa linha de pensamento, Jane Jacobs cita que é necessário a cidade ter uma diversidade de usos, complexos e densos, que se complementem mutuamente (JACOBS, 1964, p. 13). Esse modelo pode ser caracterizado como antagônico à setorização usada na modernidade e que mostrou-se pouco viável no exemplo de Brasília, modelo criticado pelos pós modernistas<sup>8</sup> que entendem a cidade como um organismo vivo e que, por isso, não pode preservar espaços estáticos e pré destinados. Mas apesar dos equívocos da setorização modernista de Brasília, havia no seu urbanismo um entendimento sobre a valorização dos marcos e da estética, que ocorria através da arquitetura monumental de

---

<sup>8</sup> O espaço da “modernidade” tem características precisas: homogeneidade-fragmentação-hierarquização. Ele tende para o homogêneo por diversas razões: fabricação de elementos e materiais - exigências análogas intervenientes -, métodos de gestão e de controle, de vigilância e de comunicação. Homogeneidade, mas não de plano, nem de projetos. De falsos “conjuntos”, de fato, isolados. Pois paradoxalmente (ainda) esse espaço homogêneo se fragmenta: lotes, parcelas. Em pedaços! O que produz guetos, isolados, grupos pavilhonares e pseudo-conjuntos mal ligados aos arredores e aos centros. Com uma hierarquização estrita: espaços residenciais, espaços comerciais, espaços de lazer, espaços para os marginais etc. Uma curiosa lógica desse espaço predomina: que ele se vincula ilusoriamente à informatização e oculta, sob sua homogeneidade, as relações “reais” e os conflitos. Além disso, parece que essa lei ou esse esquema do espaço com sua lógica (homogeneidade fragmentação-hierarquização) tomou um alcance maior e atingiu uma espécie de generalidade, com efeitos análogos, no saber e na cultura, no funcionamento da sociedade inteira (LEFEBVRE, 2006, p. 10).

Niemeyer, situada em pontos estratégicos da cidade. Analisando o caso, pode-se entender que o modernismo e o pós-modernismo se complementam.

O modernismo entendeu o valor da arquitetura monumental, mas foi na contemporaneidade que utilizou de forma eficaz essa arquitetura, agregando valores estéticos para atuar no inconsciente coletivo do observador através da conquista do prazer por recordações e memórias, ou pelo próprio valor da arte. A relação cidade-indivíduo se faz com maior eficiência através do marco, ícone arquitetônico, pois é através dele que as pessoas podem desenvolver uma forte ligação afetiva com a cidade, tanto em decorrência do passado histórico, quanto por suas próprias experiências. “Cada cena é imediatamente identificável, e traz à mente um turbilhão de associações. O ambiente visual torna-se parte integrante da vida dos habitantes (LYNCH, 2006, p.103).” A arquitetura monumental, quando se integra a paisagem e desenvolve uma relação afetiva com as pessoas, estimula os seus observadores a recordar e a imaginar.

Para o professor e arquiteto finlandês Juhani Pallasma (2018), as estruturas arquitetônicas têm uma tarefa existencial e mental significativa, pois domesticam o espaço para a ocupação humana e transformam a realidade de modo teatral, fazendo com que prédios e ambientes estruturam nosso entendimento com o mundo. A arquitetura monumental age na paisagem da cidade, estruturando uma imagem mental, criada e definida para atender a interesses urbanísticos.

Sobre arquitetura monumental como forma de arte, Jacobs (1961) propõe que deve haver uma limitação estética sobre a arte nas cidades. Segundo Jacobs, para que uma cidade não possa ser uma obra de arte, ou seja, não seja somente objeto de caráter estético, o processo da criação da arte não pode ter caráter individualista. A arte da cidade deve atender a todos, existindo qualidade da imagem inserida no inconsciente do usuário, e não deve ser imutável, relacionando-se com indivíduo e, por ele, sendo modificada. Trata-se de uma posição diferente da defendida por Koolhaas (1978), quando argumenta que a liberdade do design nas fachadas dos arranha-céus, livre de fatores coletivos e obra exclusiva da criação de arquitetos, podem transformá-los em marcos individuais da cidade, formando-os numa imagem inconsciente de templos modernos e traçando uma legibilidade para a cidade.

Para Ferrara (2000), a cidade concretamente vista é um estímulo para associar percepções, ou seja, do ver físico produz-se um enfoque rememorativo de associações utilizadas em outras formas de reconhecer, formando-se imagens inconscientes individuais da cidade que atuam como mediadoras do conhecimento sobre ela. A iconicidade de uma

arquitetura monumental a projeta para uma imagem coletiva sobre a cidade. “A imagem edificada surge auto-suficiente, onde a arquitetura fala por si mesma, exhibe formas, materiais, volumes, cores criando o seu próprio espaço de modo que, como um monumento, pode ser transposta para vários contextos sem perder sua eficiência visual e sua iconicidade” (FERRARA, 2000).

Em “A Imagem da Cidade”, Lynch (2006) discorreu sobre exemplos de cidades adaptáveis aos hábitos perceptivos de todos seus cidadãos, abertas a mudanças de função e significado e receptivas a novas imagens, assim como defendeu Jacobs (1964) na sua obra sobre cidades. Além disso, para Lynch, a percepção da forma da cidade, clara e facilmente identificável, convida o observador a explorá-la, sendo um ambiente poético e simbólico. Através da arte e do público juntos, a cidade se transforma em fonte de prazer cotidiano para seus habitantes.

O ambiente deve falar dos indivíduos e de sua complexa sociedade, de suas aspirações e suas tradições históricas, do cenário natural, dos complexos movimentos e funções do mundo urbano. Mas a clareza da estrutura e a expressividade da identidade são os primeiros passos para o desenvolvimento de símbolos fortes. Ao aparecer como lugar admirável e bem interligado, a cidade poderia oferecer uma base para o agrupamento e a organização de tais significados e associações. Em si mesmo, esse sentido de lugar realça todas as atividades humanas que aí se desenvolvem e estimula o depósito de um traço de memória. (LYNCH, 2006, p. 134).

Na concepção de Pallasma (2011) a cidade deve ser formada por uma arquitetura atemporal, refletindo, materializando e tornando eternas as idéias e imagens da vida ideal, fazendo lembrar quem se é. A arquitetura deve estar envolvida com questões fundamentais como poder, ordem social e cultural, interação e separação, identidade e memória, em seu modo de representar. Para Pallasma, qualquer experiência implica atos de recordação, memória e comparação. “A esfera do presente se funde com imagens de memória e fantasia. Continuamos construindo uma imensa cidade de evocações e recordações, e todas as cidades que visitamos são ambientes dessa metrópole que chamamos de mente (PALLASMA, 2011, p.64).”

Lynch (2006) e Pallasma (2011) se aproximam quanto à imagem percebida ser um produto da relação com o indivíduo, assim como também Walter Benjamin interpretou na obra de Baudelaire sobre a Paris do século XIX. O urbanista americano dizia que, para se obter o reconhecimento de uma boa imagem, se deve treinar o olhar do usuário, ensinando-o a observar a multiplicidade das formas que compõem a imagem, e ter a percepção de como elas

se misturam, pois a imagem da cidade não é apenas o resultado de características exteriores, mas também um produto do observador (LYNCH, 2006).

Entre as diferenças sobre a construção da imagem da cidade e do imaginário coletivo pode-se citar Ferrara (1997): para ela, ao contrário da imagem da cidade, que corresponde a assinatura do poder público sobre a cidade que garante a estabilidade, o imaginário é particular; por isso, não se constrói fisicamente, mas é apenas indiretamente sugerido.

Relacionar arquitetura e cidade é uma das tarefas do urbanista ao criar uma imagem de cidade, sendo que um dos seus principais objetivos é captar a imagem real da cidade que está formada no inconsciente coletivo. A ideia da imagem a ser construída pode ser ensinada ao observador para que, ao olhar a cidade, dela extraia a melhor e mais coerente mensagem. A nova imagem a compor a paisagem urbana deve ser algo que proporcione prazer ao observador, e o sensibilize além do indivíduo, de forma coletiva. Assim, ao despertar o imaginário, a imagem deve permitir ao observador a compreensão da cidade, fazendo-o interagir com ela e se perceber como parte do todo.

## 2 EFEITOS E DEFEITOS DA ARQUITETURA MONUMENTAL

### 2.1 ARQUITETURA E TURISMO

O turismo e o lazer são dois itens que assumiram nas últimas décadas um patamar de grande importância na economia mundial. De acordo com a arquiteta portuguesa Lucia Pedro (2015), na tentativa de combate à crise da indústria, políticas de desenvolvimento turístico foram adotadas e os investimentos que eram aplicados na área industrial tiveram uma parcela relocada para obras de infraestrutura do desenvolvimento turístico.

Na segunda metade da década de 80 começaram a ser tomadas medidas políticas ativas e inovadoras de revitalização urbana, onde o interesse pelos centros das cidades começou a ser renovado. A política evoluiu no sentido da gestão urbana, do marketing das cidades e do financiamento de projetos criativos e culturais através de parcerias público-privadas. Foi neste momento que foi atribuído um importante papel às atividades típicas da sociedade pós-industrial na renovação de muitas cidades: o turismo e o lazer. (PEDRO, 2015, p. 21).

Ao reconhecer a importância da imagem da cidade como fonte de desenvolvimento econômico, houve um redirecionamento para se construir uma imagem voltada ao turismo que contribuiria para a melhoria na qualidade de vida de seus habitantes, tanto na forma de geração de empregos, quanto na infraestrutura urbana. Dessa forma, passou a existir uma interdependência econômica entre política urbana e turismo urbano. Mas uma imagem da cidade para o turismo precisa se reinventar e inovar sempre, o que pode ser efetivado através de estratégias de marketing e de comunicação visual entre cidade e visitantes. Segundo o Ministério do Turismo (2018), os atrativos para o turista são os bens naturais, culturais e históricos, não necessariamente nessa ordem e inerentes a qualquer lugar. A arquitetura é uma escolha de elemento capaz de reforçar a imagem existente com novas atrações, transformando e proporcionando a interação dos indivíduos com a paisagem.

As cidades contemporâneas se tornaram um produto de consumo e produção de capitais, modificando suas paisagens com imagens construídas para o incremento do turismo. A arquitetura monumental se tornou uma ferramenta de promoção turística de divulgação da imagem da cidade, transformando-a em espaço atrativo. A arquiteta Lucia Pedro (2017), em entrevista ao site português Sapo, complementou o discurso sobre a relação entre turismo e arquitetura na era da globalização:

O fenômeno da adaptação da cidade e da arquitetura ao turismo deve-se à necessidade de criar espaços onde os turistas se consigam projetar e apropriar com facilidade. A cidade e a arquitetura têm de se integrar na globalização. O estudo científico demonstra que a cidade turística se redefine em função das lógicas de promoção turística resultando daqui mutações formais, visuais e também das próprias tradições, começando a ser criadas cidades visualmente "consumíveis". Não só a cidade produz o turismo como cada vez mais o turismo produz e reproduz a cidade operando essencialmente através da comunicação visual. A cidade parece depender do turismo mais do que nunca, isto porque este se tem revelado, até agora, como a melhor forma de revitalização e reciclagem urbana. (PEDRO, 2017).

Nesse contexto, as arquiteturas monumentais determinam a imagem visual da cidade que o mercado turístico necessita, impulsionando também a redefinição das áreas urbanas do entorno. Para a arquiteta e economista Heliana Comin Vargas (2014), a imagem do destino turístico, que se compõe da imagem física e mental, tem na arquitetura um dos elementos principais para a sua formação, sendo uma das ferramentas de demonstração de poder mais utilizadas pelas classes dominantes devido ao seu caráter perene. A relação entre arquitetura e turismo na contemporaneidade, para o arquiteto Ricardo Alexandre Paiva (2014), é reforçada pela lógica do consumo, pois as práticas sociais da globalização direcionam o planejamento, a gestão e as intervenções urbanas em consonância com o processo de espetacularização da arquitetura, acontecendo a valorização da sua carga simbólica.

Para preencher os requisitos da demanda global (que demandava uma nova ordem de imagem de cidade), a arquitetura precisou se tornar um produto da moda. Segundo Mello (2010), “as mudanças na forma de perceber e sentir, que percorreram toda uma trajetória filosófica e acompanham a história, influenciam sobre a construção das imagens urbanas em períodos específicos. (MELLO, 2010, p. 60)”. Portanto, não são mais os arcos do triunfo, fortalezas ou monumentos equestres, nem tampouco as catedrais, símbolos que remetem a uma cultura militar ou religiosa, que determinarão a imagem de poder. Na contemporaneidade, o poder será representado através de elementos que induzem ao prazer, onde poderá haver a participação coletiva da sociedade, sendo de fácil apropriação por parte dos visitantes, apesar de pertencer à classe dominante capitalista globalizada. Como descrito por Bonametti (2017), a arquitetura demonstrará o poder, refletindo os padrões políticos, econômicos, estéticos e culturais, integrando a arte e a técnica.

Foucault (1978), mesmo que não tenha falado explicitamente sobre a imagem da cidade, descreveu que uma nova imagem não deve evocar um poder somente repressivo, mas o poder deve determinar uma relação de prazer para que seja obedecido e, dessa forma, haja um controle. Dessa forma, a arquitetura monumental contemporânea, ao recorrer a formas

espetaculares, passou a ser um produto de marketing para a exibição e exposição da imagem turística e cultural de uma cidade. A cultura, através da arte menos erudita, engloba grandes parcelas da população e, assim, o museu foi convertido num objeto de consumo para proporcionar prazer, tanto de moradores, quanto de visitantes.

A arquitetura voltada à nova forma de poder encontrou um nicho na cultura. Assim, centros culturais e museus se transformaram nos ícones arquitetônicos mais usados nesse contexto, muitas vezes com volumetria em forma de arte contemporânea. Segundo o Ministério do Turismo (2018), o mundo contemporâneo criou a cultura do *Soft Power*, capacidade de os países influenciarem a política mundial por meio de sua cultura e não pelo viés econômico ou bélico, sendo que o turismo é um dos meios mais eficazes na propagação da cultura de um lugar.

A forma inusitada da edificação muitas vezes transforma-se na principal atração, despertando a surpresa e provocando experiências. Segundo Paiva (2014), a aproximação entre a arquitetura e a arte contemporâneas se revela também no interesse em despertar a surpresa, a interação com o objeto proposto, apostando na experiência sensorial e na percepção e interpretação individual do observador.

Recorrendo a formas esculturais, o objeto potencializa sua visibilidade, se tornando alvo da atenção também do público leigo. O projeto já anuncia a sua condição de ícone, pois é concebido como uma mercadoria, e seu valor símbolo é alcançado antes da sua construção. Através da cultura, o objeto, de forma impactante, direciona sobre ele o interesse da comunidade, transformando-se em ícone popular, tornando a nova concepção de museu numa vertente da política de desenvolvimento turístico de uma cidade. Como Pedro (2015) citou, os equipamentos culturais com sua plasticidade icônica refletem a modernidade de uma determinada cidade, transformando-se em símbolos de atração turística local. Distinguem-se em significado da restante arquitetura civil, deixando de responder primordialmente ao propósito utilitário, passando de produção de habitação, para a exibição e exposição da capacidade turística e cultural, revelando as características globais da modernidade.

Na lógica do consumo e da cultura da imagem, a tipologia arquitetônica do museu passou a ser uma das mais exploradas nas estratégias de divulgação e promoção turística e cultural das cidades. Conforme cita Vargas (2014), os ícones arquitetônicos que formam a imagem da cidade voltada para o turismo podem ser constituídos de duas ordens: os realizados sem o propósito turístico (legado da história, cultura, arquitetura e urbanismo) e os com esta intenção, onde a criação de novidades e atividades visam, para além da atratividade

do visitante, promover o seu retorno. Os museus<sup>9</sup> fazem parte da segunda ordem citada por Vargas (2014).

O tratamento dado aos museus como uma forma de atração ao desenvolvimento turístico não são da era contemporânea. Pedro (2015) afirma que seu início foi na década de 60, quando Paris saiu na frente com as *maisons de la culture*, no governo de Charles de Gaulle.

O conceito das *maisons de la culture*, espalhadas estrategicamente pelo território, tinham por objetivo a disseminação da cultura. Foi então desde as primeiras formulações da política das *maisons de la culture* que os equipamentos culturais passaram a estar no centro das reflexões. Este foi o momento-chave da tomada de consciência política quanto à verdadeira importância dos espaços e arquiteturas destinados à cultura, passando, a partir de agora, a serem valorizados como meio de difusão e como produto de aproximação cultural. Esta medida datada dos anos 60 é pioneira, e irá evoluir até aos dias de hoje. (PEDRO, 2015, p. 33).

O poder simbólico nos novos museus, também chamados de catedrais da cultura, deveria representar a importância do seu acervo interior no seu exterior. Por isso, a forma tem tanto destaque se tornando ícone de força e beleza, impactando o espaço urbano. Segundo a arquiteta Geise Pasquotto (2011, p. 55), um concurso realizado pelo então primeiro ministro francês (e logo após presidente) Georges Pompidou inseriu em Paris uma das primeiras formas do novo tipo de museu, causando impacto em toda a cidade. O Centro foi inaugurado oficialmente em 31 de janeiro de 1977 e, desde então, recebe anualmente cerca de 6 milhões de visitantes, sendo uma das obras mais visitadas na França, por turistas e por moradores que o frequentam como forma de lazer local (figura 1).

---

<sup>9</sup> Apesar das *Maisons de La Culture* serem um projeto do governo francês e a ideia se espalhar pelas grandes cidades, antes do Beaubourg ser inaugurado, os EUA já possuíam uma arquitetura com essas características. O último grande projeto do arquiteto americano Frank Lloyd Wright foi uma o Solomon R. Guggenheim Museum de Nova York, aberto ao público em 1959, seis meses após a morte do arquiteto. Sua arquitetura orgânica de formas curvas, familiar aos conhecedores da obra de Wright, foi criticada na época por contrastar completamente com a malha cartesiana de Manhattan, muitos críticos também afirmavam que o prédio competia com as obras exibidas no seu interior, e ainda havia a dificuldade de instalação de exposições de arte nas suas paredes inclinadas. Considerado mais monumento do que museu, o Guggenheim é uma obra prima da arquitetura (PEREZ, 2016).

Figura 1 - Centro Georges Pompidou, Beabourg



Fonte: Toussaint (2012).

A forma industrial apelativa e sensacionalista, fácil de memorizar, simbolizando a modernidade técnica foi um dos motivos do sucesso do Centro Pompidou, apesar de bastante criticado nos seus primeiros anos por destoar do entorno. O edifício, visto a partir da perspectiva histórica de hoje, é provavelmente o mais importante no mundo dentre os construídos na segunda metade do século 20. Maior exemplo da arquitetura que é reconhecida como *high-tech*, com a sua rigorosa separação entre os espaços de exposição no centro do volume arquitetônico e os espaços de apoio (equipamentos de circulação como elevadores e escadas rolantes, instalações etc.) situados dos dois lados maiores, na periferia do edifício, expostos nas fachadas. Segundo Campos (2016), o edifício, com sua clara e simples definição volumétrica e sua estrutura com forte impacto de imagem, recebeu críticas que o descreviam como “uma refinaria de petróleo” no centro da capital francesa.

O Centro, apelidado de Beaubourg (nome da região onde está situado), marcou o início de uma fase que dez anos mais tarde iria se consolidar como a espetacularização da arquitetura, tema que será abordado mais a frente. Sobre as críticas recebidas, Pasquotto (2011, p. 60) cita que, em relação ao edifício-entorno, diferentemente de outras intervenções, a França já tinha uma tradição em grandes projetos, portanto, por mais que a obra contrastante do Georges Pompidou tenha recebido diversas críticas, ela conseguiu ser absorvida pelos usuários e visitantes do local.

Vinte anos após Paris instalar o Pompidou, foi inaugurado Museu Guggenheim da cidade de Bilbao, inserindo a antiga cidade industrial nos roteiros turísticos da Europa, tornando-se um caso de sucesso na relação entre o turismo e centros culturais.

A arquitetura espetacular se afirmou como uma forma de atração turística, usando geralmente edificações voltadas à cultura, também sendo encontrada em estatais, mas encontrada mais raramente em projetos privados devido ao alto valor de investimento e risco. As formas impactantes geralmente precedem a um projeto estrutural de difícil execução, aliado à tecnologia de ponta, utilizando vários segmentos da construção em torno do projeto. Apesar das dificuldades e críticas, essa forma de arquitetura se transformou no ideal de projetos dos arquitetos por seus resultados de sucesso imediato, tendo exemplares espalhados pelo mundo<sup>10</sup>.

Em cidades históricas, a arquitetura monumental voltada ao turismo, de forma idealizada, não deverá descaracterizar a paisagem existente, preservando o espírito do lugar<sup>11</sup>. O Canadá, desde o início dos anos 90, já se preocupava em estabelecer regras para o turismo cultural. Em 1991, realizou o I Colóquio Internacional das Cidades do Patrimônio Mundial, reunindo delegados que representavam mais de quarenta cidades incluídas na Lista do Patrimônio. O produto deste encontro foi a adoção da Carta para a Preservação do Patrimônio do Quebec, adotada pelo Internacional Council on Monuments and Sites (ICOMOS). “O objetivo era tentar identificar a personalidade cultural do Quebec, ao mesmo tempo que encorajava as pessoas a pensarem antes de agirem respeitando o patrimônio (ASSUNÇÃO, 2017)”. O Canadá evoluiu no contexto do turismo cultural e a Carta da Paisagem de 2000 é um pequeno manual que demonstra a preocupação do país com a intervenção na paisagem, alertando para o respeito à cultura e ao espírito do lugar. A Carta conceitua paisagem e

---

<sup>10</sup> Alguns exemplos museus de formas espetaculares pelo mundo: Museu Oscar Niemeyer em Curitiba, Museu Real de Ontário no Canadá, Museu de Arte islâmica em Dakar, Museu Nacional de Arte em Osaka, Soumaya – Museu de Arte da cidade do México, Maxxi – Museu de Arte do século XXI em Roma, Cidade das Artes e da Ciência de Valencia, Museu Salvador Dali de Figueres, Liuli China Museum em Shanghai, Fundação Louis Vuitton, Kunsthaus na Austria, Museu de Ciências Naturais Perot em Detroit, Museu de Ordos na Mongolia, San Francisco Museum of Modern Art em São Francisco, Petersen Automotive Museum em Los Angeles, The Broad em Los Angeles, Museu do Amanhã no Rio de Janeiro, Museu das Confluências em Lion, Smithsonian Museum of African American History em Washington, Biomuseo no Panamá, Louvre de Abu Dabi, Reinhold Messner Museum em Tirol do Sul na Itália, Museu Internacional do Barroco em Puebla no México, SFMOMA em São Francisco, Tate Modern Switch house Expansion em Londres, Mocate na China, MAAT- Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia em Lisboa, Ragnarock na Dinamarca.

<sup>11</sup> Reconhecendo que o espírito do lugar é composto por elementos tangíveis (sítios, edifícios, paisagens, rotas, objetos) bem como de intangíveis (memórias, narrativas, documentos escritos, festivais, comemorações, rituais, conhecimento tradicional, valores, texturas, cores, odores, etc.) e que todos dão uma contribuição importante para formar o lugar e lhe conferir um espírito, declaramos que o patrimônio cultural intangível confere um significado mais rico e mais completo ao patrimônio como um todo, e deve ser considerado em toda e qualquer legislação referente ao patrimônio cultural e em todos os projetos de conservação e restauro para monumentos sítios, paisagens, rotas e acervos de objetos (ICOMOS, 2008).

estabelece princípios que orientam atores à reflexão e a consulta para a evolução da paisagem, abrangendo a interação humana e o meio ambiente.

Le paysage évolue constamment et à des échelles diverses. Que ce soit dans l'aire domestique privée, dans le champ des infrastructures publiques ou dans celui de l'exploitation industrielle des ressources, les paysages se transforment quotidiennement en fonction des choix individuels et des orientations collectives du moment. Le paysage inspire la culture dans la diversité de ses manifestations et l'enrichit ou l'appauvrit selon les choix d'activités ou de développement<sup>12</sup> (CHARTE DU PAYSAGE QUÉBÉCOIS, 2000)

A cidade de Porto em Portugal é um dos exemplos de como uma cidade histórica pode absorver uma arquitetura monumental e se inseri-la na paisagem.

Figura 2 - Casa da Música no Porto, Portugal



Fonte: OMA (2018).

A Casa da Música (figura 2), sala de concertos e sede da Orquestra Filarmônica do Porto, está situada numa nova praça projetada ao lado de uma histórica rotunda. Sua forma icônica se adequa ao espírito do lugar, apesar de se destacar na paisagem. A arquitetura de gabarito compatível com o entorno, em vidro e concreto branco que integram exterior e interior da edificação, e completa a paisagem de forma simples, ao mesmo tempo em que se impõe, criando uma nova imagem à parte histórica.

O projeto da Casa da Música, do arquiteto Rem Koolhaas, foi desenvolvido após o Porto ser eleito, em 2001, como Capital Europeia da Cultura. O Ministro da Cultura e da

<sup>12</sup> A paisagem está em constante mudança e em diferentes escalas. Seja na área doméstica no domínio das infraestruturas públicas ou no domínio da exploração de recursos industriais, as paisagens são transformadas diariamente de acordo com as escolhas individuais e orientações coletivas do momento. A paisagem inspira cultura na diversidade de seus eventos e enriquece ou empobrece dependendo da escolha de atividades ou desenvolvimento.

cidade de Porto fundaram a Porto 2001, uma organização que promoveu e realizou diferentes intervenções urbanas e culturais para a cidade. Dentre essas ações, foi realizado o concurso para a nova sala de concertos, situada no centro histórico, na Rotunda da Boavista. O objetivo era criar uma obra de impacto, trazendo para a cidade uma espécie de efeito Bilbao, com forma e materiais inovadores - concreto branco, azulejos e alumínio - o edifício solitário completou a paisagem do Porto, permanecendo sólido numa época de muitos ícones, conforme cita Carlos Delaqua (2014) em matéria para o ArchDaily.

O impacto da edificação foi tema de um debate ocorrido em 2016, sob o tema "Todas as músicas, todos os públicos", onde a ex-vereadora da Cultura da Câmara Municipal do Porto, Manuela de Melo citou em entrevista para o Jornal de Notícias: "É um projeto que ultrapassa a vertente arquitetônica, que não é apenas a casca, a casa, o que está em causa, mas um projeto que galvanizou toda a cidade. A construção da Casa da Música deixou uma marca na vida cultural, artística, social e até econômica".

"A escolha da música para uma edificação deve-se ao fato de que políticas culturais têm sido utilizadas para a regeneração urbana, incorporando novas preocupações relacionadas com a qualidade de vida das populações e a coesão social das cidades e dos territórios (QUINTELLA, 2011)".

Com o novo conceito de arquitetura consolidado, as edificações do Porto poderiam ousar nas formas. O efeito Casa da Música acontece. A partir desse marco, as formas da cidade transitam pacificamente entre as obras de mestres portugueses da arquitetura como Távora e Siza, e as novas ideias inauguradas na cidade por Koolhaas.

Verifica-se que esses símbolos arquitetônicos voltados à cultura modificam a imagem da cidade como um produto de marketing, estimulando o consumo e a venda dos lugares, ao mesmo tempo em que requalifica o local, inserindo novas formas e modificando o entorno. Sendo assim, a experiência do turismo, baseada no lazer e no consumo, torna-se uma prática de desenvolvimento econômico sustentável no processo de acumulação de capital contemporâneo.

No Brasil, aproveitando a visibilidade ocorrida com a Copa do Mundo no Brasil em 2014 e a eleição da cidade do Rio de Janeiro para sede dos jogos olímpicos de 2016, a prefeitura da cidade iniciou um projeto em 2009, num parceria público-privada, que previa uma série de intervenções na zona portuária. A região, que se apresentava degradada, passaria por uma requalificação urbana e retomada da qualidade de vida da cidade com foco na participação social e moradia popular. O plano de intervenção está situado numa área de 5

milhões de metros quadrados e foi batizado de “Porto Maravilha” (figura 3). O objetivo do plano, segundo a prefeitura do Rio de Janeiro (2015), era tornar o conjunto referência na cidade e retomar o crescimento urbano no vetor da área que integra ou em partes dos bairros do Centro, Santo Cristo, Gamboa, Saúde, Caju, Cidade Nova e São Cristóvão, criando um conjunto de edificações residenciais, comerciais, empresariais e culturais sob inovadora concepção urbanística e respeito aos princípios de sustentabilidade.

Figura 3 - Área de intervenção do Porto Maravilha



Fonte: Porto Maravilha (2018).

Segundo a turismóloga Fernanda Oliveira (2018), o Projeto Porto Maravilha, implementado em 2009 a partir da Lei Municipal Complementar nº 101, segue modelos de reabilitação de áreas de frente marítima como Barcelona e Buenos Aires, instituído através da Lei Complementar nº 102, com a criação da Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio (CDURP), empresa de economia mista, atrelando turismo e patrimônio às estratégias do programa.

O plano Porto Maravilha previu uma série de intervenções desde a mobilidade, com a integração de ciclovias, transporte público e instalação de veículo leve sobre trilhos (VLT), à sustentabilidade com o plantio de 15000 árvores, uso de telhados verdes, reaproveitamento da água pluvial e coleta seletiva. Houve também uma reestruturação da infraestrutura urbana (água, esgoto e drenagem), reparo na iluminação pública e a conservação e manutenção de monumentos históricos, conforme citado pela prefeitura do Rio de Janeiro.

Dois prédios icônicos servem como âncoras culturais do projeto Porto Maravilha: O Museu de Arte do Rio (MAR), projeto do escritório Bernades e Jacobsen, inaugurado em 2013, e o Museu do Amanhã (figura 4), do arquiteto espanhol Santiago Calatrava, construído como símbolo de requalificação da área e projetado com formas impactantes.

Figura 4 - Museu do Amanhã



Fonte: Porto Maravilha (2018).

Em março de 2017, dois anos após sua inauguração, o Museu do Amanhã ganhou o título de “Edifício Verde mais Inovador” do planeta, em premiação da MIPIM Awards, importante premiação do setor imobiliário ocorrida na França. Segundo o Ministério do Turismo (2017), o museu se tornou um principais dos cartões postais do Rio do Janeiro com a média de 5 mil visitantes por dia<sup>13</sup>, se tornando um importante exemplo para o turismo no Brasil, tanto em relação a sustentabilidade, quanto pela criação de atrativos que reforçam a movimentação de visitantes nos destinos nacionais.

### 2.1.1 O Efeito Bilbao

O ícone da arquitetura espetacular voltada ao desenvolvimento turístico mais comentado na era contemporânea é o Museu Guggenheim de Bilbao (figura 5), na Espanha. O museu inaugurou a era das arquiteturas espetaculares assinadas por arquitetos-estrelas. Suas formas causam surpresa e emoção, tanto agradáveis quanto desagradáveis, mas não passam despercebidas, e deram aos seus autores projeção e fama internacionais.

<sup>13</sup> Em 2018, o Museu do Amanhã superou a marca de 3 milhões de visitantes. Segundo o diretor-presidente da instituição, Ricardo Piquet, as exposições com temáticas que envolvem arte e ciência, orientadas pelos valores de sustentabilidade e convivência, além da sua forma futurista, contribuem para que o museu seja o mais visitado do Brasil e da América Latina (EXTRAGLOBO, 2018).

Utiliza-se aqui a expressão “efeito Bilbao” porque o museu não é um objeto isolado, uma vez que sua instalação causou uma transformação em cadeia no entorno da edificação, que foi pensada e planejada. O local foi preparado para receber o museu muito antes do seu projeto ter sido colocado no papel. E, após a inauguração do museu, estratégias foram criadas para que o movimento criado continuasse gerando desenvolvimento.

Figura 5 - Museu Guggenheim Bilbao, arquiteto Frank Gehry



Fonte: Pagnotta (2016).

Bilbao era uma cidade industrial, exclusiva de ferro, aço e construção de navios, e portuária no norte da Espanha, mas, após a crise da indústria em 1975, precisou diversificar suas atividades econômicas, investindo em serviços e cultura (BILBAO INTERNACIONAL, 2015). Assim, antes do museu, os representantes da cidade perceberam que deveriam promover mudanças urbanas para regenerar a cidade e, a partir delas, investir em serviços e na indústria cultural, gerando uma nova fonte de empregos.

Segundo o Bilbao Internacional (2015), o primeiro ponto de mudança foi na acessibilidade e na mobilidade urbana. Houve a ampliação do aeroporto e alargamento do Porto, reestruturou-se o metrô e se investiu em transportes públicos, bem como ainda houve a construção de novas ruas e avenidas para melhorar a mobilidade. Também aconteceu a

revitalização do rio Nérvion e a reorganização do *skyline* em torno da sua margem, com a retirada de velhos navios e equipamentos portuários que não funcionavam mais. No plano estratégico de mudanças, investiu-se em recursos humanos e tecnologia de inovação, tornando a cidade competitiva em termos globais.

Quando, em 1997, o idoso arquiteto americano Frank Gehry, vencedor do Pritzker de 1989, projetou o museu Guggenheim, a cidade já estava modificada e o museu era o ponto estratégico que faltava para ela entrar no competitivo roteiro das cidades turísticas, logo se tornando um clássico da arquitetura, conforme ArchDaily<sup>14</sup> (2016). O museu foi projetado com curvas em forma de flor, assemelhando-se a um barco quando visto de frente, referência ao passado portuário da cidade, fazendo a conexão da edificação com o rio que banha a cidade, Nérvion. A característica moderna vai além das curvas, evocada pelos materiais construtivos, titânio e vidro, sendo o metal também uma referência à indústria local.

De acordo com a arquiteta Mariana Bonates (2009), a cidade de Bilbao, após a construção do Museu Guggenheim, passou por uma transformação em sua estrutura urbana, deixando para trás suas características de cidade industrial e portuária com a construção de novos centros e prédios de formas icônicas, formando uma nova construção imagética da cidade no mundo contemporâneo dirigida pelo capital financeiro, bem como por uma economia cada vez mais dependente da obtenção de rendas de monopólio.

O modelo adotado nessa cidade provocou o chamado “efeito Bilbao”.

O chamado “efeito Bilbao” se transformou no exemplo mais emblemático da capacidade de impulsionar o desenvolvimento turístico a partir da construção de um ícone, uma vez que a cidade de Bilbao capturou subitamente a atenção mundial como sendo “a surpresa arquitetônica mais glamorosa deste fim de século. (OCKMAN, 2006, p. 261apud PAIVA, 2014).

O museu Guggenheim de Bilbao mudou a forma como os arquitetos contemporâneos pensam a respeito dessa tipologia, fazendo-os refletir sobre as relações existentes entre arte e arquitetura. Seu sucesso impulsionou a economia da cidade, com retornos verificados imediatamente após a sua abertura.

---

<sup>14</sup> O ArchDaily é uma empresa de tecnologia que cresce rapidamente, que inspira, traz ferramentas e conhecimento aos 13.6 milhões de arquitetos que o visitam todos os meses. Com sede no Chile, canais em Inglês, Espanhol e Português, e mais de 60 novos projetos publicados diariamente, é o site de arquitetura mais visitado no mundo ( ARCHDAILY, 2018).

Segundo Brian Pagnotta (2016), arquiteto americano e correspondente do ArchDaily, durante os primeiros três anos de operação, quase 4 milhões de turistas visitaram o museu Guggenheim Bilbao, gerando cerca de 500 milhões de dólares em lucros. Além disso, o gasto dos visitantes em hotéis, restaurantes, lojas e transportes recolheu mais de 100 milhões em impostos, o que mais do que compensou o custo do edifício.

O chamado “Efeito Bilbao”, considerado um *case* de sucesso, começou a ser copiado pelo mundo, provocando uma explosão de “Arquiteturas de Grife”<sup>15</sup>, também conhecidas como Espetaculares ou de Impacto. Sabe-se que o valor para a construção de uma edificação desse porte é muito alto. Assim, deve haver cautela quando se pondera essa solução. Estudos de viabilidade financeira para a construção e a manutenção, bem como de retorno econômico direto e indireto, devem ser realizados, projetando o estudo para além dos primeiros anos de funcionamento.

O caso do museu de Bilbao deu certo por um conjunto de fatores.

Pode-se apontar como uma das causas do sucesso a parceria público-privada. O governo basco financiou a construção, enquanto a fundação comprou as obras de arte e passou a controlar o acesso. Havia o interesse do Estado em revitalizar uma rica área degradada e havia o interesse da fundação Guggenheim na expansão de seus museus pelo mundo. O nome Guggenheim é uma grife<sup>16</sup>, portanto já é uma forma de propaganda. Seus museus são conhecidos não somente pelo acervo ou exposições que realizam, mas também pelas formas arquitetônicas sempre projetadas por renomados arquitetos. O mais antigo museu Guggenheim, situado em Nova York, foi projetado por um dos maiores arquitetos americano, Frank Lloyd Wright. Portanto, presume-se que a parceria Guggenheim e governo espanhol e a escolha de Frank Gehry para projetar não foi aleatória.

Outro fator que contribui para o sucesso é que, sendo Bilbao uma cidade industrial, por isso e nesse caso, há riqueza circundante. A população de uma zona industrial é composta por funcionários, que necessitam de toda uma infra-estrutura para morarem próximos do seu local de trabalho, e por executivos, pessoas com maior poder aquisitivo, que gastam mais nas horas de lazer e investem em outras atividades. Através dos seus trabalhadores, a indústria

---

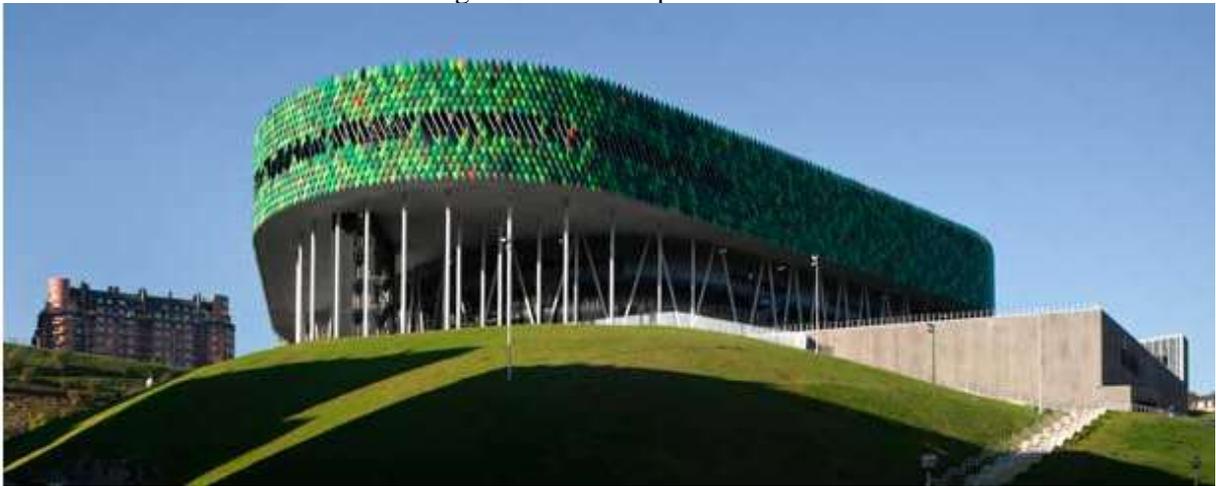
<sup>15</sup> A arquitetura se consolida como marco na produção da paisagem acionando seu papel de protagonista, através da inserção de edifícios emblemáticos em diferentes cidades, projetadas por arquitetos de renome internacional, que atualmente são considerados “starchitects”, ou “estrelas da arquitetura” (CARVALHO, 2011).

<sup>16</sup> O Guggenheim é uma fundação vinculada a atividades culturais que vêm promovendo a arte de vanguarda desde o século 20. Essa fundação é composta por uma rede de museus: dois em Nova York<sup>13</sup>, um em Veneza, um em Berlim e um em Bilbao. Desses, os mais conhecidos mundialmente são o de Bilbao e o pioneiro Guggenheim, em Nova York, inaugurado em 1959 – um edifício curioso projetado por outro famoso arquiteto, o americano Frank Lloyd Wright. Acrescente-se, ainda, o Hermitage Guggenheim, em Las Vegas, do escritório comandado pelo arquiteto Rem Koolhaas (OMA Architecture), de 2001 (BONATES, 2009).

pode contribuir para o desenvolvimento da cidade e receber uma obra de grande impacto como um museu, pois possui pessoas que irão investir no lazer e outras que poderão aproveitar o impacto da edificação, requalificando o entorno com novos investimentos.

Assim, quando a arquitetura do museu se tornou um ponto de visitação mundial, a cidade se transformou. Novos empreendimentos surgiram com formas icônicas, de *starchitectes*, como o próprio Frank Gehry e Santiago Calatrava<sup>17</sup> e também novos arquitetos, atraindo ainda mais investidores e projetando Bilbao para o mundo com a imagem de cidade do futuro.

Figura 6 - Bilbao Sport Arena



Fonte: Bilbao Internacional (2015).

O Bilbao Sport Arena (figura 6), um centro esportivo que inclui ginásio e piscina, inaugurado em 2010, foi projetado pelo escritório espanhol ACXT, sendo um exemplo das novas formas arquitetônicas que se instalaram em Bilbao após o Museu Guggenheim.

O modelo de Bilbao acabou se tornando referência para intervenções urbanísticas de áreas degradadas. Apesar de não ser citado como exemplo usado no projeto do Porto Maravilha, não se pode deixar de notar similaridades entre eles, desde os conceitos de mobilidade e habitação, até as formas icônicas e espetaculares dos seus museus.

## 2.2 CRÍTICAS À ESPETACULARIZAÇÃO ARQUITETÔNICA

O termo espetacularização vem do título do livro do pensador francês Guy Debord, “A Sociedade do Espetáculo”, de 1967. A arquitetura da contemporaneidade se torna um

<sup>17</sup> Santiago Calatrava, arquiteto, engenheiro e artista mundialmente conhecido, é associado a um estilo "neofuturista" e famoso pelo virtuosismo estrutural de suas obras. Possui escritórios em Nova York, Dubai e Zurich. Sua arquitetura é premiada e conhecida internacionalmente (OH, 2017).

elemento de espetáculo, o resultado e o projeto do modo de vida existente, justificado na sua forma e conteúdo. É a afirmação da escolha feita na produção: o consumo.

Apesar de vantagens que podem ser verificadas no aumento do desenvolvimento turístico e conseqüentemente na melhoria da qualidade de vida de parte da população, a arquitetura monumental ou espetacular contemporânea recebe muitas críticas, pois a função primordial da arquitetura é deixada de lado para se obter um objeto que seja visualmente impactante.

Lynch (2006) afirmou que a percepção da cidade é fragmentada e parcial, mas, para provocar o prazer, precisa formar uma unidade harmoniosa, ter legibilidade, construindo uma relação entre o ambiente e o indivíduo. Há de se questionar sobre as obras icônicas, para saber se são executadas para atender a população, conectando-a à cidade, ou se são somente produtos para formação de um cenário turístico.

Como obra de arte, a novidade artística apenas consegue comover o indivíduo, caso toque algo que ele já possui em sua memória, pois, do contrário, pode gerar uma surpresa com emoções tanto agradáveis quanto desagradáveis. Segundo Pallasma (2018, p. 33): “toda obra de arte profunda certamente nasce da memória, não de uma invenção intelectual sem raízes.” Esse seria mais um fator de questionamento sobre arquiteturas monumentais contemporâneas, para serem mais assertivas na emoção que irão gerar aos espectadores, devendo existir um prévio e sério estudo dos valores culturais e históricos da cidade antes das instalações desses equipamentos. É fato conhecido que a cultura e a história criam uma relação de pertencimento que poderá criar, a *posteriori*, uma relação de afetividade entre objeto e espectador.

Atualmente, a arquitetura dos grandes escritórios está voltada para construção de edifícios e intervenções urbanas.

Benévolo (2006, p.53) afirma que as obras que têm êxito são geralmente peças especiais, raramente de tecidos edificados normais, muitas fracassam ou não saem do papel.

As obras que possuem tendências a serem duráveis ao tempo são as que respeitam a história cultural do lugar onde esta inserida. Em outras palavras, o objeto arquitetônico deve ser próprio para o local de sua inserção, não devendo tirar a legibilidade do local e nascendo, como marco, da memória coletiva. Dessa forma, um objeto arquitetônico poderá ser percebido como monumento ou um marco, gerando sentimentos de prazer ou ordem, sobrevivendo ao tempo ou a mudanças.

Cada projeto arquitetônico é feito para um lugar, incorpora suas características e as devolve, modificando o contexto. Cada artefato colocado

em lugar tem uma vida que ultrapassa as circunstâncias de seu emprego inicial, e deve ser equipado para sobreviver, tornando-se o cenário para transformações futuras. (BENEVOLO, 2006, p. 28).

Apesar do respeito à cultura local, existe na arquitetura contemporânea a tese de internacionalização, com características diferentes da iniciada no modernismo da Bauhaus<sup>18</sup>. Como Benévolo argumenta, o mundo está novamente articulado em escala mundial, segundo uma geografia determinada pelas heranças locais que o movimento moderno revelou, pelas trocas ocorridas e suas anomalias. Com a facilidade da comunicação, é fácil reconhecer as diferenças, mas ainda é difícil diminuí-las.

A busca pelo exclusivo faz com que os arquitetos da era contemporânea, ao contrário dos modernos, não procurem soluções universalizáveis para serem reproduzidas em grande escala. O objetivo é a produção da exclusividade, obras únicas, associada a assinaturas de arquitetos-estrela e de seus patrocinadores, aumentando o potencial de renda monopolista da mercadoria. O sucesso estrondoso de algumas obras e seus arquitetos, contudo, acaba estimulando a repetição das mesmas fórmulas projetuais, reduzindo a cada duplicação de volumetrias similares sua competência para gerar rendas de exclusividade. A arquitetura de marca tem assim um limite comercial que a obriga a adotar soluções inusitadas e sempre mais chamativas: se diversas cidades almejarem uma obra do mesmo arquiteto-estrela perderão progressivamente a capacidade de capturar riquezas por meio de projetos desse tipo. E mesmo que haja uma constelação de arquitetos à disposição, o conjunto das exceções se reproduzindo incessantemente, com operações técnicas, formais e financeiras similares, promove inevitavelmente um efeito de saturação. (FIORI, 2016).

A sociedade capitalista banalizou o espaço, homogeneizando-o e tornando-o cada vez mais idêntico e monótono. “A proclamação da beleza, tendência mais moderna da cultura espetacular, e a mais ligada à prática repressiva da organização geral da sociedade, procura recompor, através de trabalhos de conjunto um meio neo-artístico complexo através de elementos decompostos, procurando integrar o indivíduo pulverizado no todo”. (DEBORD, 2003).

---

<sup>18</sup> O livro de Walter Gropius de 1925, *Internationale Architektur*, abre a série da *Bauhausbücher*, livros publicados pela escola alemã de arte Bauhaus fundada por Gropius em 1919. O ideal da escola era de unir engenheiros, arquitetos, pintores, artesãos, designers e artistas industriais, pesquisando e construindo protótipos à serem produzidos em escala industrial, atendendo, por um lado as necessidades da sociedade alemã, por outro ideal comunitário de levar a arte moderna à todos os níveis sociais criando assim o artista-artesão. O nazismo via o seu estilo internacional como uma ameaça, por esse motivo foi fechada em 1933. Com a imigração dos seus professores para a Europa e Estados Unidos após o seu fechamento, seu pensamento espalhou-se pelo mundo causando profundo impacto no pensamento do século XX (RIBEIRO; LOURENÇO, 2012).

A busca por formas impactantes para sucesso imediato muitas vezes resulta em objetos com formas repetidas (figuras 7 e 8), sem preocupação com o lugar onde será inserido. É como se a mesma edificação que deu certo fosse replicada em outros sítios.

Figura 7 e 8 - Edifício Swiss Re em Londres à esquerda e Torre Agbar em Barcelona à direita



Fontes: Batista (2015) e Newtrade (2014)

Hoje, a principal área de atuação de grandes escritórios de arquitetura diz respeito a áreas limitadas ou edifícios isolados, criados para atrair o olhar. O produto arquitetônico é muitas vezes criticado, pois se transforma em obras de valor comercial sem preocupação com a conexão com a cidade. Koolhaas, o mesmo que defende o design, chama a arquitetura presente nas cidades contemporâneas de produto moderno e pejorativamente de *junkspace*, espaço-lixo.

Se lixo espacial é o entulho humano que atravessa o universo, o Junkspace é o remanescente que a humanidade deixa no planeta. [...] O produto construído da modernização não é a arquitetura moderna, mas o espaço-lixo. O Junkspace não pode nem ser lembrado. É chamativo, mas não memorável, como um protetor de tela, sua recusa em endurecer garante amnésia instantânea. O Junkspace não pretende criar a perfeição, apenas interesse. Através do Espaço Lixo a antiga aura é revivida com novo brilho para gerar uma repentina vitalidade comercial: Barcelona fundiu-se com as Olimpíadas, Bilbao com o Guggenheim, 42 com a Disney. Deus está morto, o autor está morto, a história está morta, só o arquiteto ficou de pé... uma piada ofensiva de evolução... [...] Seu papel não é aproximar o sublime, mas minimizar a vergonha do consumo, fazer o embaraço fluir, baixar o que é alto demais. (KOLLHAAS, 2001).

Observa-se que há semelhança na crítica de Benévolo (2006) e de Koolhaas (2001), quando concordam que o resultando da imagem da cidade formado pela arquitetura monumental atende mais a especulação imobiliária do que a coletividade.

No contexto contemporâneo, Lefebvre (2006) dialoga com Benévolo e Koolhaas, citando que a prática espacial se caracteriza por uma universalidade de assujeitamento da sociedade inteira à prática política e ao poder de Estado, com emprego de utopias tecnológicas utilizadas no intuito de sucesso imediato. A arquitetura contemporânea não se importa com a função e as pessoas compram a partir da imagem.

Os espaços universais ganham em caráter global, mas perdem o valor histórico e o caráter individual. É a banalização da arquitetura, na busca da sociedade do espetáculo batizada por Debord (1967), que torna a quantidade de imagens visuais exclusivas numa cena monótona, resultando no junkspace de Koolhaas (2001).

A sensação de prazer que o símbolo arquitetônico proporciona como feito visual esconde algo muito importante, que faz o observador tomá-lo como imprescindível. Lefebvre (2006) diz que o ícone arquitetônico propicia uma vantagem, ilusória ou real, sendo a aparência o suporte de signos e significações falaciosas.

O espaço urbano, ao seguir uma lógica visual estratégica determinada pelos donos do poder, faz com que o observador perceba a verticalidade e a autoridade dos edifícios públicos e estatais, formando uma ordem mental que situa o observador e, ao mesmo tempo demonstra a sua insignificância diante do monumento. Através das edificações monumentais, estabelecidas como marcos, a ordem social é definida pelos grupos dominantes.

O espaço pode ou não se estabelecer com sucesso, pois os fatores determinantes para o fato serão definidos pelos usuários da cidade que podem transformá-lo, adaptando-o, com sua inserção às suas relações cotidianas, ou rejeitando-o. Para ser reconhecido no imaginário coletivo, o espaço precisa atender a coletividade. O símbolo inserido pode ser apreciado pelo valor histórico, afetivo, psicológico ou prático. Não atendendo as premissas, o símbolo de exclusivo passa a ser um monumento isolado, que, com o tempo, acabará degradado, assim como o seu entorno.

Observa-se que, em projetos de impacto turístico, um grande investimento de capital se faz necessário, pois a relação entre Estado e grandes corporações é uma estratégia para a realização desses projetos, mas nem sempre o retorno é voltado para a sociedade, uma vez que, na maioria, é para as empresas investidoras e para uma parte da população que tem capital para investir em áreas requalificadas. Geralmente, o retorno de capital é o objetivo

principal dessa arquitetura, transformada em negócio e resultando em espaços espetaculares e cenários turísticos.

O exemplo do Porto Maravilha, com a inserção do Museu do Amanhã e transformação da região em área turística, ilustra o processo de valorização da região em prol do poder imobiliário. Observou-se que, após a implantação do projeto, houve uma mudança no eixo principal que se constituía na construção de habitações populares na região<sup>19</sup>, em que a prioridade era a participação e a permanência da população local, além da produção de habitações de interesse social nos imóveis públicos edificadas, modificando-se para a intensa especulação imobiliária em torno nos terrenos vizinhos, aumentando o valor latifundiário e exercendo uma gentrificação local<sup>20</sup>.

No que diz respeito ao direito de moradia dos habitantes da região, a Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa e das Olimpíadas estima que dezenas de milhares de pessoas (170 mil, segundo estimativas conservadoras), vêm tendo o direito à moradia violado ou ameaçado direta ou indiretamente pelas obras. (OLIVEIRA, 2018).

Segundo Unisinos (2018), o Porto Maravilha corre o risco de se transformar em um bairro como a Barra da Tijuca, sem vida nas calçadas e com altos prédios (efeito colateral dos Certificados do Potencial Adicional de Construção, os Cepacs, que autorizam a construção de andares acima do limite definido pelo zoneamento da cidade), já que especialistas entendem que não foram criadas formas integradas de uso do espaço público. Percebe-se que, com a privatização de uma zona inteira da cidade, não há foco na criação de habitação de interesse popular, mas o objetivo é criar um modelo rentável para o mercado imobiliário privado.

---

<sup>19</sup> Segundo Unisinos (2018), a área do Porto Maravilha equivale a quase um terço do centro da cidade. De acordo com o Censo de 2010, em sua imensa maioria os habitantes da zona portuária são de baixa renda: dos 10.098 domicílios da região, apenas 611 possuem renda maior que três salários mínimos. Entre as favelas, a mais antiga do Brasil, o morro da Providência, reúne a maior parte dos moradores, concentrando 1.237 domicílios. Com pouca densidade populacional e muito terreno disponível, transformar a região com o aumento de moradias sempre foi uma das prioridades das políticas públicas de urbanização para o local.

<sup>20</sup> A União era dona de mais de 60% dos terrenos na região do Porto Maravilha com potencial para construção, sendo o projeto liderado por 6 anos pelo Ministério das Cidades. Em 2009, O Ministério das Cidades foi afastado do projeto e as principais diretrizes foram elaboradas e executadas pelas construtoras OAS, Odebrecht e Cristiani Nielsen. O termo gentrificação é atribuído originalmente à socióloga Ruth Glass, que em 1964 utilizou a expressão para descrever um processo iniciado em 1950 no centro de Londres, quando algumas áreas residenciais deterioradas, tradicionalmente ocupadas por operários, estavam sendo transformadas em áreas residenciais para grupos de status socioeconômico mais elevado (FURTADO, 2011 apud GEVEHR, 2017).

### **3 A IMAGEM DA CIDADE DE SALVADOR ARQUITETONICAMENTE CONSTRUÍDA**

#### **3.1 IMAGENS ARQUITETÔNICAS DA CIDADE DE SALVADOR**

As arquiteturas monumentais em Salvador que servem como atração ao desenvolvimento turístico se diferenciam das novas arquiteturas impactantes que acontecem atualmente em cidades globalizadas voltadas ao turismo. É necessário um entendimento histórico para perceber as imagens da cidade de Salvador construídas através dos seus símbolos arquitetônicos na tentativa de modernizar a cidade, criando novas atrações ao turismo<sup>21</sup>.

Segundo Mello (2004), as imagens construídas para a cidade de Salvador, nem sempre reais, tiveram propósito diferenciado e, ao longo do século, observam-se três momentos em que a arquitetura pontuou a construção dessas imagens: a cidade-fortaleza, a cidade modernizada (que pode ser entendida desde a abertura dos portos) e a cidade turística.

No primeiro momento, ainda no período colonial, a cidade de Salvador era uma cidade-fortaleza, desempenhando papel estratégico de defesa e palco de expansão do domínio português. O objetivo da construção dessa imagem era mostrar aos patrícios que estavam seguros, mesmo longe das terras lusitanas, demonstrando a defesa das benfeitorias e evitando ataques, tanto dos indígenas quanto de invasores estrangeiros e, dessa forma, também pontuar o poder de domínio de Portugal.

Segundo o arquiteto e historiador Francisco Senna (2015), Salvador nasceu, “uma fortaleza e povoação grande e forte”, fundada com ordem expressa e carta de recomendações (ou “ordem e maneira”), além de um planejamento e um projeto definidos (ou “traças e amostras”). Identifica-se no projeto cinco finalidades e vocações que norteavam o perfil e o desenvolvimento da futura cidade: 1. Ocupação e Povoação, 2. Defesa do Território, 3. Governança e Administração, 4. Expansão do Cristianismo, 5. Importação e Exportação.

A cidade de Salvador representava o poder da coroa portuguesa em terras distantes e, conforme descreve Fernanda Terra (2015), o senso comum no Renascimento era que a cidade deveria ter muralhas, contar com um bispo e uma catedral e ser um centro comercial que servisse de base para funções governamentais como arrecadações de impostos e a administração da cidade. Assim, a paisagem urbana da Salvador colonial era marcada por

---

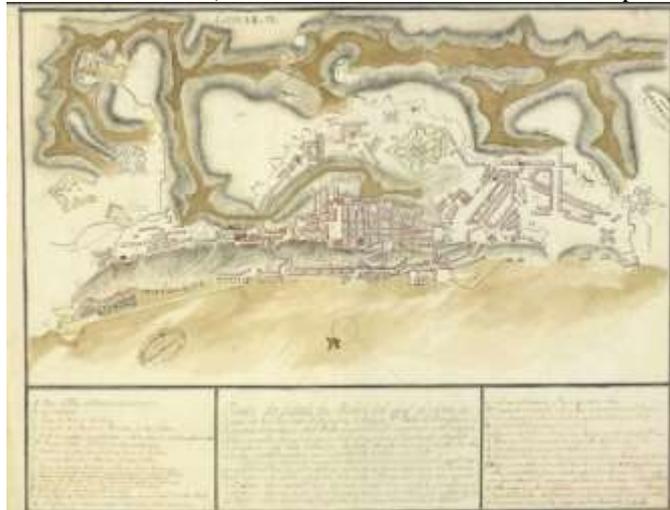
<sup>21</sup> Salvador possui quase 3 milhões de habitantes e possui uma extensão territorial de 692, 818 Km<sup>2</sup> (IBGE, 2018). Seu turismo é direcionado ao seu patrimônio material e imaterial de valor histórico e cultural, com arquiteturas que foram realizadas sem intenção turística.

símbolos que representavam a imagem de uma cidade com certa importância: palácios, edifícios religiosos, fortificações, casa da Câmara, casa da Cadeia e praças.

O mestre Luís Dias, nomeado por Tomé de Souza como mestre da fortaleza e obras de Salvador, trouxe consigo o esboço de cidade, as ditas traças, desenhado pelo mestre português Miguel de Arruda, para ser adaptado à cidade de Salvador. Segundo Terra (2015), os engenheiros militares, pelo alto grau de formação, estavam ligados a estruturação da malha urbana, identificando, demarcando e edificando os principais marcos do poder da metrópole, realizando obras de construção civil como pontes, colégios, igrejas e edifícios governamentais e fortes em pontos estratégicos.

Conforme Terra (2015), uma das primeiras plantas da cidade de Salvador (figura 9) foi concebida no século XVII, pelo engenheiro militar francês a serviço de Portugal, João Massé. A intenção da planta era realizar estudos e planejar a defesa da área urbana e do porto, contando, para isso, com a colaboração de militares. Segundo ela, nota-se na descrição das primeiras plantas a preocupação quanto a percepção da topografia da cidade e demonstrar a segurança através das muralhas e fortes.

Figura 9 - Planta da Cidade da Bahia (Luís dos Santos Vilhena, 1801, cópia de João Masse, 1624)



Fonte: Terra (2015).

A planta original foi copiada na íntegra um século depois por Luís dos Santos Vilhena e em Notícias Soteropolitanas e Basílicas, cartas redigidas entre 1797 e 1798, publicadas em 1801, descrevendo a planta:

Planta da Cidade da Bahia tal qual a elevou no tempo do Vice-Reinado do Marquez de Angeja, D. Pedro de Noronha, o Brigadeiro engenheiro João Massé, na qual se não so o âmbito que então ocupava, como a muralha, o

Dique com que os Holandeses haviam guarnecido pela parte da Companha, o que tudo se acha hoje destruído. A accedem mais os projetos das obras que aquele Engenheiro queria se fortificasse a Cidade e o seu Porto. Advirto que não juntei os muitos edificios e acrescimo considerável e mudanças que a Cidade hoje tem por não adulterar a planta de hum Engenheiro tão recomendável. Unicamente additei o declive da terra para o Dique, para desvanecer a persuasão em que alguns estavam, de que elle corria anível com a cidade pello não verem indicado em alguma planta infiel qe posasa ter aparecido. Tudo para melhor clareza das cartas em que descrevo topograficamente a cidade, e trato da sua fortificação. (TERRA, 2015).

As imagens cartográficas da cidade de Salvador realizadas entre os séculos XVI e XVIII demonstram a preocupação com sua defesa, devido a importância da cidade para a coroa portuguesa, que, na época, recebia de Portugal tratamento diferente das colônias das Índias orientais. Percebe-se que Salvador era tratada como uma cidade portuguesa fora do território de Portugal, tanto pela fé que os portugueses trouxeram consigo e se espalhou com as diversas ordens religiosas, quanto pela preocupação com a garantia da segurança da cidade e do porto, atendendo as finalidades dos traçados de Portugal.

A cartografia tinha grande importância para a intenção portuguesa de explicitar o seu domínio sobre terras, muitas das quais impossíveis de demarcar fisicamente, conforme citam os arquitetos Eloisa Pinheiro e Marco Aurélio Gomes (2005).

De acordo com Senna (2015), a partir do decreto de D. João III, em dezembro de 1548, também conhecido como Regimento de Tomé de Souza, a análise da evolução da cidade de Salvador, desde a sua fundação até os dias atuais, pode ser resumida no desdobramento e concretização das finalidades e vocações, definidas fundamentalmente.

Figura 10 - Urbs Salvador (Arnaldus Montanus, 1671)



Fonte: Terra (2015).

A gravura Urbs Salvador (figura 10), originalmente desenhada por Arnaldus Montanus em 1671, foi a imagem que mais circulou pela Europa, copiada por diversos autores<sup>22</sup> sendo ligeiramente modificada e acrescida de embarcações em alguns casos. A imagem demonstra uma cidade planejada, murada, com porto movimentado, religiosa e defendida por fortes. Estão pontuadas as principais edificações e marcos da cidade: o convento do Carmo (A) e a Porta do Carmo (B), o Colégio dos Jesuítas (C), o Convento de São Francisco (D), a Basílica (E), a cadeia (F), Palácio do Vice-Rei (G), Porta do São Bento (H), Subúrbio (I), Convento de São Bento (K), Armazém (L), Castelo marítimo (Forte de São Marcelo) (M), águas mediterrâneas (Dique) (N), Castelo de São Alberto (O).

Acontecimentos econômicos transformaram a imagem da cidade, que supera a condição de cidade-portuária e começa a se situar como cidade-terciária, com forte intenção

<sup>22</sup> A Urbs Salvador foi gravada por Peter Schenk de forma simplificada e sem legendas em 1702. Novamente publicada por Pieter Van der AA em 1729, idêntica a de Montanus. Em 1754 aparece sem legenda com a autoria de Thomas Doesburgh e 1740 foi gravada por um anônimo e publicada em espanhol.

de se mostrar modernizada, deixando para trás o passado colonial. A cidade vai se remodelando de acordo com as novas necessidades e a arquitetura é a melhor forma de demonstrar a nova imagem.

A chegada da corte portuguesa em Salvador e a abertura dos Portos às Nações Amigas, ambos os eventos ocorridos em 1808, marcaram uma série de modernizações na cidade, trazendo também comerciantes estrangeiros para a Bahia. Ao pisar em terra firme, a imagem da colônia que foi registrada para o monarca português não foi das melhores. Segundo o historiador Antônio Risério (2004), “a cidade era suja, miserável e de um mau cheiro exasperador. Fezes eram jogadas na rua, havia lojas barulhentas e animais soltos. Esse era o retrato da área baixa, onde se concentrava a população mais pobre.”

Cabia ao rei D. João transformar Salvador, por motivos políticos<sup>23</sup>, e o Rio de Janeiro, segunda capital do Brasil, em cidades portuguesas nas Américas com recursos urbanos próximos dos existentes na Europa. No curto período que permaneceu na Bahia, o monarca criou a escola médico cirúrgica, primeiro curso de nível superior no Brasil, mais tarde transformada na Faculdade de Medicina, feito que iria agradar bastante os baianos inconformados com a mudança da capital para o Rio de Janeiro e a criação da primeira praça do Comércio do Brasil. A cidade desejava possuir ares europeus e estilos arquitetônicos foram copiados, a arquitetura colonial dos casarões foi modernizada com adereços de fachadas e instalação de vidros nas janelas, ao tempo que era modernizada para se consolidar na nova imagem de metrópole portuária voltada para o comércio exterior.

Entre 1810 e 1818, segundo Senna (2015), os aterros na cidade baixa ampliaram o Porto e formaram uma nova paisagem com a construção de novas edificações como a nova sede da Praça do Comércio da Bahia (figura 11), atual Associação Comercial da Bahia.

---

<sup>23</sup> A mudança da capital do Brasil para o Rio de Janeiro desagradou os baianos que precisam de motivos para não se rebelarem contra o Rei que tinha planos de transformar Salvador em grande porto comercial.

Figura 11 - Associação Comercial da Bahia



Fonte: Associação Comercial da Bahia (2018).

A cidade alta, desde a concepção da cidade, teve uma imagem diferente da cidade baixa. Apesar da pouca higiene existente em toda Salvador, o mau cheiro e calor se diluíam na imagem de cidade agradável do ponto de vista arquitetônico e urbano, com praças, chafarizes e igrejas grandiosas. A cultura e arte são inseridas na malha urbana da cidade alta, com vista para o mar, através do monumental Theatro São João (figura 12), inaugurado em 1812, num estilo eclético europeu com muitos adereços de fachada e materiais nobres, além de gradis e vidros, demonstrando que a cidade era cosmopolita.

Figura 12 - Theatro São João



Fonte: Bahia- turismo (2018).

Comerciantes estrangeiros formaram a nova burguesia soteropolitana. Os estrangeiros, que haviam chegado com a abertura dos Portos, continuaram a se instalar após a independência, atraídos por uma série de investimentos de infraestrutura e serviços urbanos, que transformaram a imagem de Salvador para a de metrópole moderna.

A cidade de Salvador continuou a crescer durante o século XIX, em números de habitantes e em investimentos públicos e privados, atraindo viajantes que se instalam nas cumeadas da cidade, criando novos bairros, e construindo edificações monumentais. Segundo Senna (2015), a península de Itapagipe, o Campo Grande e o Corredor da Vitória, os bairros da Graça, Barra, Canela, Garcia, Nazaré e Brotas, dentre outros, constituíram-se na cidade moderna equipada com edificações neoclássicas, que contrastavam com os sobrados geminados do centro antigo.

Segundo Mello (2004), no início do século XX, a cidade idealizada era ilustrada em postais que representavam os bairros da Graça, Barra e Vitória, bairros burgueses onde se construía palacetes em estilo renascentista italiano ou clássico francês com jardins floridos e em ruas arborizadas, à moda europeia.

A nova elite burguesa utilizou a arquitetura clássica ou eclética para substituir a colonial, considerada antiquada, utilizando a imagem arquitetônica como forma de representação de seu poder emergente, como pode se verificar num dos exemplares remanescentes, o Solar Cunha Guedes (figura 13).

Figura 13 - Solar Cunha Guedes, corredor da Vitória



Fonte: Prado (2016).

Segundo Almeida (2011), a casa burguesa procurava romper com o passado colonial, com novas ideias de conforto e privacidade, expressando nos seus elementos figurativos o status dos proprietários, que ostentavam em relevo suas iniciais nas platibandas. Refletia o dilema da cidade entre a modernidade e a forte herança do passado colonial nos hábitos de viver, de morar e na arquitetura daí resultante.

Para Sampaio (2015), a cidade do Salvador passou por períodos distintos na urbanização e arquitetura, sendo que, nos fins do século XIX e primeira metade do século XX, realizou-se a primeira expansão urbana.

O período de expansão marca o início da trajetória de uma arquitetura modernista baiana. Essa é a segunda imagem da cidade de Salvador influenciada pela arquitetura, que pode ser dividida em dois períodos, o imperial, descrito anteriormente, e a modernização no período republicano.

Apesar do crescimento e desenvolvimento arquitetônico, essa fase não foi tão grandiosa quanto às realizadas no sul e sudeste do país, onde a economia industrializada patrocinou a urbanização e modernizou as cidades. Sampaio (2015) cita que a Bahia não se modernizou com indústrias de grande porte, mantendo a economia baseada nas lavouras, principalmente de cacau e fumo, que não tinham poder de atender um grande mercado<sup>24</sup>.

Nessa época, para driblar imagem de crise, a imagem da cidade de Salvador era vendida destacando a paisagem natural, conforme descreve Mello (2004):

Entretanto, a imagem da cidade não se deixa ofuscar pela crise econômica, e, enquanto se buscavam alternativas, Salvador se afirmava soberana pelo seu múltiplo potencial imagético, tendo, na situação geográfica, o primeiro ponto a seu favor. Bela, pela própria natureza, a morfologia do espaço urbano precisava apenas de alguns retoques, para responder às necessidades da imagem que deveria ser construída para uma cidade moderna, fascinante e sedutora.

A paisagem natural é um valor inerente que atrai o turista, assim como os bens culturais e históricos, mas, como foi descrito no capítulo anterior, a imagem precisa se reinventar e inovar sempre, assim a cidade de Salvador sentiu a necessidade de se modernizar.

As obras voltadas à modernidade foram pontuais e simbolizavam a tendência nacional à modernização, contradizendo a letargia da indústria citada por Sampaio (2015),

---

<sup>24</sup> Em 1955 foi elaborado em documento denominado de “Pastas Rosas” por solicitação do governador eleito Antônio Balbino, onde argumentava-se que a instabilidade da economia baiana decorria de sua dependência da agricultura (vulnerável a secas) e do comércio exterior (termos de intercâmbio) e propunha-se a diversificação da produção, o desenvolvimento da indústria e o estabelecimento de maiores vínculos com os mercados locais e nacionais (CAVALCANTI, 2008).

conhecida como o enigma baiano. A cidade histórica sem traços de industrialização coexiste, nessa época, com elementos modernos, sobrevivendo da agricultura comercial e, assim, seu centro é reformado. “É uma cidade-terciária que cresce sob a ausência de um dinamismo industrial próprio, onde as atividades capitalistas especulativas ganham terreno, direta ou indiretamente, à custa da agricultura comercial. (SANTOS, 1959 apud SAMPAIO, 2015).

Para se tornar uma cidade moderna, no início do século XX, Salvador recebe uma série de obras descritas num chamado Plano de Melhorias, na busca da cidade ideal, higienizada e modernizada. A remodelação da cidade, executada pelo governador José Joaquim Seabra, com recursos de empréstimos estrangeiros, é batizada pelo professor Américo Simas de urbanismo demolidor<sup>25</sup> (figura 14). Essa forma de urbanismo foi muito usada na Europa, a partir do modelo francês hausmanniano<sup>26</sup> e copiadas para Salvador sob pretexto de sinal de progresso e modernidade.

Figura 14 - Igreja de São Pedro, demolida para as reformas de J. J. Seabra



Fonte: Bahia-turismo (2018).

Em Salvador, a aceitação às demolições acontecia com o argumento de que a cidade de traçado colonial tinha características de cidade velha, atrasada, contrapondo-se a uma

<sup>25</sup> O período considerado crítico estendeu-se entre 1912 e 1930, nessa época foram colocados abaixo vários monumentos históricos como as igrejas da Ajuda e de São Pedro, derrubando-se inúmeros casarões coloniais para alargar as ruas centrais, Misericórdia, Rua Chile e construção da Avenida Sete (SAMPALIO, 2015, p. 75)

<sup>26</sup> Cf. nota 02 do primeiro capítulo.

cidade de características modernas preparada para o futuro. As mudanças foram aceitas, em que pesem as reclamações à derrubada da Igreja da Sé. Segundo o arquiteto Isaias de Carvalho Neto (2013), o senso comum aceita o moderno, desde que traga novidades de forma e de fachada, sem comprometer o cotidiano e a mesmice, para que as heranças sempre prevaleçam.

Para a historiadora Neivelda Freitas (2005), o processo de modernização das cidades brasileiras promoveu uma corrente de dependências marcada pela importação de modelos (a princípio, portugueses e, depois, ingleses e americanos), que colaborou com a propagação de uma série de intervenções urbanas, mas que não permitiram o rompimento com a tradição. Para Lynch (2006), o cidadão tem vastas associações impregnadas de lembranças e significados com alguma parte da cidade e, por isso, imagens formadas na paisagem urbana desempenham função psicológica, estética e prática na vida do observador. Percebe-se, assim, a importância de se manter a tradição urbana que relaciona a memória afetiva do cidadão com a cidade.

Progressivamente uma nova linguagem arquitetônica dá forma a Salvador mediante o ajuste e reforma dos antigos sobrados coloniais ou pelo ecletismo das novas mansões da zona sul da cidade (Vitória, Barra, Graça) onde a população de maior poder aquisitivo troca suas antigas habitações por casas de estilos considerados nobres. Configura-se nova paisagem para a cidade, que se impõe moderna e atualizada de acordo com o suposto progresso, sobre uma matriz colonial. (MELENDO; KLUPPEL; ARAUJO, 2008).

Como observou Ferrara (2000), a cidade concretamente vista é um estímulo para associar percepções, reconhecendo imagens inconscientes individuais da cidade que atuam como mediadoras do conhecimento sobre ela. A iconicidade de uma arquitetura monumental a projeta para uma imagem coletiva sobre a cidade. Dessa forma, para completar uma imagem de cidade modernizada, após as reformas de J. J Seabra, Salvador recebe um hotel nos moldes do Flatiron Building<sup>27</sup> em nova York, o Palace Hotel (figura 15), em 1934.

---

<sup>27</sup> Flatiron Building foi um dos primeiros arranha-céus construídos em Nova York, inaugurado em 1902, e tem o nome de Flat iron (ferro de passar) porque o terreno onde foi construído tem o formato de um ferro de passar e o edifício foi levantado conforme o desenho do terreno. Em 1966 ganhou o título de marco histórico da cidade de Nova York e em 1989 foi declarado marco histórico nacional. É um dos edifícios mais famosos e visitados por turistas que viajam para Nova York (NOVA YORK, 2018).

Figura 15 - Palace Hotel



Fonte: Palace Hotel (2015).

Localizado na parte mais alta da rua na inclinação que liga a Praça Castro Alves à Rua Chile, o Palace se tornou um marco para a cidade, como Lynch (2015) conceituou: marcos são pontos de referência considerados externos ao observador, elementos físicos cuja principal característica física do marco é a singularidade. O Palace Hotel foi o elemento que consolidou a Rua Chile como um sofisticado centro de compras e lazer da elite, correspondendo à imagem de cidade moderna.

A imagem da cidade nos anos 30 pode ser percebida com a descrição do trecho abaixo de um depoimento sobre a época para Isaias de Carvalho Neto (2013, p. 100):

A Rua Chile era o centro chique da cidade, onde as tardes desfilavam as grã finas com os seus vestidos elegantes e, nas esquinas, conversavam e se divertiam jornalistas, professores, homens de letras e de negócios em geral. Os bondes da Companhia Linha Circular atendiam a todas as zonas da cidade (até o Tororó, que hoje não tem transporte coletivo), das 5 da manhã até a meia-noite.

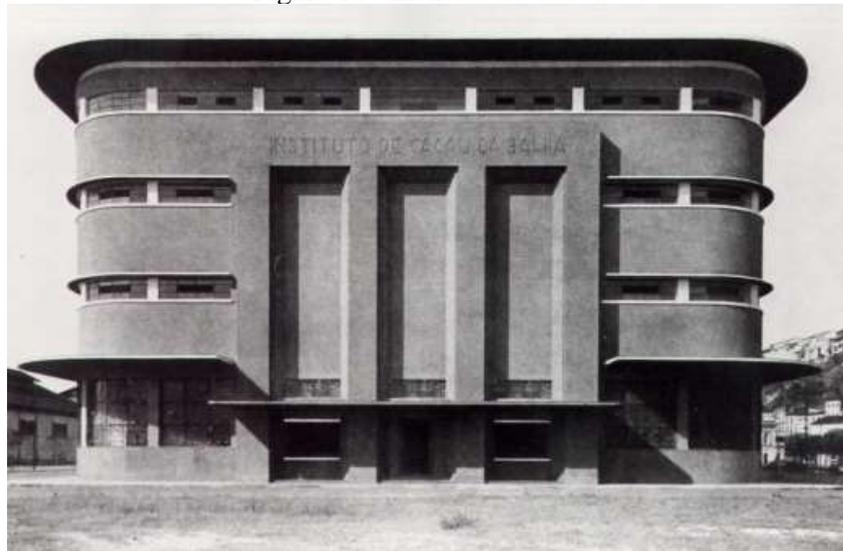
As ruas eram tranquilas, se podia sair a passeio a qualquer hora sem medo de nada. Não havia terrorismo nem assaltos para roubar. Feiras livres em problema de quantidade ou de qualidade de alimentos. Carne morta no dia; vendida à tarde se sobrava, a título de carne virada, bem mais barata do que pela manhã. Os limites da cidade eram Amaralina e Itapagipe. Daí em diante, para a Pituba, roças; para Itapagipe, subúrbios: Plataforma, Paripe, etc., ligados à cidade por mar e pelo trem Leste Brasileiro. Não se falava em Grande Salvador.

Os candomblés começaram a bater mais à vontade, sem as perseguições policiais de antes amparados pelo então interventor Juraci Magalhães, subordinados a uma autorização da Delegacia de Jogos e Costumes, ligada a Secretaria de Segurança Pública. [...] Os cinemas eram frequentados pela mocidade e filmes adultos a noite, creio que na época já existiam os cinemas Guarani, Glória, Excelsior e Liceu. Nos arrabaldes, como Bonfim e no Rio Vermelho já havia o cinema Itapagipe e Rio Vermelho. Na Baixa dos Sapateiros tinha o Pax, o Jandaia e o Aliança.

A Vitória era a moradia de ricos em casa que eram verdadeiras mansões. Não havia arranha-céu. O maior número de consultórios médicos estava localizado na Rua Chile. Não havia clínicas particulares, mas apenas hospitais: Pronto-Socorro, Espanhol, Português, Maternidade Climério de Oliveira, Santa Isabel, Juliano Moreira. Na rua Chile estava situado o comércio de tecidos e alguns cafés.

Na década de 1930, com projetos de experientes arquitetos vindos do exterior, a cidade começa a receber edificações importantes para a formação da imagem de cidade moderna: a segunda torre do Elevador Lacerda<sup>28</sup> (1929), o edifício A Tarde<sup>29</sup> (1924), o edifício Dourado (1935) primeiro prédio residencial da cidade no bairro da Graça, e a estação de Hidro-aviões em Itapagipe (1939), os clubes Bahiano de Tênis e a Associação Atlética da Bahia, o primeiro na Graça e o segundo na Barra. Em 1933, surge o elemento mais representativo da arquitetura moderna na cidade, o Instituto do Cacau (figura 16).

Figura 16 - Instituto do Cacau



Fonte: Docomomo (2006).

<sup>28</sup> Reformas da década de 30 foram projetadas pela empresa dinamarquesa Christian-Nielsen, pioneira no emprego do concreto armado em grandes estruturas. Através da empresa dinamarquesa surge o convite para o arquiteto da mesma nacionalidade Fleming Thiesen, que realiza o projeto em concordância da Otis Company norte americana (DANTAS, 2011).

<sup>29</sup> O edifício atual é projeto e construção da famosa firma alemã E. Kemnitz & Cia. Ltda, atualmente em fase final de reforma para abrigar o Hotel Fasano (JACOBINA, 2015).

O projeto do Instituto de Cacau foi confiado ao escritório alemão Floderer & Buddeüs. O jovem arquiteto Alexander Buddeüs era considerado um profissional perfeito para enfrentar uma obra de grande complexidade tecnológica. Ele deveria, ao mesmo tempo, transmitir no projeto a imagem de modernidade ansiada não só pelas autoridades revolucionárias como pelos soteropolitanos, que associavam o marasmo da cidade, resultante da falência da agroindústria açucareira e crise do cacau com a quebra da bolsa de Nova York, às suas tradições históricas (AZEVEDO, 2006). Para a época, o design do prédio foi uma importante evolução arquitetônica no estado, reunindo traçado limpo e sofisticado, situado entre o clássico, como o art déco, e a Escola de Bauhaus. A edificação transmite uma imagem de modernização no seu traçado e demonstra a força e imponência dos produtores do Cacau, principal expoente da economia baiana, que, mesmo em meio a crise, deveria se mostrar como uma indústria forte, pronta para atender as demandas do mercado.

A preocupação com a imagem da cidade é percebida com a realização da Semana de Urbanismo, entre 20 e 27 de outubro de 1935. Os organizadores acreditavam nos reflexos imediatos dos debates que proclamavam a participação da sociedade e a troca de informações sobre questões de saúde, zoneamento e legislação urbana. Segundo Carvalho Neto (2013), entre os palestrantes convidados, havia o predomínio de engenheiros, por conta do peso político da Escola Politécnica e pelo fato de o curso de Arquitetura em Salvador ser vinculado à Escola de Belas Artes, com pouca argumentação teórica própria. A divulgação nos jornais da época sobre a Semana de Urbanismo foi tratada como algo corriqueiro, pois a notícia não despertava interesse ou curiosidade dos leitores.

De acordo com Sampaio (2015), a partir da década de 1940, a cidade de Salvador experimenta um crescimento com ampliação da demanda por moradias e expansão da malha urbana em busca de novas áreas para ocupação. Com áreas de concentração de propriedade do solo com valores incompatíveis com a demanda da população, houve um aumento no número de invasões, que eram contrárias à imagem de cidade modernizada. Comunidades de pessoas sem recursos passaram a ser reprimidas e relocadas pelo Estado para áreas periféricas. A imagem de uma Salvador modernizada só era possível para famílias com recursos.

Nos anos 40, a cidade era voltada para a Baía de Todos os Santos, com o sistema viário baseado na abertura de corredores de tráfego nos vales, proposto pelo Escritório do Planejamento Urbanístico da Cidade do Salvador (Epucs), considerado a primeira experiência em planejamento urbano, coordenado pelo engenheiro Mario Leal Ferreira.

Segundo Sampaio (2015), entre 1940 e 1950, a cidade passa de 290 para 470 mil habitantes, representando um excedente de mão de obra de 127 mil pessoas, das quais 70% eram estrangeiros, sem aptidão para a indústria. Com o aumento populacional e a concentração da propriedade do solo, a imagem da cidade entre as décadas de 1940-50 é marcada pela exclusão e segregação social. De um lado, palacetes e luxuosos apartamentos nos bairros da Graça e da Barra e construções modernas na borda marítima; de outro, espaços vazios ou invadidos e construções sobre os manguezais. A força econômica da elite é demonstrada no traçado dos arranha-céus comerciais e residenciais de arquitetura Art Decó e nas mansões de estilo eclético.

A visível desigualdade social refletida no espaço urbano traz de volta a antiga política romana do “pão e circo”, com o lazer para as massas. O marco arquitetônico é a construção do Estádio Octávio Mangabeira (figura 17) voltado para um esporte que, em seus primórdios, era considerado de elite, e tinha suas partidas definidas no Campo da Graça. Sua construção define a popularização do futebol e a preocupação do Estado em acalmar as massas.

Figura 17 - Estádio Otávio Mangabeira



Fonte: Campeões do Futebol (2018).

Como Rossi (2001) apontou, a história da arquitetura e dos fatos urbanos realizados é sempre a história das classes dominantes. Pode-se relacionar a arquitetura monumental de lazer, realizada com a construção do Estádio Otávio Mangabeira, como uma expressão dos ideais da classe dominante, que, através da indução ao prazer, exerce uma espécie de controle sob a classe dominada.

Para a classe endinheirada, havia uma nova atração, também voltada ao lazer e onde se realizavam eventos voltados à elite soteropolitana: o Hotel da Bahia (figura 18).

Figura 18 - Maquete do Hotel da Bahia



Fonte: Andrade (2014).

O Hotel da Bahia foi o pioneiro em empreendimentos ligados ao turismo com eventos de exposições de arte e bailes carnavalescos. Projetado por Diógenes Rebouças, arquiteto autodidata e diretor da escola baiana de arquitetura, a edificação promoveu uma imagem para demonstrar que a cidade de Salvador estava conectada com os ideais da arquitetura modernista mundial, em que a elite soteropolitana fazia parte da elite internacional. Para tanto, todos os pontos da arquitetura moderna propostos por Le Corbusier<sup>30</sup> são percebidos na fachada do imponente prédio.

A construção do Hotel da Bahia acentua a conciliação dos contrários arquitetônicos na multifacetada cidade de Salvador. Na mesma época da inauguração do hotel, é inaugurado, em 5 de novembro de 1949, pelo então governador do estado Octávio Mangabeira, em estilo neoclássico, o Fórum Ruy Barbosa (figura 19).

---

<sup>30</sup> Os cinco pontos da arquitetura moderna que deveria ser internacional, foram publicados em 1926 na revista francesa L'Esprit Nouveau, propostos por Le Corbusier, considerado o pai da arquitetura moderna, são eles: pilotis, fachada livre, planta baixa livre, janela em fita e terraço jardim.

Figura 19 - Fórum Ruy Barbosa



Fonte: TRE (2018).

O contraste entre a arquitetura dos prédios demonstra que a mesma cidade, que absorvia o moderno, tentava preservar as tradições. Segundo Pallasma (2011) a cidade deve ser formada por uma arquitetura atemporal, refletindo, materializando e tornando eternas as idéias e imagens da vida ideal, fazendo nos lembrar de quem somos. A arquitetura do Fórum segue o estilo clássico (quando se pensa em poder judiciário, arcos e colunas gregas): o estilo romano, lembrando que foram as leis de Roma a base para o Direito brasileiro.

Para Carvalho Neto (2013), nos anos de transformação para a imagem de cidade modernizada, tradição e vanguarda estão presentes, em conjunto com as ações de patriotismo e civismo, trabalhadas na imprensa num esforço de recuperar a autoestima do soteropolitanos.

Na década de 50, o Brasil entra de vez na era moderna com a construção de Brasília e Salvador continua no seu esforço para se mostrar modernizada. A descoberta e exploração do petróleo em municípios da área de influência de Salvador estimularam o seu crescimento populacional e urbano. São, dessa fase, as construções dos edifícios Cidade do Salvador (1947, finalizado em 1950), Mariglória (1952), Suerdieck (1954) e o icônico Teatro Castro Alves (1958) (figura 20).

Figura 20 - Teatro Castro Alves



Fonte: IPHAN (2017).

O governador Octávio Mangabeira decidiu, em 1948, aprovar o projeto de um grandioso centro de artes com teatro, escola de artes dramáticas e concha acústica. Segundo Isaias Carvalho Neto (2013), no começo da década de 50, o governador Regis Pacheco rompeu o contrato e o teatro foi esquecido. A monumental obra-prima dos arquitetos José Bina Fonyat Filho e do engenheiro Humberto Lemos Lopes foi construída em 1958, sob o governo de Antônio Balbino, só sendo entregue ao público definitivamente uma década depois por conta de um incêndio as vésperas da sua inauguração. As linhas geométricas bem definidas e grandiosidade assustaram a população baiana que estava acostumada com a paisagem bucólica do Campo Grande. Mas o fato é que a construção do imponente teatro trouxe o reconhecimento da modernidade tardia à cidade, inclusive com a premiação do projeto na IV Bienal de São Paulo.

A importância das edificações para a formação da imagem modernizada da cidade é de tamanha relevância que algumas delas foram tombadas pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC) e estão no registro do Livro de Tombamento dos Bens Imóveis: Elevador Lacerda, Teatro Castro Alves, Edifício Caramuru, Edifício dos Arquitetos, Edifício Dourado, Edifício A Tarde, Edifício Oceania, Edifício do Instituto do Cacau, Edifício Sulacap (IPAC, 2018).

As edificações que se destacaram no período foram, na sua maioria, realizadas para atender aos donos do poder econômico: banqueiros, comerciantes, grandes importadores e exportadores, pessoas enriquecidas pelo comércio ou pela indústria, agricultores mais abastados e especuladores imobiliários.

A partir da década de 50, com o declínio eminente dos produtos agrícolas frente aos produtos industrializados, apesar da tentativa de industrialização baiana com implantação da Refinaria Landulpho Alves (RLAM), ainda persiste a construções dos edifícios comerciais voltadas para os donos do capital agrícola, mas há um aumento nas construções de edificações residenciais.

Bairros residenciais situados na borda da orla oeste da cidade e suas imediações, com terrenos valorizados, receberam obras que se apropriavam do modelo modernista como forma de ostentar o poder econômico. Os grandes escritórios de arquitetura seguiram essas ideias, regulando os interesses imobiliários urbanos, numa forma velada de poder político controlador, excluindo a população carente da parte nobre.

Com a cidade fragmentada e segregada, a gentrificação define a sua forma no mapa urbano. Segundo Sampaio (2014), das práticas assentadas nas atividades capitalistas especulativas, emergirá a cidade moderna, fragmentada, numa ação combinada entre segregação espacial e especulação imobiliária.

A imagem da cidade de Salvador é fragmentada e não possui marcos que unifiquem a malha urbana, possuindo grandes contrastes entre regiões. Apesar da percepção da imagem ser individual, pois remete a recordações e estados de espírito, a imagem da cidade deve ser entendida de forma coletiva, consagrando a afirmação de Lynch (2005): a cidade deve ser legível para todos.

As ações de interesses financeiros desapropriaram o lugar da história na cidade, destruindo memórias afetivas dos habitantes. Sem a formação de uma arquitetura própria, que deveria manter características entre o moderno e o tradicional, a cidade não mantém laços de afetividade para ser preservada e valorizada.

Mas haverá mais uma construção de imagem para a cidade de Salvador, exercida pelas arquiteturas. Como cita Pedro (2015), essas arquiteturas deixarão de responder primordialmente ao propósito utilitário, passando de produção de habitação, para a exibição e exposição da capacidade turística e cultural, revelando as características globais da modernidade. Essa formação de imagem acontecerá mesmo que, em Salvador, a arquitetura

turística exista, principalmente, sobre a forma de exploração do valor histórico e cultural das edificações coloniais.

É o que se verá no próximo tópico.

### 3.2 A REDEFINIÇÃO DA IMAGEM DA CIDADE DE SALVADOR E O NOVO VETOR DE CRESCIMENTO URBANO

De acordo com Sampaio (2014), Salvador, entre os anos de 1940-1950, passou por uma redefinição do uso do solo, no miolo, bem como o crescimento do setor terciário no Centro e na Calçada. Essa redefinição é ocasionada por conflitos de invasões sobre a posse de terra, economia subordinada e atrelada a investimentos de um processo de industrialização fora da malha urbana e atende aos interesses do Estado e da oligarquia baiana dominada pelos capitais comerciais e bancários.

As indústrias se situavam longe dos bairros residenciais nobres, tendo a península de Itapagipe se firmado como o pólo industrial de Salvador, com diversas fábricas instaladas<sup>31</sup> e moradias para seus trabalhadores, alocando-se a classe baixa na periferia, remetendo a uma imagem colonial. A diferença estava, em tempos de consolidação de leis trabalhistas, nas construções de vilas para os trabalhadores das indústrias morarem, enquanto os de menos sorte, sem dinheiro e sem trabalho, ficavam ainda mais distantes do centro da cidade.

O plano do Epucs seria a tentativa de alçar Salvador a um novo patamar de desenvolvimento, com conceitos e práticas baseadas no que havia de mais avançado na experiência internacional, antecipando uma nova condição de cidade moderna.

O desenvolvimento urbano preconizado pelo Epucs rompia com a antiga tradição médica e sanitária oriunda do século XIX, aprofundando na cultura local um outro modo de olhar e pensar a cidade: não mais como locus de ações isoladas e pontuais sobre problemas imediatos, pragmáticos e modernizadores, uma visão mais prospectiva de um plano urbanístico alimentado no otimismo do pós-guerra, na perspectiva do Estado do “bem estar social. (SAMPAIO, 2014, p. 101).

Na prática, o plano do Epucs não se materializou, pois dependia do desenvolvimento econômico para a modernização do Estado, o que só seria dado com o advento da Petrobras, em 1953, quando modificou, com a extração do petróleo, a matriz técnica e social da

---

<sup>31</sup> A primeira delas foi a Companhia Empório Industrial do Norte, mais conhecida como Fábrica Luiz Tarquínio. Em seguida vieram a Souza Cruz, a Johanes Industrial, a Dow Química, a Barreto de Araújo, a Chadler, a Amaral Comércio de Papeis, a Fratelli Vita, a São João, a Paraguaçu, a Fabrica da Fias, a Bhering, a Toster, a Crush, a Mario Cravo Café, Fábrica de Fertilizantes Montesa (GANTOIS, 2016).

economia baiana. O Epucs, distante do seu propósito, ficou reduzido a um plano de avenidas de vale. Com o fechamento da Comissão de Plano de Urbanismo da Cidade do Salvador (CPUCS) em 1952, a experiência do Epucs é extinta.

Entre 1956 e 1960, o setor industrial superou a agrícola, com implantação de indústrias de bens de consumo duráveis e de bens de produção. Segundo Carvalho Neto (2013), com as novas indústrias instaladas, a malha rodoviária se expandiu, aumentou a produção de energia elétrica, houve a modernização dos portos e, conseqüentemente, aconteceu uma mudança cultural expressiva.

Ações de urbanismo mais vigorosas são pensadas na década entre 1960/1970, que compreende a fase da industrialização moderna, iniciada com a criação da Petrobras. O governo do Estado da Bahia e o governo federal começam os preparativos para receber o Complexo Industrial de Aratu (CIA), implantado em 1967. Para viabilizar o mecanismo industrial, a BR-324 foi retificada e depois duplicada, ligando o CIA a Salvador.

Um novo vetor de desenvolvimento urbano surgiu, voltando a cidade para o eixo nordeste. Segundo a geógrafa Claudia Vieira Lima (2007), em meados da década de 1960, a cidade, na tentativa de ser, após Brasília, a segunda capital mais moderna do Brasil, dá as costas ao Velho Centro, praticamente toda a Cidade Histórica. São edificadas dois novos centros, um com tudo novo para a administração, e outro próximo ao primeiro, destinado aos negócios.

Em meados dos anos 70, cria-se o Plano de Desenvolvimento Urbano de Salvador (PLANDURB), com novos reflexos sobre a cidade. Dentre as propostas, está a que se refere à imagem da cidade valorizada pelo patrimônio ambiental com áreas de proteção à paisagem natural, e a base econômica regional passa a definir a Salvador um papel vinculado ao setor terciário, ao turismo e as indústrias de pequeno e médio porte não poluentes.

Em 1975, segundo Virgens (2017), sob o contexto de reestruturação econômica da capital baiana com a implantação do Pólo Petroquímico, inaugurado em 1978, há uma estratégia clara do Estado de criar uma nova centralidade na cidade.

Figura 21 - Prédio conhecido como Balança do CAB, arquitetura brutalista de Lelé



Fonte: Mello apud (ARCHDAILY, 2015).

Com processo de industrialização em andamento, era preciso uma nova etapa de transformações da cidade com reestruturação da malha urbana que expandiu a cidade horizontalmente e verticalizou as áreas centrais. Foi a segunda expansão urbana. Mudou-se o Centro Administrativo da Bahia<sup>32</sup> (CAB) do velho centro tradicional para as imediações da Av. Paralela<sup>33</sup>:

A arquitetura do CAB (figura 21), projetada pelo arquiteto João Filgueiras, o Lelé, rompe com a tradição arquitetônica do antigo centro da cidade. As formas monumentais das edificações simbolizam a pequenez do indivíduo comum perante o Estado. O concreto e as novas tecnologias inserem o indivíduo na modernidade, fazendo-o perceber um Estado forte e moderno. É o poder do belo e do monumental para a criação de uma imagem de Estado fortalecido e sociedade ordenada, apresentando-se em uma forma de arquitetura brutalista.

A arquitetura e o urbanismo do novo Centro Administrativo notadamente repetem a de Brasília, como relata o trecho abaixo do arquiteto Heliodoro Sampaio:

<sup>32</sup> O arquiteto carioca João Filgueiras Lima, o Lelé, desenvolve o partido arquitetônico para o conjunto de edifícios do CAB, pelo exame do programa e interpretação do Plano Urbanístico desenvolvido com base no estudo inicial de Lúcio Costa. A realização do CAB expressa no contexto baiano o sucesso da pesquisa desenvolvida na atividade projetiva e construtiva de Lelé, levada a cabo nas construções em Brasília, inaugurando em Salvador o desenvolvimento seqüencial do pré-fabricado para a argamassa armada e a expansão de suas técnicas de industrialização da construção (CHAUI DO VALE, 2009, p. 36).

<sup>33</sup> A construção da Avenida Luís Viana cujo traçado representa o vetor de crescimento Orla e teve sua concepção baseada nas propostas das "avenidas de vale", conforme o EPUCS, embora seu projeto não tenha atendido todas as premissas planejadas. Inaugurada em 4 de setembro de 1974, foi batizada pela população de Avenida Paralela, por ser paralela à orla marítima. Projetada para ser, além de uma via direta para o Aeroporto, um instrumento de expansão da urbe para as terras rurais do município, com seus 14 quilômetros de extensão, a então Avenida Luís Viana liga a Avenida Tancredo Neves à extremidade da Avenida Dorival Caymmi, oferecendo assim uma alternativa rápida à Otávio Mangabeira que margeia a orla entre os bairros da Pituba e de Itapuã. Construída numa faixa de domínio de 170 metros, possui duas pistas de 10,5 metros de largura cada, separadas por um canteiro central de aproximadamente 79 metros. Sua implantação teve um grande impacto ambiental, devido ao seu traçado que obedeceu a premissa de ser o mais plano e reto possível, reforçando a monumentalidade no eixo longitudinal e transversal, e de significar a ligação da cidade ao futuro, à modernidade (VIEIRA LIMA, 2007).

Como símbolo do poder político, recorre à linguagem arquitetônica modernista: coleção de tipos arquitetônicos no meio do verde, numa hiperquadra de baixa densidade, farto sistema de vias para automóveis, radicalizando o modelo espacial que inspirou Brasília: símbolo máximo do modernismo nacional. (SAMPAIO, 2015, p. 245).

As construções do novo CAB alçaram Lelé à fama. O arquiteto usou um mesmo princípio em todo o Centro, os prédios das secretárias seguiram com a mesma escolha de materiais construtivos, mesmos princípios de espacialidade e de aspecto formal, formando um conjunto de arquitetura moderna brutalista: todos com concreto aparente, fechamentos em vidro, e detalhes metálicos; volume elevado do solo, com traçado sinuoso; e caixas vazadas sobrepostas e escalonadas, ficando a diferença basicamente no traçado e extensão da planta, na disposição das caixas externas, e na cor dos elementos metálicos (FRACALOSSI, 2015).

A fama de um projeto executado numa cidade pode modificar sua imagem, pois esta, quando reproduzida, pode tornar o local reconhecido. Ao se tornar famoso, Lelé tornou o CAB famoso. Sua arquitetura passou a ser estudada por estudantes, principalmente de arquitetura e engenharia, e o CAB deixou de ser somente um centro administrativo para se tornar, também, um local de arquitetura icônica.

Além das secretarias, o arquiteto projetou para o Centro Administrativo um salão de exposições, prédio que ficou conhecido como a Balança do CAB, e uma igreja<sup>34</sup>(figura 22). Sobre a inspiração para o projeto da igreja, o arquiteto comentou:

Assim é a Igreja que imaginamos para Salvador, cidade cuja cultura e tradição religiosa nos legaram tantas construções de grande beleza que enriquecem e marcam nossa arquitetura. A Igreja, embora simples e singela, conserva o caráter de dignidade indispensável a um templo católico. Procuramos deliberadamente empregar técnicas contrastantes, mas segundo um critério lógico que se ajustasse à nossa idéia inicial: o terreno tratado de forma amena e natural, com muros de pedra à maneira das construções coloniais, formando um receptáculo no qual se insere uma estrutura delicada, mas vigorosa, com grandes balanços em que foram especuladas

---

<sup>34</sup> A Paróquia Ascensão do Senhor conhecida como igreja do CAB não está na lista das igrejas mais procuradas para casamentos. As noivas da cidade preferem um local mais tradicional para a realização do sonho. A espera por uma igreja tradicional pode chegar a dois anos. Nas igrejas mais disputadas de Salvador, a concorrência é árdua: tem lugar que chega a receber 300 pedidos de orçamentos por mês. A Pastoral Familiar da Arquidiocese de Salvador listou os santuários preferidos dos casais na ordem de procura: Capela Nossa Senhora das Vitórias (Pupileira), Museu de Arte Sacra - Igreja de Santa Teresa, Igreja de Santo Antônio da Barra, Basílica de Nossa Senhora da Conceição da Praia, Ordem Terceira Secular de São Francisco da Bahia, Catedral Basílica Primacial São Salvador (Pelourinho), Convento de Santa Clara do Desterro, Instituto da Ordem Terceira do Carmo, Igreja dos Órfãos de São Joaquim (BORGES, 2017).

generosamente todas as possibilidades do concreto armado. (LELÉ apud FRACALOSSO, 2014).

Figura 22 - Paróquia da Ascensão do Senhor



Fonte: ArchDaily (2014).

O arquiteto Lelé demonstrou preocupação com a religiosidade da cidade, dando uma plasticidade à igreja que envolvesse beleza e conforto. Externamente, a igreja se destaca, ao tempo que se insere na paisagem, e internamente há a preocupação com a acústica para a realização de eventos religiosos, e com a iluminação natural, que compõe a decoração interior com os raios solares.

Seu preciosismo nessa área de conforto culminou no projeto do Hospital do Aparelho Locomotor Sarah Kubitschek (figura 23), projetado em 1991 e inaugurado em Salvador em 1994, tornando-se uma referência da arquitetura. É dele também outro marco da cidade, as passarelas de pedestres (figura 24).

Figuras 23 e 24 - Hospital Sarah e passarela em vista aérea



Fonte: Vitruvius (2018).

Percebe-se pelas imagens do hospital Sarah e das passarelas que a arquitetura de Lelé mantém uma mesma linha, utilizando-se sempre de materiais pré-fabricados, uso de cores na arquitetura (encontradas até mesmo no CAB, de forma mais discreta), e a preocupação com o conforto, acústica e iluminação.

Lelé é considerado um dos grandes nomes da arquitetura nacional. O mestre Lúcio Costa o colocou no mesmo patamar dele e de Niemeyer:

Assim, no âmbito da nossa arquitetura onde são tantos os valores autônomos com vida própria, ele e o Oscar se completam. Oscar Ribeiro de Almeida Niemeyer Soares, arquiteto artista: domínio da plástica, dos espaços e dos vãos estruturais, sem esquecer o gesto singelo, - o criador. João da Gama Filgueiras Lima, o arquiteto onde arte e tecnologia se encontram e se entrosam, - o construtor. E, eu, Lucio Marçal Ferreira Ribeiro de Lima e Costa – tendo um pouco de uma coisa e de outra, sinto-me bem no convívio de ambos, de modo que formamos, cada qual para o seu lado, uma boa trinca: é que sou, apesar de tudo, o vínculo com o nosso passado, o lastro, – a tradição. (COSTA apud CORDIVIOLA, 2005).

A arquitetura brutalista do CAB, mesmo levando em conta aspectos climáticos de Salvador para melhorar as condições de conforto, não é uma arquitetura propriamente baiana. O novo Centro faz parte de uma internacionalização da arquitetura, podendo estar em qualquer lugar. O CAB é uma pequena cidade administrativa dentro da cidade de Salvador, uma mini Brasília. Sua arquitetura causa admiração e também estranheza. Está distante da referência de centro que durante anos fez parte da vida dos soteropolitanos, as linhas retas da sua arquitetura monumental não transmitem aos baianos a imponência dos traços da arquitetura clássica dos antigos prédios administrativos. A imagem da arquitetura de Lelé no CAB, por não resgatar vínculos da história numa cidade onde a tradição é tão importante

quanto a modernidade, não representa um marco para a população soteropolitana, exceto para os estudantes de arquitetura e acadêmicos da área.

Com o novo centro administrativo, o antigo centro, aos poucos, ficou sem função e parte da história da cidade se perdeu. Segundo a arquiteta Ângela Gordilho Souza (2011), na década de 1970, o Centro Antigo de Salvador atingiu o seu auge, passando a sofrer um processo de esvaziamento e decadência impulsionada pela realização de uma série de obras fora da área central.

Um antigo centro também sofreu com o impacto da instalação de um equipamento de grande porte, um shopping Center. Em 21 de janeiro de 1974, o jornal Tribuna da Bahia publicou a seguinte matéria, intitulada “Shopping Center Iguatemi Bahia, o 1º Shopping Center Iguatemi fora de São Paulo:

Não é uma coincidência a escolha da Bahia para receber este shopping center, ao mesmo tempo em que se afirma como 1º pólo petroquímico depois de São Paulo. Isso se deve a uma soma de fatores que faz deste Estado um dos mais importantes pólos de desenvolvimento do país e sede de uma área metropolitana que influencia toda a micro-região do Nordeste. Dos Estados da área da SUDENE, a Bahia concentra cerca de dois quintos dos recursos gerados pelos incentivos fiscais. Apresentando a maior renda per-capta de todo nordeste, Salvador é a escolha natural para um empreendimento do vulto do shopping center Iguatemi, por apresentar um mercado de vigor compatível com as dimensões dos investimentos necessários. (TRIBUNA DA BAHIA, 1974 apud VIRGENS, 2017).

Os prédios comerciais já começavam a se deslocar para a nova região, mais próxima do CAB, e, com o novo empreendimento, o comércio das ruas do centro começa a sofrer um esvaziamento e a Rua Chile se populariza, deixando de ser o ponto de encontro da elite baiana, mudando a imagem desses locais.

A localização do shopping Iguatemi (figura 25) fazia parte da estratégia de vendas da construtora Odebrecht para a valorização de lotes para casas residenciais, o Caminho das Árvores, vendendo a preço abaixo do mercado o terreno para a construção do shopping. A ação do urbanismo corporativa pode ser percebida no resumo de Virgens (2017): o shopping se localizaria próximo ao CAB, inaugurado em 1972, e em frente à rodoviária, remanejada para aquela localidade em 1974, integrados pela Av. Paralela, fazendo parte de um plano urbanístico de expansão da cidade de Salvador, com a criação de um novo centro, tendo o Iguatemi como pólo de atração.

Figura 25 - Shopping Iguatemi na década de 70



Fonte: Pinheiro (2008).

Um empreendimento como um shopping center não pode ser considerado como uma arquitetura que atraia turismo a região, mas uma arquitetura monumental pode gerar um novo impulso para a crescimento da região onde foi instalado. O Iguatemi não atraiu turistas, mas atraiu novos empreendimentos ao seu entorno, valorizando os terrenos e formando uma nova imagem. Essa parte da cidade recebeu os mais modernos prédios, que valorizaram a cidade como destino turístico, pois Salvador englobava a história no centro, e modernidade na nova região.

Construído para atender determinadas faixas de consumo, o novo centro empresarial não atende a todos como um bom urbanismo deveria. Sua concentração no pólo comercial e empresarial da cidade da elite alimenta o processo de segregação espacial. Como já acontecia nos anos 50, mais uma vez os bairros históricos são rejeitados. Segundo Carvalho Neto (2013), entre os anos de 1966 e 1984, foi proibida a construção de imóveis para o uso residencial no centro da cidade, estimulando a expansão em direção a orla norte, facilitando a comparação entre o “antigo” e o “novo”.

A acirrada crise econômica nacional e regional da segunda metade dos anos 1980, considerada a década perdida, e início dos 1990 afetaram consideravelmente a Bahia e sua região metropolitana. A estagnação industrial e crise nos setores da agricultura fizeram o

governo pensar em novas estratégias de desenvolvimento econômico. Assim o plano político de desenvolvimento da cidade em 1985 se ancorava no turismo, na cultura e na alta tecnologia. Para atingir esses objetivos, o governo proclamava uma Bahia moderna e preservada, investindo pesadamente no turismo, com o slogan “orgulho de ser baiano” (FERNANDES, 2014).

Com a valorização da região do Iguatemi e o turismo em alta, nasce um novo padrão estético, uma arquitetura comercial hiper-colorida (figura 26) que explicita a forma de cidade-mercadoria com suas fachadas postiças e a criatividade arquitetônica voltada ao consumo.

Figura 26 - Conjunto Cidadela



Fonte: Peixoto (2014).

Rompeu-se a estrutura antiga para dar lugar a uma cidade verticalizada de fluxo viário intenso, moderna para a classe alta e excludente para os mais pobres. Nesse patamar, acontece a nova arquitetura inaugurada pelo arquiteto Fernando Peixoto e copiada por toda cidade. Segundo o próprio arquiteto, a intenção era resgatar o colorido da cidade presente na cultura africana, aproximando o povo das edificações. Apesar da inovação que remodelou a arquitetura baiana, essa forma de arquitetura foi muito criticada:

[...] o tal “pós-moderno” baiano é falso e apenas dá segmento, prossegue e aprofunda uma crise já vivida pelo próprio movimento moderno. Como? Em três pontos básicos: primeiro na dificuldade em se estabelecer nexos entre

arquitetura materializada e os planos urbanísticos; segundo, no apego da tradição arquitetônica privilegiar a aparência formal – o décor – como canal de expressão/comunicação estética; terceiro, na radicalização da obra isolada vista como desejo narcísico submetido tanto ao devaneio da “obra de arte”, como aos caprichos de um mercado ávido por introduzir “novidades” no cenário urbano, visando uma produção segmentada conforme mercados consumidores. (SAMPAIO, 1997).

Em meio à crise econômica e a retomada do turismo, no ano de 1988, foi inaugurado o edifício que se torna ícone do pós-modernismo baiano: a Casa do Comércio (figura 27). Projeto dos arquitetos Jader Tavares, Fernando Frank e Otto Gomes, e um prédio que retoma o sentimento do orgulho de ser baiano como proposto pelo Estado. O prédio possui 11 pavimentos e área total construída de aproximadamente 20000m<sup>2</sup>. Sua estrutura é formada por dois blocos de concreto, apoiados por perfis metálicos e painéis de vidro fechando os perfis.

Figura 27 - Casa do Comércio



Fonte: SENAC (2018).

O arquiteto e historiador Francisco Senna destacou a ousadia da arquitetura da Casa do Comércio que o tornou um marco da modernidade da cidade:

Creio que o imaginário do povo baiano certamente associa a arquitetura da Casa do Comércio à postura social de vanguarda, ousadia e contemporaneidade da instituição Fecomércio. A arquitetura comunica por si só, como um grande cartão de visita, traduzindo a sua imagem como uma mensagem, um marco institucional. (SENNA apud FECOMÉRCIO, 2018).

A Casa do Comércio simbolizava a imagem de um comércio baiano fortalecido. A população, ao se deparar com o prédio que se destacava de tudo que havia na cidade, sentia

que ali era a sede de algo grandioso, aos investidores a edificação servia criando uma imagem de segurança para se investir no local. A singularidade dessa edificação o transformou em marco, situando o observador, conforme conceito de Lynch (2005), e também refletiu os ideais das forças capitalistas, com a expressão do poder pelo belo, induzindo o prazer, segundo as ideias de Foucault (1978).

A estrutura metálica, destaque da Casa do Comércio, havia sido utilizada anteriormente nos anos 1980, por Lelé. Ele projetou a sede da Prefeitura de Salvador, proposta de caráter provisório que gerou muita polemica, pois sua implantação localizava-se na região do centro histórico, junto a um de seus mais simbólicos edifícios, o Elevador Lacerda. O prédio de caráter provisório passou a sediar de forma permanente a prefeitura da cidade.

Estratégias de retomada do turismo são lançadas com a recuperação do Centro Histórico. Após a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) ter declarado o Centro histórico de Salvador como Patrimônio da Humanidade em 1986, o então prefeito Mário Kertész convidou a arquiteta Lina Bo Bardi para elaborar um plano de recuperação daquela região. Do plano de Lina Bo Bardi para o Centro Histórico de Salvador, foi executada apenas uma pequena parte na Ladeira da Misericórdia (figura 28).

Figura 28 - Restaurante Coati, obra de Lina na Ladeira da Misericórdia



Fonte: Aquino (2017).

Programa de Recuperação do Centro Histórico é lançado em 1992, pelo governador Antônio Carlos Magalhães. Diferente da proposta de Lina que era contra a gentrificação, o governador expulsa toda a população residente na área de intervenção, com a justificativa de ter foco no turismo. O uso habitacional estava fora de questão, a concepção básica era se criar um grande shopping center a céu aberto (figura 29).

Figura 29 - Pelourinho



Fonte: cronologia do urbanismo (2018).

Segundo o arquiteto Nivaldo Andrade Júnior (2015), entre 1992 e 1997, o governo do estado retirou 2.909 famílias de um total de 470 imóveis, que foram transformados em espaços voltados ao turismo, gastando US\$ 3,9 milhões em indenizações às famílias expulsas e investiu cerca de US\$ 100 milhões em obras de infraestrutura.

O programa provocou uma grande polêmica, seja pelo processo de higienização social e gentrificação que promoveu, seja pelo foco nas atividades ligadas ao turismo e ao lazer, seja ainda pelo partido adotado na restauração dos imóveis e quarteirões, dos quais foram mantidos somente as fachadas e cobertura, com a substituição total dos elementos internos e descaracterização tipológica, além da aplicação de cores vibrantes antes inexistentes e da criação de praças internas aos quarteirões para a realização de eventos, através da junção dos quintais dos imóveis, modificando radicalmente o parcelamento e dando destaque às fachadas posteriores dos casarões, quase sempre modestas e esteticamente inferiores as fachadas principais. (ANDRADE JUNIOR, 2015).

Com o Pelourinho transformado em cenário e com sobrevida garantida pelo apoio governamental, termos pejorativos são criados em crítica a essa prática urbanista de construção da imagem. o professor de História do Urbanismo do Instituto Federal Suíço de Tecnologia de Zurique, Vittorio Magnano Lampugnani, batiza o estilo de urbanismo-lounge. Uma crítica à tendência contemporânea das cidades européias de estimular a urbanidade para a cidade ser visitada como quem visita um museu e usada como quem frequenta um shopping center (CAMPOS, 2015). A situação também pode ser definida como Disneyficação, referência usada por David Harvey (2000) para a transformação de uma área urbana num parque temático para turistas, como os das Disney.

A reforma em estilo urbanismo-lounge do Pelourinho gerou uma história inventada de um espaço sem conflitos, construído para entreter. Assim também foi pensado para a recente reforma da orla da Barra (2015), que privilegiou o lazer e a paisagem natural em detrimento do padrão urbanístico existente e da vida local.

O modelo de desenvolvimento urbano inaugurado com o shopping Iguatemi se repetiu em locais estratégicos de Salvador nas últimas três décadas, resultado do fortalecimento da sociedade do consumo, com os shoppings centers se confirmando como elemento marcante da paisagem urbana. Através dele, há um rearranjo no processo de produção do capital, expresso num jogo de interesses urbanos com a valorização do espaço urbano e a comercialização do uso e propriedade do solo. Reforça a segregação espacial e a fragmentação social, também através da oferta de produtos incompatíveis ao consumo das classes menos favorecidas.

A análise da localização dos shoppings centers em Salvador evidencia uma concentração territorial nas áreas consideradas elitizadas, demonstra o modo desigual como, ao longo da história, o espaço urbano foi estruturado no sentido de atender, sobremaneira, os interesses da reprodução do capital. (SANTOS, 2015).

A imagem criada por esses templos de consumo deve dialogar entre os elementos históricos e culturais e a contemporaneidade, assim nos seus interiores são recriadas praças, boulevares, ruas de comércio que simbolizam o mundo exterior sem que haja contato com esse. A sua fachada externa é a embalagem na qual a imagem representada de templo de consumo será vendida. A escolha da localização deve ser estratégica e é fundamental para sua viabilidade. Segundo Santos (2015), os shoppings centers representam a dualidade entre

duradouro, enquanto monumento arquitetônico incorporado à cidade, e o efêmero, ao representar a obsolescência dos produtos da vida contemporânea.

O processo de industrialização na Bahia, aumentando a classe de consumidores, favoreceu a implantação desses empreendimentos. Também houve um melhor aparelhamento das atividades administrativas, aumentando o número de servidores municipais e estaduais, e concomitantemente ampliando a oferta de serviços. Somando-se a esses fatores, foram criadas novas condições de financiamento, facilitando a disponibilidade de recursos para implantação de um mega empreendimento. Por fim, o Estado, nas esferas municipal e estadual, criava a infraestrutura urbana necessária para atender a região onde o shopping seria implantado.

Os shoppings, ícones arquitetônicos das décadas de 80 e 90 não disfarçam a sua intenção, são mitos de adoração ao consumo. Localizados, na maioria dos casos, em áreas onde antes não se imaginaria um centro de consumo, mas que são transformadas pelo interesse do Estado ou das imobiliárias, tendo facilidade de acesso por vias e trânsito remodelados e com os terrenos do entorno valorizados.

No final dos anos 90, há uma tentativa de se fazer algo diferente com o projeto do Aeroclub Plaza Show (figura 30), inaugurado em 1999 com investimentos de 80 milhões de reais, o primeiro shopping soteropolitano ao ar livre. Localizado estrategicamente na orla da Boca do Rio, próximo a bairros elitizados como Pituba, Caminho das Árvores e Itaipara, e ponto nodal entre o Centro tradicional e o aeroporto. Esse shopping marcou a mudança do conceito porque seu programa se pautava nas atividades de entretenimento, numa época em que a cidade tinha na cultura o elemento de comercialização da sua imagem.

O Aeroclub Plaza Show, além de um centro comercial, com lojas, agências de turismo, bancos, etc; era, acima de tudo, uma importante área de lazer da cidade. O Aeroclub era praticamente um lugar temático. Seguro, de fácil acesso e com enorme estacionamento gratuito, virou um badalado point noturno da cidade. Rock in Rio Café e Café Cancun agitavam a noite soteropolitana e eram um enorme sucesso. Bons restaurantes em sua área posterior faziam de lá também um super pólo gastronômico. O Araketu comandava ensaios de verão no hangar, tínhamos boliche, minis kart e golfe e até pista de patinação. (DIÁRIO DE SALVADOR, 2018).

Uma dívida municipal de R\$ 36 milhões não pagos pelos donos do Shopping Aeroclub, construído num terreno público da orla, por meio de concessão, e embargos judiciais, fechou o centro comercial (FABRINI, 2012). Em 2014 se iniciou sua demolição.

Em 2018, o jornal Correio da Bahia perguntou no seu site qual eram os lugares que os soteropolitanos mais sentem falta, mais de 2,9 mil pessoas responderam a pesquisa. Com

60% dos votos (1.612 pessoas), o Aeroclube ficou com o primeiro lugar, seguido do Tamina Park em segundo. Na seqüência apareceram em terceiro o Rock in Rio Café no Aeroclube, em quarto as lojas Mesbla, em quinto os supermercados Paes Mendonça, em sexto o Centro de Convenções da Bahia, em sétimo o Café Cancun, também no Aeroclube, em oitavo a casa de shows Lagoa Mar, em nono a casa de shows Língua de Prata e em décimo a loja de departamentos Casas Sloper (BORGES, 2018).

Figura 30 - Shopping Aeroclube Plaza Show



Fonte: Dell'Acquia (2018).

Pelo resultado da pesquisa, percebe-se a relação entre habitantes da cidade e os centros de lazer e consumo. O prazer torna essa relação afetiva e deixa um saudosismo na memória. Indiretamente, sem pontuar museus ou espaços culturais, o resultado revela a falta dessas tipologias na história do soteropolitano.

Segundo Santos Junior (1992) citado por Santos (2015), os shoppings reproduziram-se, no cenário urbano brasileiro, como símbolos onipresentes de poder, erigem-se como representação de um novo tempo social, voltados para a criação de universo de fantasia destinado ao consumo.

Fora da área de entretenimento, o único ícone arquitetônico lembrado na pesquisa foi o Centro de Convenções da Bahia (figura 31).

Em 1979, dois anos após a inauguração do Centro Georges Pompidou, foi entregue à população da Bahia o Centro de Convenções do Estado. Construído a partir de concurso de projeto de arquitetura realizado em 1976 e vencido pelo importante escritório carioca MMM Roberto, responsável por alguns dos edifícios mais importantes do movimento moderno no Brasil. (CAMPOS, 2016).

Construído em arquitetura metálica e localizado próximo ao mar, numa região salitrosa, o Centro de Convenções necessitava de manutenções constantes, mas que raramente aconteciam. Reformas de caráter emergencial estariam previstas em 2016, incluindo substituição de vigas, recuperação de estrutura de aço e reforma das torres de saída de emergência, mas no dia 23 de setembro o Centro de Convenções da Bahia veio abaixo, desabando boa parte do primeiro e segundo pavimentos. Segundo o administrador Guilherme Marback (1992), o turismo de convenções é o que sustenta o setor durante todo o ano, uma vez que o turismo de lazer acontece nos meses de pico. Ao desabar o Centro de Convenções foi junto o turismo de eventos da Bahia.

Figura 31 - Centro de Convenções da Bahia



Fonte: Oliveira (2007).

Em nota pública, o Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU) demonstrou sua indignação com o descaso do governo com o patrimônio público:

O Conselho de Arquitetura do Estado da Bahia – CAU/BA vem mais uma vez manifestar a sua preocupação com o descaso do Poder Público para com o Patrimônio Histórico Arquitetônico do Estado da Bahia. [...] O estado de arruinamento é evidente seja para bens tombados, bem como para outros que se constituem símbolo da cultura e da história do nosso Estado. Inexiste política de revitalização. Inexiste preocupação com o planejamento. Inexiste sujeição à conformidade técnica para execução de muitas obras realizadas com o aodamento desarrazoado, evidenciando o imediatismo das autoridades públicas. O resultado? A degradação da Coisa Pública, que

alcança a segurança, com grave ameaça à população, por força dos desmoronamentos.

Ontem Salvador sofreu outra conseqüência da falta de cuidado com os equipamentos da Cidade: depois de interditado há mais de um ano, parte da estrutura do Centro de Convenções desabou, equipamento fundamental para o turismo de eventos na Bahia e de responsabilidade do Governo do Estado, que se encontra sem a devida manutenção há várias administrações. Não se pode tratar esta questão como um acidente, por força da configuração do descaso sistemático com a preservação dos prédios públicos. O descaso sistemático, e o abandono, evidenciam uma clara questão de causa e efeito: o que não tem manutenção adequada deixa de funcionar; edifícios sem manutenção desmoronam. Surpreende, ainda, que o segmento empresarial do setor da economia vinculado ao Turismo tenha sido tão tímido diante do destino recente do Centro de Convenções e de outros prédios públicos. A deterioração é decorrente da inexistência de ação – sistemática e contínua – até então implementada ou a implementar, por parte dos poderes públicos, quais sejam: a União, o Estado da Bahia e o Município de Salvador, e dirigidas a resgatar, recuperar, reabilitar o patrimônio histórico e cultural da nossa Cidade. (CAU, 2016).

Caberia um capítulo para se falar sobre a formação dos arquitetos baianos nesse período da história, mas dentro desse que trata a arquitetura modernista de Salvador é interessante mencionar o assunto para se entender como se diferenciam os arquitetos com formação na Faculdade de Arquitetura da Bahia dos sulistas e da própria relação dos estudantes e futuros profissionais com a cidade.

O curso de arquitetura foi fundado por Miguel Navarro de Canizares, em 1877. Na legislação de 1933 que definia a atuação do arquiteto, havia a distinção dos engenheiros civis por assegurar somente aos arquitetos obras essencialmente artísticas e monumentais. Ao se pensar arquitetura na Bahia, no princípio da criação de sua faculdade, imaginou-se uma profissão que mesclasse técnica e arte, com ênfase na arte.

Os idealizadores da faculdade de arquitetura tinham a percepção de que a arquitetura monumental, quando agrega valores estéticos, atua no inconsciente coletivo do observador através da conquista do prazer por recordações e memórias, ou pelo próprio valor da arte, podendo se transformar num marco descrito por Lynch (2006). Assim, as primeiras grades da faculdade são montadas para que arte e arquitetura se encontrem na formação da paisagem e da imagem de uma cidade.

Segundo o arquiteto Isaias Carvalho Neto (2013), os estudantes de arquitetura eram reconhecidos por caminhar pelas ruas com suas réguas “T”, diferente dos estudantes das profissões ditas tradicionais que se exibiam na Rua Chile com as suas boinas vermelha para Direito, verde para Medicina e azul para Engenharia. Assim já se via que havia algo de diferente na profissão do arquiteto, uma situação menos formal.

O curso funcionava na Escola de Belas Artes, onde existiam os cursos de pintura, gravura e escultura. Estava situado num casarão na Rua 28 de Setembro, quase esquina com a baixa dos Sapateiros, zona de baixo meretrício, diferente da faculdade de Direito que se situava no imponente prédio do centro, hoje está a Ordem dos Advogados, e onde ficava nas proximidades a faculdade politécnica, ou bem diferente da bela e monumental faculdade de Medicina no terreiro de Jesus.

Somente em 1959 é que a Arquitetura se separa de Belas Artes e é criada a Faculdade de Arquitetura, primeiro num casarão no corredor da Vitória, hoje edifício Açores, e em 1963 é transferida para a Rua Caetano Moura na Federação, projeto modernista de Diógenes Rebouças, também diretor da faculdade.

A relação entre arquitetura e artes plásticas é uma característica que irá marcar a formação dos primeiros arquitetos soteropolitanos, diferente do caso de São Paulo onde arquitetura funcionava junto a Escola Politécnica, ou do Rio de Janeiro e Brasília que era ligada a Ciências Humanas. Ao romper com Belas Artes a escola buscou traçar sua própria grade curricular, para isso o corpo acadêmico contou com a colaboração do Departamento da Bahia do Instituto dos Arquitetos do Brasil, mas continuou a dualidade entre o caráter conservador acadêmico e o caráter renovador inerente à arquitetura.

A história da Faculdade de Arquitetura faz compreender o olhar dos arquitetos sobre a cidade. A grade acadêmica ainda não havia se libertado do seu passado com Belas Artes, mas desejava se conectar mais com o ensino técnico da escola Politécnica, assim os arquitetos modernistas eram profissionais proclamados como meio artistas e meio engenheiros. A técnica estava presente, influência de Brasília e de Lelé, mas a arte não abandonou a profissão, sendo comum entrar na faculdade de arquitetura porque se sabia desenhar<sup>35</sup>.

---

<sup>35</sup> Para se ingressar na faculdade de arquitetura tinha que passar pelo teste de aptidão antes da prova do vestibular, caso fosse reprovado, a prova do vestibular valia para a segunda opção assinalada na ficha de inscrição. O teste era uma prova de habilidade de desenho onde se devia reproduzir um objeto exposto com qualidades de dimensão, profundidade e sombreamento, o traço do candidato deveria ser firme e preciso. O teste foi extinto no início dos anos 2000 quando o software AutoCAD passou a ser a maior ferramenta do arquiteto e se abandonou o papel vegetal e as canetas nanquins.

Figura 32 - Entrada do auditório da faculdade de arquitetura da UFBA



Fonte: FAUFBA (2018).

Ao longo da sua existência, a Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia entendeu que é preciso construir o presente na aliança entre o passado compreendido, não engessado e o pensamento de um futuro moderno sólido. Ainda existem cadeiras de desenho e muito estudo histórico, mas junto a elas a faculdade adicionou estudos de softwares voltados ao conforto ambiental, à sustentabilidade, e estudos de tecnologias e inovações arquitetônicas.

É a representação do argumento de Benévolo (2006), a importância estética da arquitetura deve ser pensada como um elemento de representação de um lugar e de seu tempo para que a edificação se torne atemporal e seja definida como marco, e não somente pensada como símbolo escultórico para criação de cenários midiáticos. Foi assim que a faculdade de Arquitetura da Bahia se modificou para formar os futuros profissionais de acordo com a nova era, mas a sem perder sua característica de fazer arquitetura com arte.

### 3.3 A IMAGEM TURÍSTICA CONTEMPORÂNEA DA CIDADE DE SALVADOR

Atender a sociedade de consumo é um dos objetivos mais encontrados nessa fase da arquitetura baiana. A imagem da cidade precisa se reinventar e inovar, e Salvador a constrói através de estratégias de marketing e de comunicação visual entre cidade e visitantes. A arquitetura existente que atrai o turista é reinventada e as novas arquiteturas são pensadas como símbolos de cidade modernizada.

No processo de industrialização e a implantação do complexo da Ford, em 2001, a cidade expande seu eixo e cria novas demandas. Com poucos vazios a serem preenchidos, Salvador iniciou um processo de verticalização intensiva (figura 33) e criação de projetos de condomínios fechados.

Figura 33 - Verticalização em Salvador



Fonte: Gestor Imobiliário (2016).

2005 sedia um boom do mercado imobiliário, impulsionado pelo Sistema Nacional de Habitação, ampliando o crédito imobiliário. A expansão ocorre paralelamente a grande intensidade de ocupação informal, principalmente no miolo e no subúrbio ferroviário, segregando das áreas centrais e litorâneas, onde predominava as residências das classes mais altas.

Além das áreas do Miolo e do Subúrbio Ferroviário, a “cidade precária” de Salvador, pode ser constatada de modo disperso, em localizadas inseridas no interior de áreas valorizadas da cidade, em um processo de proximidade física e distanciamento social. Diferentemente, pois dos condomínios fechados caracterizados, em sua maioria, por áreas residenciais de alto padrão separadas do entorno pela implantação de muros, a separação entre esses espaços se dá mediante a diferenciação, quer seja em relação a oferta de infraestrutura, quer seja em relação a tipologia habitacional. (TEIXEIRA, 2015).

Em 2008, é aprovado o Plano Diretor, que libera o gabarito dos prédios em 36 pavimentos em áreas valorizadas da cidade, implicando num aumento da densidade populacional sem a ampliação da infraestrutura (figura 34).

Figura 34 - Contrastes sociais na imagem de Salvador



Fonte: Globo (2018).

A imagem da cidade muda para uma cidade verticalizada e moderna aos olhos de quem a vê de fora, e segregada e com problemas de mobilidade e conforto ambiental para os seus moradores. Em dezembro de 2018, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) indicou Salvador como a capital da desigualdade, sendo a Bahia o estado com a maior diferença entre ricos e pobres no país, conforme matéria transmitida pela rede Globo de televisão.

O Centro antigo volta à agenda de intervenções depois do seu intenso processo de esvaziamento, visando sua reabilitação e inserção na malha urbana, após ser entendido a sua função estratégica para o turismo. O conjunto arquitetônico do Centro Histórico de Salvador, patrimônio da humanidade, é um diferencial que a cidade possui. É a imagem da primeira fase do Brasil que atrai turistas para conhecer a história. Mas é necessário que o conjunto histórico receba suporte de infraestrutura para que se afirmem como destino turístico. A estrutura deve possuir itens como segurança, hotelaria, mobilidade e acessibilidade, juntamente com a preservação dos bens e guias e receptores locais treinados e bem informados. A imagem da cidade precisa ser moldada para atender a demanda global, criam-se novos empreendimentos, revitalizam-se antigos e pensa-se na cidade como um todo atraindo os visitantes para outros cantos da cidade.

A imagem de modernização com implantação de empreendimentos de grande porte continuou a ser feita em áreas valorizadas, portanto sem grandes mudanças para a malha

urbana. A exceção foi o Shopping Bela Vista, implantado para criar uma nova área voltada a atender o mercado imobiliário no Cabula.

A existência de uma arquitetura contemporânea na Bahia é questionável. Copia-se o passado, repetindo ambientes sem iluminação nem ventilação, e dá-se continuidade aos equívocos modernistas. A imagem da arquitetura é uma mistura de caixas de vidro, fachadas postiças, coloridas ou não, e a inserção de elementos neo-clássicos, muitas vezes tudo misturado para criar uma identidade de cidade pós-moderna. A tendência à arquitetura como objeto da cidade- produto influencia os jovens arquitetos em busca do sucesso efêmero. A proposta da antiga faculdade de arquitetura é deixada de lado pelos arquitetos em busca do sucesso midiático e pelas pressões que sofrem do mercado imobiliário.

Enfim, confirmado na Bahia não o fim da história do moderno ou do modernismo, mas apenas a sua esperta continuidade, e é aí onde o desvio principal se embasa, na suposição de que o arquiteto atuando, e mal, apenas um dos vértices vitruvianos (*firmitas, utilitas e venustas*) alcançará pelo novo cenário-colagem de “belas fachadas” uma nova arquitetura. (SAMPAIO, 2010, p. 186).

Benévolo (2007) critica esse tipo de arquitetura, executada por grande parte dos arquitetos não só da Bahia como do mundo. Para ele a vontade dos arquitetos de chegar ao sucesso muitas vezes é maior do que fazer pacientemente a pesquisa projetual, análise técnica de elaboração e execução do projeto, resultando em arquiteturas questionáveis. Já Pedro (2015), cita que o urbanismo deixou de ser feito visando a habitação, funcionando essencialmente como pontos que repercutem aquilo que o turista procura e não aquilo que a sociedade necessita. Mas ela também observa a importância das arquiteturas icônicas para a cidade, pois com formas plásticas espetaculares elas servem como estratégia de marketing e agente transformador da imagem da cidade.

No novo século, a arquitetura é embasada em pilares que tentam solucionar os problemas urbanos das grandes cidades. Empreendimentos de grande porte são erguidos se destacando com programas de sustentabilidade, sem esquecer o caráter de arquitetura criada para a cidade-produto. Também a mobilidade urbana, um grave problema urbano, altera a estrutura da cidade com instalações de grande impacto.

Como alternativa ao problema de mobilidade, a cidade de Salvador entrou tardiamente na era das cidades com metrô, transporte de massa. A primeira linha, de 12 quilômetros, foi concluída após 16 anos de obras. Construído para conectar áreas da cidade, o projeto do metrô em Salvador realizou algo não previsto: a segregou ainda mais. Na Avenida Luis Viana Filho,

conhecida como Avenida Paralela, o metrô dividiu a cidade em duas bandas, o lado mais abastado voltado para a orla com condomínios e prédios de luxo como Alphaville e Le Parc, e o pobre no lado oposto. Em matéria para o Piauí Folha, o arquiteto Francesco Perrotta-Bosch (2018), cita como o escritor baiano Antônio Risério se manifestou de forma contundente contra a forma do projeto do metrô:

Salvador assiste hoje àquele que é o maior crime urbanístico contra a cidade, desde que Thomé de Sousa comandou sua construção no ano de 1549. E não vejo ninguém bater na mesa. Nem sequer reclamar. [...] o mais grave nem é a destruição do verde. É que teremos uma ferrovia murada. Olhem no mapa. A Avenida Paralela passa justamente entre os bairros pobres do miolo da cidade e os bairros privilegiados da beira do mar. Com o muro, a cidade ficará irremediavelmente apartada. Teremos o nosso muro da vergonha. [...] A segregação será oficializada – e por um governo que faz de conta que é de esquerda, escreveu, em referência às administrações do PT no estado. A percepção do metrô como um muro é correta e visível a qualquer pessoa que vá a Salvador. Seu potencial de segregação de classes sociais é tão evidente quanto. Mas cabe entender as razões para tal opção de linha metroviária – construída dentro do PAC Mobilidade Urbana para cidades-sede da Copa do Mundo de 2014 – e quais seriam as alternativas.

As estações têm dimensões monumentais, muitas vezes superdimensionadas para sua função, que impactam na paisagem e não respeitam a topografia natural da cidade, criando grandes barreiras visuais. Há de se questionar a escolha pelo tipo de sistema de projeto do metrô soteropolitano, aéreo, e a dimensão e impacto causado por suas estações. Segundo Perrotta-Bosch (2018), no Brasil, o tamanho desses equipamentos de transporte público tem sido definido por uma combinação entre os valores de contrato de licitação com empreiteiras e ambições eleitoreiras – o raciocínio marqueteiro de que, quanto maior a visibilidade da obra pública, mais votos ela vale. Se é uma obra para ser vista, então as estações cumpriram o seu papel.

Além do impacto visual causado pela monumentalidade, há a falta de unidade ou harmonia arquitetônica, pois existem dois tipos de projetos para as onze estações (figuras 35 e 36). As mais próximas do centro de Salvador têm cobertura em formato de paralelepípedo com inclinações e painéis com cores marcantes e as demais com coberturas semi-cilíndricas divididas em partes.

Figuras 35 e 36 - Estações de Metrô de Salvador



Fontes: Globo (2018) e CCR Bahia (2018).

As formas impactantes das estações criadas para o bem comum sofreram críticas, principalmente as da Paralela, edificadas em cima do canteiro central que continha obra paisagística de Burle Marx. Com projeto arrojado e arquitetura sustentável<sup>36</sup>, essas estações tiveram indicação à prêmios internacionais de arquitetura. As estações do metrô ganharam menção honrosa na categoria "Projetos Especiais" do 9º Prêmio da Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura (AsBEA), que reconhece os melhores projetos arquitetônicos brasileiros. Além disso, ele recebeu indicações no World Architecture Festival (WAF) de 2017, entregue em Berlim, na categoria "Transporte", e no Mies Crown Hall Americas Prize 2016-17, realizado em Chicago (EUA), conforme informe publicitário da Companhia de Concessões Rodoviárias (CCR).

---

<sup>36</sup> A cobertura das estações, feita de telha metálica autoportante, é seccionada em 11 trechos inclinados a 10 graus, possibilitando ventilação e iluminação naturais. Composta de sanduíche de duas Telhas 23+23 autoportantes galvanizadas com pintura Kynar IMAF 700 / Espessura=1,25mm com isolamento térmico de Feltro de Lã de vidro espessura 63,5mm / R=1,40 m<sup>2</sup>C/W. O objetivo do isolamento é proteger da insolação e reduzir as temperaturas no interior da estação, além de ampliar o conforto acústico, evitando que chuvas fortes causem grande impacto sonoro dentro da estação (ISOLVER, 2017).

Figura 37 - Estação de metrô da Avenida Paralela, vista interna



Fonte: CCR (2018).

A imagem das estações, coloridas e com formas arrojadas, é um produto de marketing para ser visto de longe, demonstrando que existe mobilidade na cidade que foi a primeira capital do Brasil, construindo dessa forma uma imagem de cidade fluída e modernizada. São edificações monumentais que poderiam ter sido pensadas de forma menos impactante e da mesma forma contribuir com o propósito de conexão e fluidez que se propõe com um sistema de metrô.

Pensando em cidade turística, Salvador recebeu em 2013 um novo Terminal Marítimo de Passageiros (figura 38), projeto com foco no setor.

Figura 38 - Novo Terminal Marítimo de Salvador



Fonte: Corrêa (2017).

Os investimentos da ordem de R\$ 36 milhões, provenientes do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC-Copa<sup>37</sup>), foi concebido em conjunto pela Companhia das Docas do Estado da Bahia (Codeba) e Fundação Mário Leal Ferreira, sob a coordenação do Departamento de Infraestrutura de Transporte da Bahia (Derba), do Governo do Estado. Em nota do jornal Correio da Bahia ele descrito dessa forma:

No projeto, estão previstos a construção de espaço de lazer com restaurantes e um receptivo turístico distribuídos em uma área de 3.400 metros quadrados, além de uma vista panorâmica para a Baía de Todos-os-Santos. Abrigará o embarque e desembarque com espaço para check-in e check-out, alfândega, área de despacho de bagagens, espaço de convivência, restaurante e local para instalação dos postos de órgãos ligados à atividade portuária. Terá mais 5.600 metros quadrados para estacionamento de carros de passeio, ônibus, vans e táxis. (CORREIO 24 HORAS, 2013).

A atracação dos grandes navios turísticos não aconteceu como o esperado e o empreendimento ficou sem a função esperada. Em 2016, foi arrendado pela iniciativa privada após quase dois anos de incertezas.

A megaestrutura de vidro que serve como área de desembarque aos passageiros dos cruzeiros passou a ser utilizada como espaço de eventos e sua externa com shows de pré

<sup>37</sup> A realização da Copa do Mundo Fifa 2014 no Brasil motivou uma série de investimentos no setor turístico das cidades-sede. A cidade de Salvador, que inaugurou a sua Arena Fonte Nova para o megaevento, teve garantidos R\$ 17,5 milhões para obras de infraestrutura turística e R\$ 2,2 milhões para qualificação profissional. Dentre as obras do PAC – Copa destacaram-se o primeiro trecho do tão aguardado metrô de Salvador, atendendo prioritariamente áreas mais pobres da capital. Outras obras de mobilidade urbana na cidade, além de projetos de contenção de encostas, saneamento e energia contaram com investimentos de quase R\$ 10 bilhões.

carnaval (BAHIA DE VALOR, 2016). Em 2018, mudando totalmente de estratégia, o Terminal Marítimo passou a ser a sediar o Hub Salvador, espaço criado para empresas de tecnologia digital. O Hub é uma das ações do programa municipal Salvador 360<sup>38</sup>, eixo Cidade Inteligente, e a inauguração faz parte da programação comemorativa pelos 469 anos da capital baiana. A capacidade total do Hub é de receber até 100 startups em espaço colaborativo, número que deve ser alcançado em 2019, com rodízio de 30 empresas por ano.

O Terminal Marítimo é uma edificação vistosa para quem chega de navio, com fachadas envidraçadas e arquitetura imponente. Mas basta um rápido passeio pela região onde está inserida para se perceber o quanto a sua arquitetura é destoante e a incerteza sobre a sua necessidade de implantação, fizeram da edificação alvo de muitas críticas. Para o arquiteto Fernando Peixoto, em entrevista à Barbara Silveira (2017), o Terminal só tem dois defeitos: “É feio e não funciona”, disse Peixoto, que ainda fez duras críticas ao projeto. “É arquitetonicamente um horror. Uma mistura de tudo. Em pouco tempo, aquilo vai ficar complicado”. Segundo Silveira (2017), a Codeba não fala sobre o projeto e o Socicam, empresa constituída com a missão de gerir o Terminal Turístico Náutico da Bahia, se exime de culpa no projeto: “Não nos foi dado o direito de opinar sobre arquitetura. Recebemos pronto”.

Em contrapartida à esses empreendimentos de arquitetura contemporânea estranha aos baianos, a cidade ganhou dois novos hotéis que se transformaram em símbolos da revitalização da antiga área do centro histórico: o Fera Palace Hotel (figura 38), antigo Palace Hotel e mais recentemente o Hotel Fasano (figura 39), no prédio que era o edifício A Tarde<sup>39</sup>. Ambos são parte do plano Salvador 360 na área do Centro Histórico como medida de resgate da valorização e potencialização econômica da região.

---

<sup>38</sup> O Salvador 360 reúne as diversas iniciativas promovidas pelos órgãos municipais com foco na geração de emprego e renda e atração e promoção de empreendimentos. A meta é impulsionar o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) da primeira capital do Brasil. Para isso, o programa tem oito eixos de atuação: Salvador 360 Simplifica, que tem como objetivo reestruturar o modelo atual de licenciamento e abertura de empresas, obras e publicidade, promovendo facilidades no atendimento aos cidadãos, Salvador 360 Negócios (atração e potencialização de empreendimentos), Salvador 360 Centro Histórico (resgate do potencial econômico da região), Salvador 360 Investe (investimentos municipais realizados em outras áreas da cidade), Salvador 360 Cidade Inteligente (estímulo ao uso da tecnologia), Salvador 360 Cidade Criativa (estímulo à economia criativa), Salvador 360 Cidade Sustentável (ações de sustentabilidade e resiliência) e Salvador 360 Inclusão Econômica (atenção à economia informal) (SUCOM, 2017).

<sup>39</sup> Legítimo representante do Art Decó na Bahia, o edifício cujas obras foram iniciadas em 28/7/19283 e concluídas em 12/3/19304, foi construído para ser sede do tradicional jornal baiano A Tarde. O prédio foi o primeiro edifício em concreto armado executado com este material na cidade de Salvador, construído apenas sete anos após o primeiro edifício executado no Brasil. A vocação hoteleira já havia sido prevista desde a época da criação do imóvel, visto que dois andares haviam sido destinados a esse fim (OLIVEIRA; SANTIAGO, 2011).

Figuras 39 e 40 - Fera Palace Hotel e Hotel Fasano



Fontes: O Viajante (2018) e Fasano (2018).

Os dois hotéis foram totalmente remodelados internamente para receber turistas do mundo todo e também a população local, com pacotes de finais de semana e aluguel de salão de festas, mas sem modificar as antigas fachadas. A aceitação desses empreendimentos pela população se deve ao fato de que eles conseguiram captar o sentimento do baiano entre a tradição resgatada de uma área que representa a imagem de Salvador povoada no inconsciente coletivo e a contemporaneidade expressa no interior das edificações, através de novas tecnologias, requinte e conforto.

O Fera, apesar de concebido pelo arquiteto dinamarquês Adam Kurdahl, preserva no seu interior o espírito baiano no mobiliário, nas fotografias que decoram as paredes dos quartos, nos drinks servidos com sabores da região, no nome do restaurante, Adamastor (homenagem ao pai do cineasta Glauber Rocha que mantinha uma loja de produtos masculinos de mesmo nome na região), nos azulejos portugueses da sua piscina. Como o próprio site informa, o Fera Palace Hotel resgata o glamour e o charme dos anos 1930 sob um olhar atual e contemporâneo, reinventando um ícone no Centro Histórico de Salvador.

O recém-inaugurado Hotel Fasano segue a experiência de sucesso do Fera, associando o requinte da marca a elementos que remetem à cultura local. Até mesmo o famoso restaurante Fasano de culinária italiana, oferece em Salvador pratos da culinária local assinadas por uma chef da cidade.

A abertura do Hotel Fasano Salvador inaugura um novo conceito de luxo em hospitalidade na Bahia, no qual a discrição e a sofisticação são os fios condutores do atendimento aos clientes, mantendo o padrão de excelência já conhecido da marca. Sétimo empreendimento hoteleiro, este será o primeiro instalado pelo Fasano em prédio histórico tombado pelo Patrimônio Artístico

e Cultural (IPAC) como Bem Cultural da Bahia e irá operar no suntuoso edifício que abrigou durante 45 anos a primeira sede do jornal A Tarde. Localizado na Praça Castro Alves, Centro Histórico de Salvador, possui vista inigualável para a Baía de Todos os Santos. (FASANO, 2018).

A bela paisagem natural da cidade de Salvador, juntamente com a sua rica cultura e história, fez com que a arquitetura pós-moderna não caminhasse nos ditames da ordem mundial que constrói impactantes arquiteturas para comportar museus ou centros de cultura. A arte da cidade baiana pode ser apreciada fora dos museus<sup>40</sup>, apesar do jornal A Tarde ter listado em 2008, a existência de 29 museus, a maioria no Centro Histórico. A arte soteropolitana esta espalhada em vários cantos da cidade, através da literatura, da música, das danças, da culinária, das pinturas decorativas e *street art* e da arquitetura. Está muito mais aos olhos da população do que encerrada em museus.

Em Salvador, assim como acontece em muitos lugares a arquitetura não pode ser dissociada da expressão histórico-cultural da cidade. A imagem da cidade representada através da arquitetura deve achar um caminho entre a tradição e a contemporaneidade. O elo de ligação pode estar na relação da arquitetura com o turismo, item que está na pauta do desenvolvimento das cidades contemporâneas.

Acreditamos que o pensamento na base da arquitetura contemporânea portuguesa, em seus setores mais representativos, não esquece, mas antes pratica essa nova tradição de que se falou: não impositiva, mas simpatizante e compreensiva, capaz de compreender os homens e os lugares, garantindo aos próprios edifícios e espaços a identidade e a variedade, uma relação onde o autor se rebaixa não por incapacidade, mas por um princípio de respeito, de que somos devedores do próximo; (IL GIORNALE DELL'ARCHITECTURA, 2005 apud BENEVOLO, 2007, p. 129).

O exemplo português, com a redescoberta de Lisboa e da cidade do Porto<sup>41</sup> como novos polos do turismo mundial, pode ser pensando como uma diretriz futura para a arquitetura baiana e um caminho para o crescimento econômico. Os projetos arquitetônicos

---

<sup>40</sup> Museu do Palácio da Aclamação, Museu Abelardo Rodrigues, Museu da Catedral Basílica, Museu de Arte Antiga e Popular Henriqueta Catharino, Museu Ilê Ohun Lailai (Ilê Axé Opô Afonjá), Museu Carlos Costa Pinto, Museu Eugênio Teixeira de Leal/Memorial do Banco Econômico, Museu Geológico da Bahia, Museu de Arqueologia e Etnologia da Ufba, Museu São Bento, Museu Temporal, Museu da Cidade, Museu das Portas do Carmo, Museu de Arte Moderna, Museu de Arte da Bahia, Museu de Arte Sacra da Ufba, Museu Náutico da Bahia, Museu da Armaria, Museu Antropológico Estácio de Lima, Museu da Santa Casa de Misericórdia, Museu de Azulejaria e Cerâmica Udo Knoff, Museu do Parque Metropolitano do Pituaçu, Museu dos Ex-Combatentes do Exército, Museu dos Ex-Votos do Senhor do Bonfim, Museu Afro-Brasileiro, Museu da Ordem Terceira de São Francisco, Museu do Presépio, Museu de Arqueologia e Etnologia da Ufba, Museu Erótico (A TARDE, 2008). Mais dois foram inaugurados recentemente, Museu da Música Brasileira e o Museu do Carnaval.

<sup>41</sup> Eleita em 2018 como o melhor destino turístico do mundo pela World Travels Award.

dos portugueses muitas vezes, priorizam o restauro sobre a inovação, e a importância do lugar e da história no processo de construção do projeto, assim há o convívio em harmonia do passado com o presente. Os jovens arquitetos de Portugal praticam a arquitetura exercendo-a com as características que lhes foram ensinadas pelos antigos mestres. Ao mesmo tempo em que, como membros da comunidade europeia, transitam pelos continentes e sabem que a arquitetura não pode ser exclusiva para Portugal, mas possuir características portuguesas para atender as demandas globais.

Se existe arquitetura pós-moderna e contemporânea na Bahia é uma questão de debate não prioritária, o que se deve atentar é que sempre existirá uma arquitetura mal feita e uma bem feita. E a arquitetura bem feita soteropolitana será a que preservará nas edificações as características da sua cultura singular, atendendo as demandas de um mundo globalizado.

### 3.4 AS IMAGENS DE SALVADOR

Para se chegar à imagem da cidade mais próxima da que habita o imaginário coletivo dos soteropolitanos, foram lançados questionários, aplicados pela autora da dissertação, elaborados especificamente para esse fim e respondidos por 86 pessoas. Foram aplicados em três campos universitários de duas instituições distintas, com objetivo de obter-se um perfil heterogêneo de entrevistados, tanto em relação à faixa etária, quanto à localização de moradia, e ao poder econômico.

A princípio, pensou-se em número maior de entrevistados, mas com a repetição de respostas, estagnou-se o questionário nas 86 respostas.

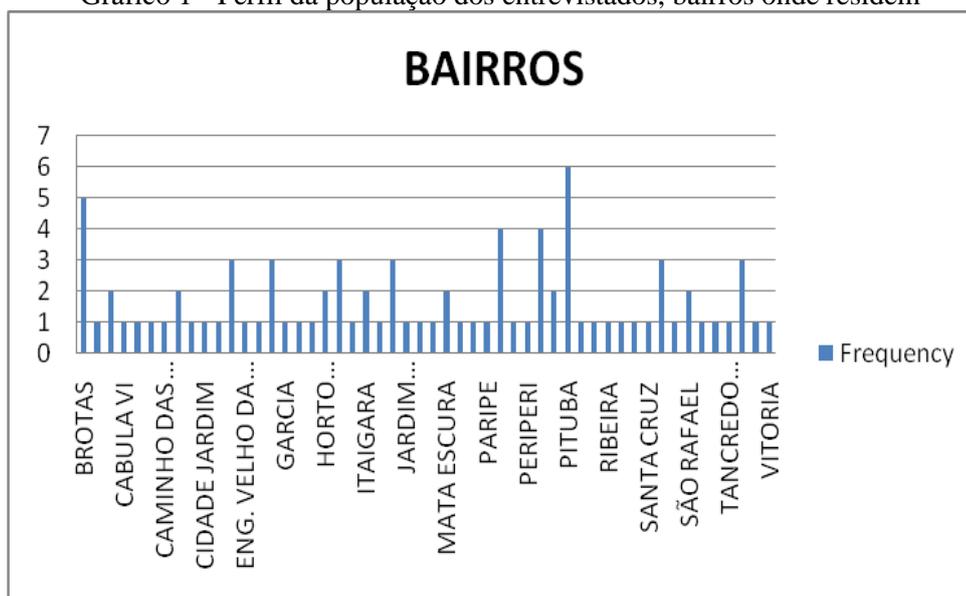
Os questionários, depois de aplicados, foram lançados no software Epi Info <sup>742</sup> e a partir dos dados relacionados no programa foram criados gráficos no Excel. Os gráficos resultantes foram analisados e são aqui comentados de acordo com as respostas sobre o tema proposto.

O perfil dos entrevistados foi composto, exclusivamente, por moradores de Salvador, na faixa etária entre 15 a 64 anos, com formação entre o ensino médio e a pós-graduação, sendo que a maioria era solteira e do sexo feminino.

---

<sup>42</sup> O Epi Info é um pacote estatístico oferecido pelo Centros de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC) com capacidade de desenvolvimento de formulários para entrada de dados realização de análises estatísticas e geográficas. O aplicativo pode ser facilmente instalado em um computador pessoal e é distribuído gratuitamente.

Gráfico 1 - Perfil da população dos entrevistados, bairros onde residem



Fonte: Elaborado pela autora desta dissertação (2019).

O primeiro gráfico apresentado identifica os bairros onde residem os entrevistados. Verifica-se que a maioria é residente em bairros centrais e de classe média. A maior parte dos entrevistados era residente na Pituba<sup>43</sup>, um bairro moderno, dividido em quadras e com amplas avenidas, fora do centro histórico e turístico da cidade, mais considerado como lugar de alta concentração do econômico da cidade. Em seguida se tem o bairro de Brotas, mais antigo do que o Pituba e de classe média. Segue-se para os subúrbios, Paripe e Periperi. Percebe-se que a escolha do local para a aplicação do questionário é um campo imparcial, com moradores de áreas distintas da cidade.

Questionou-se sobre qual paisagem que chamava mais atenção entre o trajeto casa-trabalho/escola (gráfico 2), o objetivo era descobrir a importância da paisagem urbana na vida cotidiana dos habitantes da cidade. Dos entrevistados, 76% fazem o trajeto em ônibus, 22% de carro e 2% a pé.

<sup>43</sup> O bairro da Pituba juntamente com a Barra faz parte da prefeitura-bairro VI de Salvador. Em 2010 era o bairro com maior população da cidade, possuía 65.160 habitantes. Segundo pesquisa da Conder possui um alto Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), observando-se a concentração de classe muito alta e com alto grau de instrução (CONDER, 2016).

Gráfico 2 - O que chama mais atenção no trajeto casa – trabalho/escola



Fonte: Elaborado pela autora desta dissertação (2019).

Dos entrevistados, 49% responderam que o foco das suas observações é a paisagem urbana, com respostas divididas entre prédios, viadutos e edificações, e a urbanidade também aparece num sentido diretamente oposto, quando é observada a falta de cuidado e abandono da cidade.

Com uma extensa orla, e vias urbanas que passam em frente à borda marítima nos mais diversos cantos da cidade, a paisagem natural de Salvador ficou em segundo lugar, abaixo em 16% do primeiro lugar. O mar e as praias foram lembrados como lugares que acalmam e trazem serenidade. Geralmente, Salvador possui um tráfego intenso de veículos e olhar para o mar nos momentos de pico no congestionamento pode trazer serenidade. Assim como observar pessoas praticando atividades rotinas poderia lembrar de uma vida mais saudável. Mas, somente 3% dos entrevistados percebem os transeuntes.

Uma expressiva porcentagem de 15% não se interessa por nada durante o trajeto, o que demonstra uma característica dos tempos modernos, a individualidade. Cada um imerso nos seus próprios pensamentos e focado nas tarefas a serem executadas ao longo do dia.

Sobre qual a imagem que caracterizava Salvador em uma palavra (gráfico 3), entendendo que algumas palavras possuem o mesmo sentido - história, histórica e centro histórico, no questionário a palavra história dividiu o primeiro lugar com a palavra praia.

Gráfico 3 - Palavra que descreve Salvador



Fonte: Elaborado pela autora desta dissertação (2019).

Existe um empate entre a palavra história e a palavra praia. Confirma-se na palavra história o peso da tradição para os habitantes da cidade. O resultado praia demonstra a força da paisagem natural na imagem da cidade, como foi observado no quesito anterior.

Em segundo lugar respondido na questão sobre a palavra que caracteriza a imagem, os entrevistados se dividiram entre dois marcos da cidade: o Farol da Barra<sup>44</sup> e o Pelourinho<sup>45</sup>. A população refere-se como Farol da Barra o conjunto que engloba o próprio Farol, o Forte de Santo Antônio da Barra e o morro, Ponta do Padrão, onde está situado o forte. Ao Pelourinho referem-se ao conjunto arquitetônico situado à região compreendida entre o Largo do Terreiro de Jesus, com suas igrejas seculares, e o Largo do Pelourinho, onde se situa a Fundação Casa de Jorge Amado.

Se forem classificados como imagens da história tanto o Pelourinho quanto o Farol, arquiteturas dos primeiros períodos da cidade, cidade-fortaleza e cidade-portuária, a palavra

<sup>44</sup> Construído antes mesmo da própria cidade de Salvador, que é de 1549, o Forte de Santo Antônio da Barra, mais antiga edificação militar do Brasil, cuja construção data de 1534, é um belo exemplar da arquitetura militar portuguesa do século XVI, tombado pelo IPHAN em 1938 e visitado por milhares de turistas, todos os anos. No Forte está o Farol da Barra, um dos mais conhecidos postais da Bahia em todo o mundo. O farol original foi instalado no forte no ano de 1698, sendo o primeiro de toda a América. O Forte abriga o Museu Náutico da Bahia desde 1974 (MUSEU NAUTICO DA BAHIA, 2018).

<sup>45</sup> O conjunto urbanístico e arquitetônico contido na poligonal do centro histórico de Salvador - declarado Patrimônio Cultural da Humanidade, pela Unesco em 1985 - é um dos mais importantes exemplares do urbanismo ultramarino português. Com seus becos e ladeiras, acolhe um dos mais ricos conjuntos urbanos do Brasil, implantado em acrópole e distinguindo-se em dois planos as funções administrativas e residenciais (no alto) e o porto e o comércio (à beira-mar). Entre 1938 e 1945, vários monumentos do centro histórico foram tombados pelo Iphan, para garantir a preservação do Largo do Pelourinho e do seu entorno imediato. O acervo arquitetônico e paisagístico da capital baiana merece destaque pelo seu excepcional valor cultural e pela sua extensão - possui cerca de três mil edifícios construídos nos séculos XVIII, XIX e XX - o que faz com que a cidade concentre mais da metade dos bens tombados individualmente em todo o Estado (IPHAN, 2018).

que mais descreve a cidade será, indubitavelmente, história conforme se observa no gráfico formulado através das respostas dos entrevistados.

Outro marco arquitetônico citado pelos entrevistados foi o Elevador Lacerda, bem tombado pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Nacional (IPHAN) em dezembro de 2006 e cartão postal de Salvador tanto sua função, ligando cidade alta à baixa, quanto por sua localização de frente para o mar. Também chama a atenção por sua arquitetura Art Decó, formando um conjunto de itens que o tornam singular. Segundo Mello (2004), o Elevador é símbolo de uma tecnologia de ponta, bastante explorado pela iconografia, por ter sido o mais expressivo ícone, na construção da imagem de Salvador modernizada. Foi o precursor desse tipo de transporte instalado no mundo, pioneiro, não só pela sua funcionalidade, mas também o primeiro elemento do gênero a integrar uma paisagem urbana.

O patrimônio imaterial do carnaval soteropolitano, que possui até um museu em sua homenagem, só apareceu em duas respostas, e o candomblé e o axé cada um foi apontado uma vez. Mas se as respostas forem analisadas pela etimologia da palavra, podem-se associar as palavras alegria, axé, candomblé, carnaval, cores, cultura, criatividade e diversidade, todas como parte da cultura de Salvador.

As igrejas<sup>46</sup>, que compõem o *skyline* da cidade, não foram citadas, apesar de numerosas, cantadas e contadas na música e na literatura, e de ser a cidade de Salvador reconhecida pela forte religiosidade.

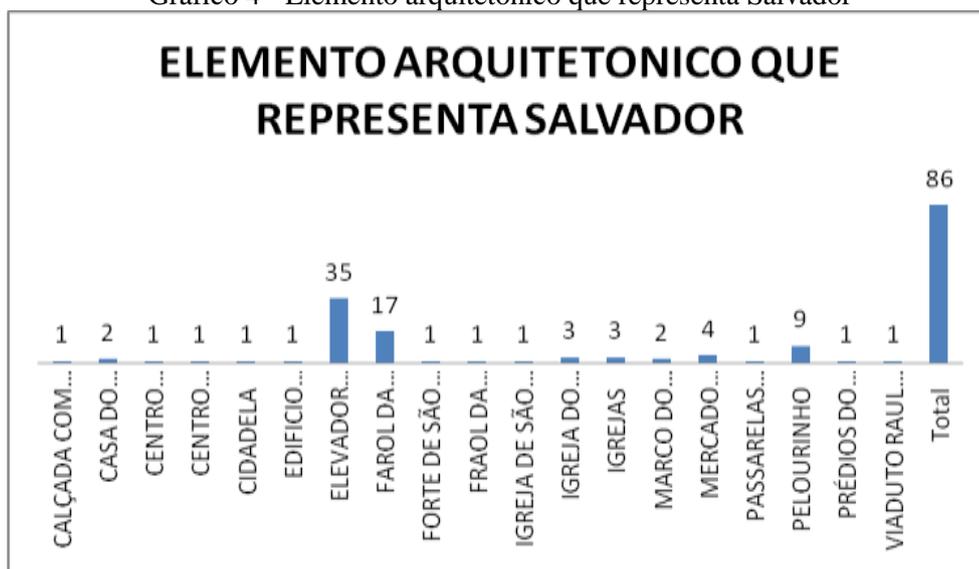
Analisando o gráfico 3, pode-se concluir que história e cultura são as palavras que descrevem a imagem da cidade de Salvador para os entrevistados.

Quando questionadas sobre que elemento arquitetônico representa melhor a cidade do Salvador (gráfico 4), o Pelourinho e o Farol da Barra não aparecem em primeiro lugar, apesar de ainda serem bastante citados nas respostas (o Farol da Barra apareceu em 20,93% das respostas).

---

<sup>46</sup> “365 igrejas a Bahia tem. Numa eu me batizei, na segunda eu me crismei, na terceira eu vou casar com a mulher que eu quero bem”, música de Dorival Caymmi que sugere que o estado possui uma igreja para cada dia do ano. A Arquidiocese de Salvador, afirma que não existe um levantamento oficial, mas ressalta que só a capital baiana conta com 372 templos de religião católica (MENDES, 2014).

Gráfico 4 - Elemento arquitetônico que representa Salvador

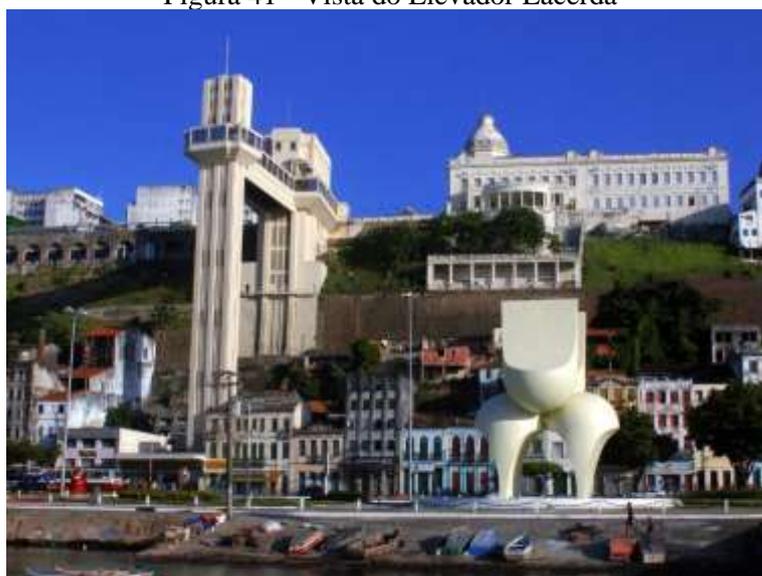


Fonte: Elaborado pela autora desta dissertação (2019).

As igrejas aparecem como elemento arquitetônico característico da cidade, mas o elemento que representa a cidade, para a grande maioria, é o Elevador Lacerda (figura 41). Como dito anteriormente, a singularidade confere a marca de elemento que caracteriza a cidade, mais do que a representação da arquitetura Art Decó encontrada em outras edificações da cidade.

Farol da Barra e Pelourinho, cartões postais da cidade, também são bastante citados, mas a única igreja expressamente citada é a do Senhor do Bonfim.

Figura 41 - Vista do Elevador Lacerda



Fonte: Farol News (2017).

Sobre demonstração afetiva entre indivíduo e lugar, se sentem emoção em alguma parte da cidade, 85% responderam que sim.

Gráfico 5 - Onde sente emoção



Fonte: Elaborado pela autora desta dissertação (2019).

Para as pessoas que responderam sim, foi perguntado em que parte da cidade sentem mais emoção (gráfico 5). O gráfico demonstra que mais uma vez o Pelourinho e o centro histórico, sem diferenciação para os entrevistados, apareceram como a parte preferida. Eles disseram que se sentiam bem num lugar que guardava a história da cidade, ratificando o conteúdo da matéria de Alex de Paula para o jornal A Tarde em 21/11/2015, com o título “Turistas ignoram história do Pelourinho”:

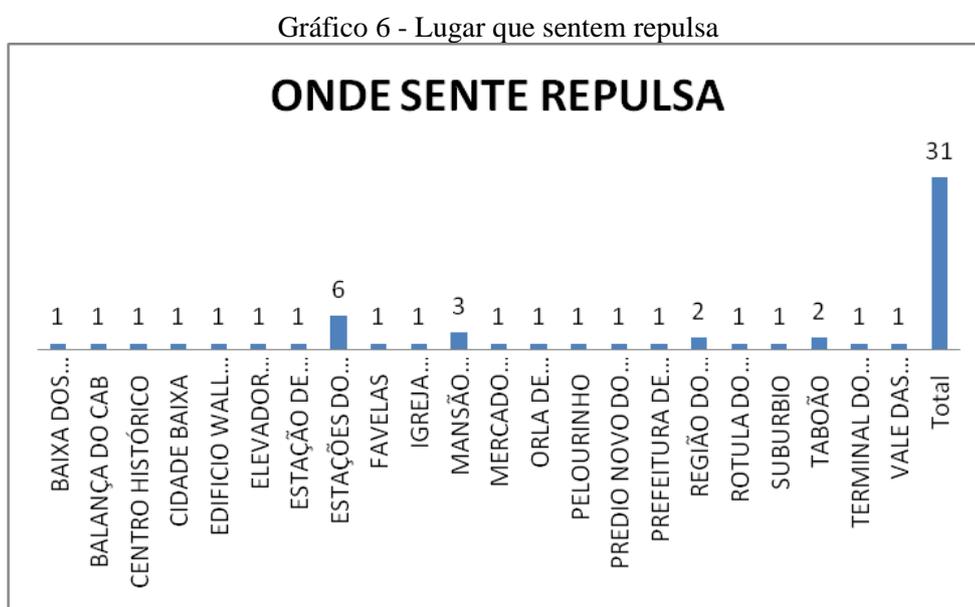
O nome 'pelourinho' é originado da coluna de cantaria (pedra) com argolas de bronze, na qual escravos eram amarrados e torturados. Conforme o comerciante Clarindo Silva, ícone da localidade Pelourinho e proprietário do restaurante Cantina da Lua, o artefato de pedra servia para castigar as pessoas que cometiam delitos ou escravos que fugiam os engenhos. [...] Mas não são apenas os turistas que desconhecem o assunto. O eletricitista Paulo Nunes, 45, é soteropolitano e também não tinha maiores informações sobre o Pelourinho. Para ele, a energia que a localidade emana, atualmente, é principal motivo para que o passado doloroso seja esquecido. [...] “Na minha luta pela revitalização do Centro Histórico, propus à população colocarmos uma réplica de pelourinhos em frente à Casa de Jorge Amado, como uma proposta de alerta”, conta Clarindo Silva. Segundo ele, a ideia não foi bem aceita pela população negra da região. A sugestão foi entendida como uma forma de dar vida à época de tortura. Clarindo afirma que o desejo dele foi mal interpretado: Ao termo réplicas desses instrumentos, elas seriam ferramentas utilizadas como uma forma de lição para os nossos netos e filhos. Seria uma maneira de eles refletirem e verem o quanto aqueles dias foram difíceis para os negros, explicou o comerciante. (DE PAULA, 2015).

Nesse gráfico, o Farol da Barra aparece em segundo lugar, com a justificativa da localização, sobre um morro que adentra ao mar. As pessoas disseram que ali sentem paz e tranquilidade e é o local preferido para verem o pôr do sol. O caminho em torno do Farol foi reformado em 2018 e um mirante foi instalado na encosta do morro para as pessoas admirarem o pôr do sol sobre o mar. É constante verificar-se o movimento de guardas municipais fazendo ronda na área, além de ser um forte protegido pela marinha da Brasil, o que transmite sensação de segurança às pessoas.

Em terceiro lugar, aparece a Avenida Contorno e a orla, sendo o trecho preferido o que compreendido entre o Porto da Barra e Amaralina. O motivo foi o mesmo, a sensação de tranquilidade que a paisagem natural inspira. Esse motivo também inspirou quem respondeu Jardim de Alah e Solar do Unhão e Morro do Cristo. Até mesmo na única edificação que aparece, o Mercado Modelo, o motivo explicado foi a sensação de paz que se tem olhando para as águas da Baía de Todos os Santos da varanda superior.

Algumas pessoas disseram que sentem emoção em lugares que remetem a algum fato importante da vida, bairros que residiram quando crianças ou trazem alguma recordação.

Outra questão foi se sentem repulsa por algum lugar (gráfico 6), entendendo como repulsa algo que os incomoda ou sentem desprezo.



Fonte: Elaborado pela autora desta dissertação (2019).

Somente 31% dos entrevistados sentem que algo os incomoda. Degradação e abandono forma os principais motivos relatados na identificação dos objetos de repulsa (baixa dos sapateiros, balança do CAB, centro histórico, cidade baixa, orla de Patamares, terminal do

Aquidabã). O incômodo também é sentido pela fragmentação e segregação da cidade, para quem respondeu favelas. A desordem urbana em bairros carentes também é motivo de incômodo (Taboão, Vale das Pedrinhas).

O trânsito intenso de veículos de Salvador incomoda muitos motoristas e apareceu em respostas como Rótula do Abacaxi e região do Iguatemi, para lugares que não agradam. A mobilidade urbana é um dos maiores problemas das grandes cidades, a verticalização aumenta a população local da área, como ocorre na região do Iguatemi, sem que a infraestrutura urbana acompanhe o ritmo do crescimento, o resultado, muitas vezes, são ruas congestionadas e tráfego intenso de veículos. O Iguatemi também é ponto de cruzamento entre o centro da cidade e área norte, além de ter a Rodoviária da cidade instalada nos seus arredores o que causa grandes congestionamentos em épocas de feriados. Melhorar a qualidade do transporte de massas é um dos desafios dos gestores para tentar amenizar o problema. Em Salvador foi pensado no metrô integrado a rede de onibus e um transporte rápido por onibus (BRT) para a região entre o Itaigara e o Iguatemi, ainda em obras.

Algumas arquiteturas recentes apareceram nas respostas como objeto de repulsa: o Edifício Wall Street (figura 42), um prédio comercial de fachada espelhada na avenida Paralela; o prédio residencial de alto luxo Mansão Wildberger (figura 43 e 44); o prédio azul, na orla do Porto da Barra, do antigo Hospital Espanhol (figura 45).

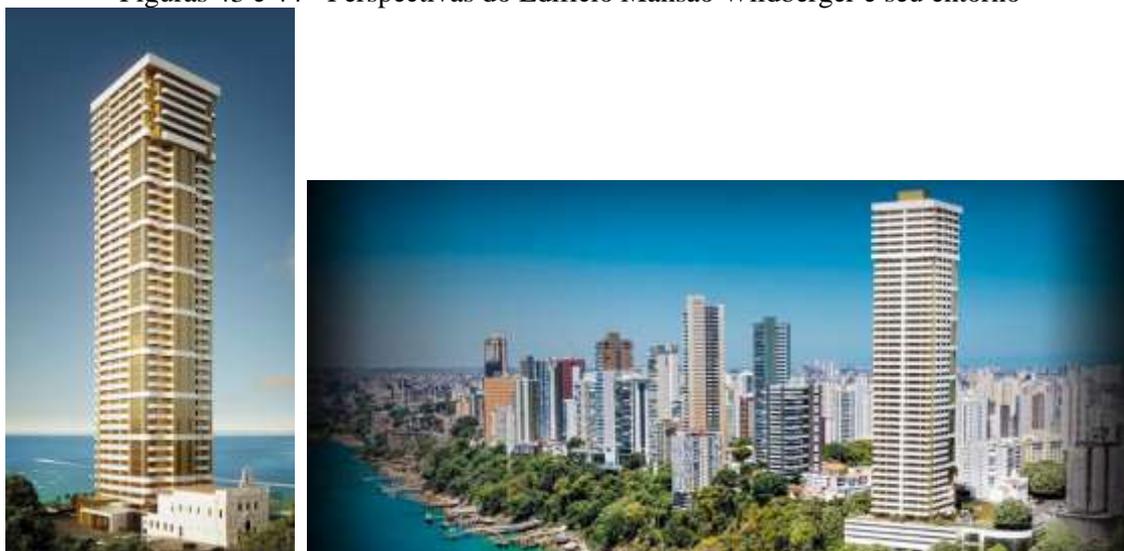
Figura 42 - Prédio Wall Street



Fonte: Wall Street (2018).

O prédio do Wall Street obedece ao conceito de edifício comercial que se instalou na região de Alphaville, com fachadas envidraçadas e arquitetura contemporânea. O motivo do incomodo pode ser analisado por não ser uma arquitetura apropriada ao clima local e sem relação de pertecimento com a cidade, a noção de “lugar” sem sentido na produção do espaço urbano.

Figuras 43 e 44 - Perspectivas do Edifício Mansão Wildberger e seu entorno



Fonte: Mansão Wildberger (2017).

A Mansão Wildberger<sup>47</sup> foi erguida após a demolição sem autorização da casa que fazia parte da área de entorno do tombamento da igreja da Vitória. O gabarito, 40 pavimentos, acima de todos dos prédios a sua volta e da cidade, rompendo a silhueta da cidade e a destruição do casarão tradicional no local onde foi erguido é motivo de desgosto para os entrevistados, mais evidente entre os arquitetos e estudantes de arquitetura.

<sup>47</sup> Nota do IPHAN, em 2007, sobre a demolição do casarão Wildberger:

Em face do descumprimento à legislação brasileira de proteção ao patrimônio cultural com relação à demolição da Mansão Wildberger, localizada à Praça Rodrigues Lima, número 04, Largo da Vitória – Salvador (BA), a superintendência regional do Iphan na Bahia tem a informar que:

1. O Iphan e o Ministério Público Federal ingressaram com Ação Civil Pública em 26 de janeiro de 2007 na Justiça Federal, Seção Judiciária do Estado da Bahia, pleiteando a emissão de ordem judicial, em caráter de urgência, para evitar a demolição da Mansão Wildberger e a construção no terreno, até que o Instituto se pronunciasse sobre o projeto arquitetônico oferecido para o local.
2. No último domingo, 28 de janeiro de 2007, antes que o pedido judicial fosse apreciado, o Iphan foi surpreendido pelo início das obras de demolição da Mansão Wildberger em desacordo à Recomendação do Ministério Público Federal e às advertências realizadas por esta 7ª Regional através de ofícios.
3. Para que a Legislação Federal fosse respeitada, o Iphan efetuou o Embargo Extrajudicial da obra de demolição da referida edificação, solicitando que a paralisação se mantenha até que haja parecer conclusivo dessa instituição a respeito do empreendimento que se pretende edificar no local, tendo em vista a sua localização no entorno de bem tombado provisoriamente, nos termos do art. 10 do Decreto-Lei n.º 25/37, que equipara o tombamento provisório ao definitivo. Para a efetivação da medida foi solicitado o apoio da Polícia Federal que está, desde então, acompanhando o caso (IPHAN, 2007).

Figura 45 - Prédio do Hospital Espanhol



Fonte: Bahia Toda Hora (2017).

O prédio do hospital Espanhol apareceu na lista por sua fachada azul de alumínio composto e vidro e monumentalidade destoarem da paisagem vizinha, local onde se iniciou a parte da história da cidade.

A prefeitura de Lelé, erguida como edificação temporária, também foi citada como lugar de incômodo. Localizada na área do centro histórico, vizinha ao Palácio Rio Branco, Elevador Lacerda e Câmara Municipal, a edificação destoa do conjunto.

Figura 46 - Prefeitura de Salvador

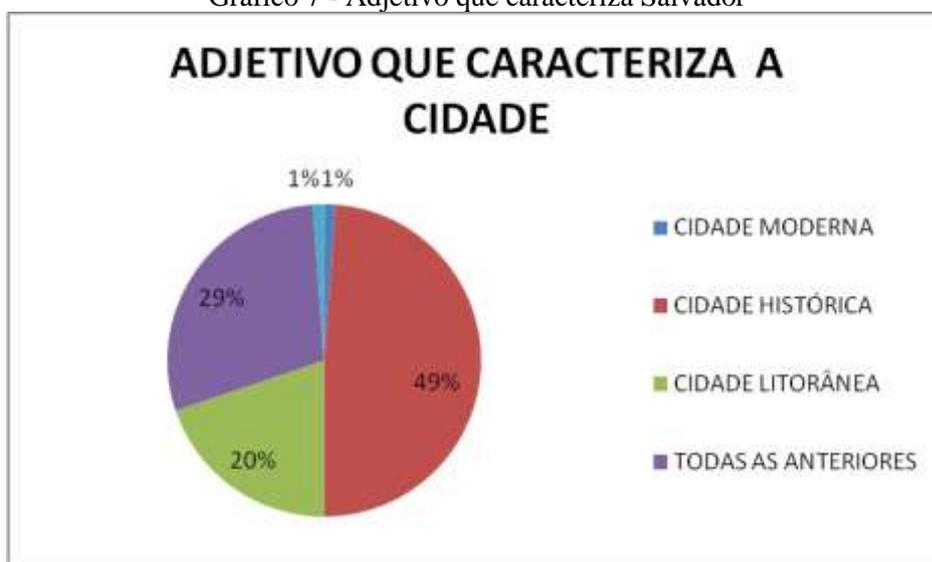


Fonte: Informe Baiano (2018).

A arquitetura que mais causa desconforto visual para os entrevistados foi o conjunto das premiadas estações de metrô. A arquitetura que compõe a mais nova paisagem da cidade, colorida e sustentável, é a que mais incomoda os entrevistados. As estações foram rejeitadas visualmente, na sua estética, e como elemento simbólico que traz a recordação de um sistema de transporte que dividiu a cidade em duas partes e a interferiu na paisagem com a instalação de estruturas aéreas.

O último item perguntado era que adjetivo caracteriza a cidade: moderna, histórica, litorânea, todos ou nenhum (gráfico 7). As respostas foram coerentes com as citações anteriores, quase metade dos entrevistados respondeu histórica. Somente 1% dos entrevistados respondeu cidade moderna.

Gráfico 7 - Adjetivo que caracteriza Salvador



Fonte: Elaborado pela autora desta dissertação (2019).

Apesar da grande expansão urbana<sup>48</sup> verificada a partir de meados do século XX, a imagem da cidade que povoa o imaginário de seus habitantes é de uma parte dela. Em Salvador é perceptível a presença da tradição e da história. Observam-se casarões coloniais de um lado e prédios *high-tech* de outro, igrejas seculares se misturando com bares e

<sup>48</sup> Cidade histórica do Brasil, Salvador é hoje muito distinta daquela existente até o século XIX. Novos bairros surgiram e cresceram, sendo o Miolo (região com cerca de 41 bairros e mais de 35% da superfície da cidade) o exemplo mais marcante desta nova configuração urbana. Até finais de 1940 o Miolo era praticamente rural. Nos anos 50, começaram a expansão horizontal e a segregação urbana em Salvador, transformando-o na área de maior expressão do processo de periferização sócio-espacial da cidade. A partir de então, as alterações foram impressionantes. Na década de 60, mudanças no sistema de transporte transformaram a cidade. Nos anos 70 houve a implantação de importantes equipamentos e um intenso incremento habitacional. Nas décadas de 80 e 90 o Miolo cresceu com taxas superiores às de Salvador, constituindo-se num grande eixo de expansão da cidade (FERNANDES, 2004).

restaurantes, numa paisagem pontuada por praias protegidas por fortificações antigas, algum verde e muito concreto.

Fatores históricos juntamente a políticas de valorização da terra e especularização imobiliária moldaram a Salvador que hoje se conhece, segregada e com a periferização do miolo, sua maior e central região.

O Centro Histórico continua com a importância de valor afetivo, a história da cidade, suas raízes. Já o novo Centro Econômico, na região do Iguatemi, é a parte que reflete a imagem contemporânea, possui arquitetura contemporânea e espetacular como a Casa do Comércio e também o caos urbano com trânsito intenso, avenidas cobertas por arranha-céus de prédios empresariais, fluxo de pessoas ao longo do dia entre o grande shopping center, a estação de metrô e a rodoviária. O restante da cidade, fora do contexto das políticas de desenvolvimento econômico, sem valor para o turismo da classe média ou para a especulação imobiliária, é esquecido até mesmo pelo próprio morador da cidade.

Sendo o turismo uma das estratégias de desenvolvimento urbano, o entendimento da imagem da cidade para os seus habitantes é fundamental para se criar projetos de marketing. Pois, ao se reconhecer os valores do lugar há uma facilidade maior de criar espaços onde os turistas, e os próprios moradores, consigam se projetar e se apropriar com facilidade, assim a cidade produz o turismo e turismo produz e reproduz a cidade, conforme citou Pedro (2017).

A imagem de Salvador demonstrada no resultado do questionário aplicado é de cidade que transita entre o moderno e o antigo, onde existem todos os itens de cidade cosmopolita, mas a tradição é a memória afetiva que os habitantes possuem da cidade. Nesse entendimento a arquitetura baiana precisa evoluir, caminhando com os novos desafios da cidade contemporânea, mas respeitando o seu passado histórico e suas tradições.

Não se deve destruir a imagem de cidade singular, cultural e histórica, que já está incorporada no inconsciente tanto de habitantes quanto dos visitantes. A arquitetura soteropolitana deve seguir um caminho onde sua imagem não se desfaça do passado, mas que esse passado se adeque ao futuro.

## 4 A IMAGEM DE SALVADOR E O TURISMO

### 4.1 O TURISMO EM SALVADOR

A cidade no mundo contemporâneo, transformada em cidade-produto, tem na imagem turística uma das formas de tornar visível a sua imagem enquanto mercadoria. A imagem da cidade é fundamental para torna-la conhecida, permitindo difundi-la ou vendê-la.

A imagem turística de uma cidade pode ser construída embasada no patrimônio imaterial, história e cultura, ou no seu patrimônio material, ou até em ambos. Salvador tem a sua história com o turismo interligada principalmente com a cultura, mas o seu patrimônio edificado também corresponde a um ponto de atração.

A construção do Palace Hotel, em 1934, primeiro hotel de luxo no Estado e a criação pela Prefeitura Municipal de Salvador da Secção de Turismo no Arquivo Público de Salvador, nos anos 1930, tornou a cidade como referência no processo turístico. Segundo a antropóloga Goli Guerreiro (2005), na primeira metade do século XX a atividade turística realizada na Bahia era ainda bastante incipiente, só obtendo maior relevância a partir de 1970, quando passou a ser tratada como um vetor estratégico pelo governo.

Em face aos problemas urbanos e crise habitacional, ações de desenvolvimento ao turismo, anterior a década de 50, eram tímidas, sendo as principais ações dos governantes com caráter de apoio institucional, sem obras ou ações que objetivassem a atividade como uma estratégia de desenvolvimento econômico. A venda da imagem da cidade era dada através da relação de baianidade, ou ideia de Bahia como denomina o sociólogo Osmundo Pinho, construído no imaginário pelos estereótipos da literatura de Jorge Amado<sup>49</sup>.

Convém dizer que por Ideia de Bahia entendo: (a) o "sentimento" de diferença que baianos têm em relação ao resto do país e do mundo; (b) que este "sentimento" é constituído a partir de narrativas específicas; (c) que estas narrativas condensam conteúdos particulares; (d) que estes conteúdos são ideológicos, no sentido interpretativista apresentado acima; (e) que esta ideologia é tanto a base para a construção de um consenso político com

---

<sup>49</sup>O escritor Jorge Amado, o mais lido escritor brasileiro, é responsável por criar o estereótipo do baiano em seus romances, difundido uma ideia de Bahia grande importância para do turismo. “Muitos antes já haviam gabado seus encantos, em prosa e verso. Com amor mesclado de ódio – ah! a paixão tem dessas coisas - como Gregório de Mattos, dito Boca de Inferno, e, mais recentemente, com dengosa picardia, como Dorival Caymmi. Mas nenhum com tal perseverança, com tão continuado bem querer, carne e sangue, corpo e alma, povo e paisagem. Hoje por todo canto do mundo, traduzida em língua sem conta, a beleza desta cidade atrai visitantes, seduzidos pela imagem, pelas estórias, pelos mistérios que sussurram entre as páginas de seus livros [...]” (FRAGA, 2000, p.12 GUERREIRO, 2005).

vistas à dominação, como a base para a reprodução de uma multiplicidade de bens simbólicos, negociados no mercado internacional de cultura. (PINHO, 1998, p. 4).

De acordo com Ferreira e Dantas (2013), no governo de Régis Pacheco, datado de 1951-1955 as principais contribuições dadas foram à transformação da antiga Secção de Turismo, da Diretoria de Arquivo e Divulgação, da Prefeitura Municipal de Salvador (década de 1930), em Diretoria Municipal de Turismo (DMT)<sup>50</sup> no ano de 1953. Transformando em órgão com ações mais voltadas ao apoio a eventos mais representativos de Salvador, e à formulação do primeiro Plano Diretor de Turismo de Salvador (1955), cujo objetivo era estimular o poder público para o desenvolvimento do setor no estado.

No governo de Antônio Balbino de Carvalho Filho (1955-1959), segundo Ferreira e Dantas (2013), aumenta o investimento sobre o turismo com a formulação do Plano de Desenvolvimento da Bahia (PLANDEB).

Em 1955, Salvador sedia o III Congresso Nacional de Turismo e a Diretoria Municipal de Turismo lança o primeiro Plano Diretor de Turismo do país. Algumas estratégias desse Plano indicam uma intenção de construir uma imagem para a cidade. O plano turístico se apropriava da cultura e da baianidade como atrativo para a cidade, formando uma nova imagem.

A cultura da cidade continua a ser um diferencial e ponto de atração para o turismo como pode se perceber no Roteiro Turístico de Salvador do ano de 1958:

[...] A esta praia sucede a de Itapuã, mundialmente conhecida, através de suas lendas e das cantigas bonitas de Dorival Caymmi [...] Neste subúrbio as praias apresentam-se onduladas, surgindo pequenas dunas que se confundem com a vegetação. É nestas paragens que se localiza a célebre Lagoa do Abaeté; escura, misteriosa 'arrodeada de areia branca', a lagoa guarda veladamente seus segredos, por isso mesmo admirada e respeitada por todos. (ROTEIRO TURÍSTICO, 1958, p. 12 apud GUERREIRO, 2005).

O PLANDEB é finalizado no governo de Juracy Magalhães, com ideias que incorporaram o turismo no Programa de Recuperação Econômica da Bahia, caracterizada como uma atividade possível de promover o desenvolvimento econômico ao estado.

---

<sup>50</sup> Em 1952, aparece o primeiro material de promoção da cidade, o Roteiro turístico da cidade do Salvador desenhado pelo artista plástico Carlos Carneiro. A nova sede da Diretoria Municipal de Turismo (DMT) era, em si, um atrativo turístico. Instalada no Belvedere da Sé no Centro Histórico de Salvador com vista para a Baía de Todos os Santos, o órgão contou com um monumento do artista plástico baiano Mario Cravo (GUERREIRO, 2005).

Em 1959, a Diretoria Municipal de Turismo foi extinta, sendo substituída pelo Departamento de Turismo e Diversões Públicas (DTDP), órgão vinculado à Secretaria de Educação e Cultura que manteve as estratégias anteriores, mas investiu em infraestrutura (rede hoteleira, acessibilidade e treinamento de pessoal para receber os turistas). Sob a nova gestão foi criado um marketing turístico voltado para a cultura.

Segundo Guerreiro (2005), o gestor do turismo, o jornalista Vasconcelos Maio, era considerado um visionário e apostou em várias frentes para promover o turismo:

Cursos para senhoras da elite baiana sobre a história e cultura de Salvador foram lançados no Instituto Feminino da Bahia, uma antiga e tradicional instituição católica; propagandas em rádio e TV são vinculadas para promover o turismo na Bahia, apoiou a realização de concursos carnavalescos; a realização de filmes de longa metragem e de documentários sobre a Bahia; publicou um Guia Turístico anexado à lista telefônica de Salvador que enfatizava seus aspectos históricos e socioculturais; produziu calendários e cartões postais coloridos; cadastrou baianas de acarajé e estabeleceu pontos de venda; fundou o serviço de atendimento ao turista; restaurou patrimônios histórico-arquitetônicos; apoiou a realização de Congressos; incluiu Salvador como tema em Exposições Internacionais e em Festivais Nacionais de Folclore; além de mobilizar a classe artística para discutir e alavancar sua proposta turística. (GUERREIRO, 2005).

Assim quando a Bahia se despontou no cenário nacional como cidade turística, havia um diferencial, o seu turismo não voltava à paisagem natural, inerente a qualquer lugar, mas à uma cultura única, fruto da origem de três raças distintas (africanos, europeus e índios).

A condição multirracial da cidade de Salvador é constantemente ressaltada e as diferentes "raças" aparecem em alguns momentos distribuídas em um esquema preconcebido e atemporal de atributos. [...] A figura retórico-sexual das três meninas é comum: na Bahia, o homem em busca de felicidade encontraria "negras fogosas, mulatas dengosas e brancas delicadas" como em nenhum outro lugar. Um cardápio sexo-racial apresentado como atrativo turístico. Em Jorge Amado e em outros autores. (PINHO, 1998, p. 5).

Com o golpe militar de 1964, o prefeito foi cassado e o DTDP mudou para o Departamento Municipal de Certames e Turismo com todos os cargos de confiança confiscados. Posteriormente, com a criação da Superintendência de Turismo da Cidade de Salvador, o órgão foi extinto.

No governo de Lomanto Júnior (1963-1967), merecem destaque o asfaltamento da rodovia BR-116, conhecida como RioBahia, principal via de acessibilidade turística no estado, além da criação da Empresa de Turismo da Bahia (BAHIATURSA), em 1968. A

institucionalização do turismo era uma das ações do governo militar, sob a forma de empresas públicas de promoção da atividade. Mas independentemente do apoio de órgãos políticos a construção da imagem da cidade como centro turístico ocorria de uma forma totalmente inesperada à época da ditadura.

A vanguarda artística baiana capitaneou a formação da imagem da cidade como centro cultural atraindo o turismo. Aqui surgiam ideias artísticas que estavam revolucionando as artes com o cinema novo de Glauber Rocha e as músicas de protesto de Caetano Veloso, Gilberto Gil e Raul Seixas, que inauguram um movimento de ruptura com o sistema: a Tropicália.

O Tropicalismo, logo depois de sua "explosão" inicial, transformou-se num termo corrente da indústria cultural e da mídia. [...] A intervenção histórica operada, sobretudo pelo Tropicalismo musical, foi tão contundente que mesmo aqueles que, na época, não se identificaram com seus pressupostos, não lhe negaram a radicalidade e a abertura para uma nova expressão estético-comportamental. (NAPOLITANO; VILAÇA, 1998).

A contracultura baiana agrada aos jovens do sul e sudeste despertando a vontade de conhecer Salvador. Além da Tropicália, a música baiana tem um papel de grande relevância como fator de atração turística. Os baianos Dorival Caymmi, João Gilberto, Maria Bethânia e Gal Costa através do seu espaço na mídia, divulgam, nas letras de suas canções e em entrevistas, a Bahia para o mundo, e Salvador também é fonte de inspiração para o músico e poeta carioca Vinícius de Moraes que morou em Salvador no bairro de Itapoã. Um exemplo de como as artes atraíram os turistas é a música Você já foi a Bahia, de Dorival Caymmi de 1941:

Você já foi à Bahia, nêga?  
 Não?  
 Então vá!  
 Quem vai ao "Bonfim", minha nêga,  
 Nunca mais quer voltar.  
 Muita sorte teve,  
 Muita sorte tem,  
 Muita sorte terá  
 Você já foi à Bahia, nêga?  
 Não?  
 Então vá!  
 Lá tem vatapá  
 Então vá!  
 Lá tem caruru,  
 Então vá!  
 Lá tem munguzá,

Então vá!  
 Se "quiser sambar"  
 Então vá!  
 Nas sacadas dos sobrados  
 Da velha São Salvador  
 Há lembranças de donzelas,  
 Do tempo do Imperador.  
 Tudo, tudo na Bahia  
 Faz a gente querer bem  
 A Bahia tem um jeito,  
 Que nenhuma terra tem!

A estratégia do turismo, ainda que com pouco incentivo das instituições do governo, passa a se apoiar na capacidade de produção cultural da cidade, disseminada nacionalmente e investe na singularidade da cultura local transformando-a em atrativo turístico.

No governo de Luiz Viana Filho (1967-1971), ocorre incentivo fiscal para a construção de grandes hotéis no ano de 1970.

O governo de Antônio Carlos Magalhães (1971-1975) segue a linha de quando havia sido prefeito da cidade e se destacou como grande político ao executar obras de pavimentação de vias, limpeza de áreas centrais, construção e ampliação de avenidas.

O primeiro governo de ACM, datado de 1971 a 1975, ocorre ruptura definitiva com antiga elite oligárquica baiana, representada por políticos ligados a José Joaquim Seabra, que acarretou construção de um ideário político baseado na modernização conservadora com a participação das camadas médias baianas, não afetando os interesses tradicionais locais, em especial à elite soteropolitana e do recôncavo baiano. (FERREIRA; DANTAS, 2013).

A política de ACM beneficiou o desenvolvimento do estado da Bahia, e o turismo fora um dos setores eleitos para se desenvolver, obtendo seu primeiro boom turístico em meados ao final da década de 1970. Segundo Ferreira e Dantas (2013), o turismo fora atrelado ao discurso das elites locais baianas, principalmente representadas na figura de ACM, como uma atividade voltada à modernidade e ao desenvolvimento, de acordo com a política desenvolvimentista requerida pelos militares. Sem afetar os interesses das elites agrárias e soteropolitanas, ACM consolidou a Bahia na vanguarda do turismo no Nordeste.

Ferreira e Dantas (2013) cita que no governo de Roberto Santos (1975-1979), o turismo de Salvador muda o foco da literatura para a paisagem natural, evidenciando as belezas das praias e o clima de verão no inteiro. Também a música finalmente a ser percebida pelas instituições como um produto de venda da cidade. Em 1979, o governador anuncia a

construção do Centro de Convenções da Bahia, marco importante para a história do turismo, pois com o Centro a Bahia poderia receber grandes eventos que atrairiam turistas durante todo o ano.

O estado volta a ser governado por ACM após Roberto Santos, que dá continuidade ao seu modelo de gestão com o marketing externo intensificado. Na sua gestão acontecem os primeiros voos internacionais na Bahia, abrindo as portas para o mundo. Há uma descentralização do turismo em Salvador focando em outras regiões da Bahia para competir no turismo global.

A partir dos anos 1980, o turismo baiano passa a ser um turismo cultural. Conforme Guerreiro (2005), a divulgação das cidades através da construção de uma imagem baseada em alteridade étnica e herança cultural é uma estratégia frequentemente utilizada.

Em 1986 a UNESCO declarou o Centro histórico de Salvador como Patrimônio da Humanidade e as atenções voltam-se a essa região. Ações do Estado e município são realizadas para revitalizar a área, o prefeito Mário Kertész convida a arquiteta Lina Bo Bardi para elaborar um plano de recuperação daquela região.

O carnaval soteropolitano também faz parte da história do desenvolvimento turístico de Salvador desde que ganhou a fubica elétrica em 1950. O carnaval se torna uma indústria com o aparecimento da “axé music”, música que misturava ritmos afro brasileiros e caribenhos, na década de 1980. A cidade fica em evidência nas mídias nacionais e a festa passa a ser um grande negócio, trazendo turistas não só no período, mas também nas festas que aconteciam durante o pré-carnaval, praticamente em todo o verão.

Com o crescimento turístico na cidade, em de 18 de fevereiro de 1986 é criada a Empresa de Turismo S/A (EMTURSA), destinada a executar, planejar e fomentar as Atividades Turísticas no Município do Salvador.

A década de 1990 representa uma grande evolução para o turismo como fator de desenvolvimento econômico das cidades. Segundo o sociólogo Fernando Oliveira (2008), um dos fatores que contribuíram para o desenvolvimento do turismo foi a criação em 1990, da World Travel & Tourism Council (WTTC), entidade que reúne as maiores empresas mundiais do setor e que passa a exercer pressões e criar campanhas em prol do desenvolvimento do turismo, em diversos países.

Entendendo a importância do turismo como fonte de incremento econômico e desenvolvimento regional, numa década de baixo crescimento econômico com altos índices de desemprego, o governo federal cria o Programa de Desenvolvimento do Turismo

(PRODETUR). Segundo o Ministério do Turismo, o PRODETUR busca organizar as intervenções públicas para o desenvolvimento da atividade turística, através de prévios processos de planejamento das regiões turísticas de forma que o turismo venha a constituir uma verdadeira alternativa econômica geradora de emprego e renda principalmente para a população local. O programa inclui ações nos âmbitos regionais, estaduais e municipais, numa parceria do Ministério do Turismo com estados e municípios e financiadores internacionais, em especial o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e com a Corporação Andina de Fomento.

Na Bahia, por exemplo, os projetos definidos pelo Prodetur foram previstos apenas para as áreas prioritárias, a Costa do Descobrimento e a Costa do Cacau, mas, após algumas mudanças, a estratégia turística do Estado foi ampliada. Na década de noventa, quando o turismo ganha destaque na pauta de investimentos do Estado, também ocorrem rearranjos institucionais nos órgãos ligados ao turismo e o fortalecimento dos planos de implantação de infra-estrutura nas áreas turísticas, de marketing e de educação para o turismo. Por isso, os projetos aprovados em Salvador e o seu entorno metropolitano envolveram várias ações de recuperação de patrimônio histórico (Centro Histórico e Pelourinho, entre outros), além da ampliação e modernização do Aeroporto Internacional de Salvador. Em volume de gastos, os investimentos do Prodetur/BA somaram US\$ 232,5 milhões, US\$ 130 milhões de empréstimos financiados pelo BID/BNB, US\$ 55 milhões como contrapartida estadual e US\$ 47,5 milhões do Governo Federal, através da Embratur e da Infraero. (OLIVEIRA, 2008).

De acordo como Pinho (1998), no segundo governo de ACM com apoio do PRODETUR é lançado o Programa de Recuperação do Centro Histórico, em 1992, na linha do desenvolvimento do turismo cultural.

Em 1993, ano de inauguração da primeira fase da última intervenção no Centro Histórico, a Bahia recebeu 2,4 milhões de turistas, geradores de 450 milhões de dólares de receita. A meta governamental seria crescer, até o ano 2000, para um número próximo a 4,1 milhões de turistas/ano, o que representaria o impacto de 1 bilhão de dólares no PIB baiano. (GOMES; FERNANDES, 1995 apud PINHO, 1998, p. 6).

Pinho (1998) cita que nos anos 90, o sucesso do turismo no âmbito regional se dá em parte pela implantação do Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT), implantado no Brasil entre 1994 e 2001. O programa além de buscar a descentralização no planejamento e na gestão das políticas de turismo, objetivava o envolvimento e a percepção dos agentes locais quanto ao importante papel do turismo como instrumento de crescimento e

de geração de empregos nas localidades de potencial turístico. O programa capacitava a comunidade para atender os turistas.

Os investimentos em turismo seguem, entre 1991 e 2000, a Empresa de Turismo da Bahia estima que o governo destinou cerca de US\$ 1,5 bilhão para melhorias em infraestrutura do Estado, sendo que cerca de 64% desses recursos foram aplicados na Cidade do Salvador.

Segundo o administrador João Dantas Neto (2007), a promoção da cidade nos anos 2000 é feita com a construção de imagens através de mensagens midiáticas que exaltam sua história e cultura, sem estabelecer semelhança ou diferença entre o Estado da Bahia e a Cidade de Salvador, tratando as mesmas como sinônimos. A primeira exalta a história e a cultura da cidade, “Salvador, a capital cultural do Brasil”. Num segundo o diferencial da cidade e seus personagens importantes são expressos no slogan “Isso é coisa da Bahia”. A alegria, festividade e receptividade do povo baiano aparecem no slogan “Bahia, terra da felicidade”. Para Dantas Neto (2007), a ausência de diretrizes políticas para o turismo na cidade do Salvador impôs aos Governos estadual e municipal investimentos maciços em comunicação de massa, que visou, entre outros objetivos, a afirmação da imagem do local, evidenciando aspectos estereotipados.

Em 2006, através da Lei Nº 10.549, a Secretaria de Cultura foi separada do Turismo com a criação pelo Estado da Secretária da Cultura (SECULT). A nova Secretaria se divide em seis diretrizes: construção de uma cultura cidadã; aprofundamento da territorialização da cultura; fortalecimento da institucionalidade cultural; crescimento da economia da cultura; ampliação do diálogo intercultural entre nossos estoques e fluxos culturais (ocidental, afro-brasileiro, do sertão e dos povos originários); alargamento das transversalidades da cultura. O governo de Jacques Wagner, através da SECULT, intenciona promover o fortalecimento das indústrias culturais e criativas, e com isso fortalecer o turismo.

Na gestão do prefeito João Henrique, em 2009, uma série de medidas foram tomadas com o intuito de modernização e inovação da gestão pública municipal de forma a evitar a fragmentação das ações e a promover a harmonia e a transparência dos serviços públicos essenciais disponibilizados ao cidadão, com maior eficiência e eficácia, definidas sob a forma da Lei Nº 7610/2008, que em seu art. 4º diz:

A Empresa de Turismo S/A - EMTURSA, constituída nos termos da Lei nº 3601, de 18 de fevereiro de 1986, passa a denominar-se Empresa Salvador Turismo - SALTUR, e tem por finalidade fomentar, planejar, coordenar,

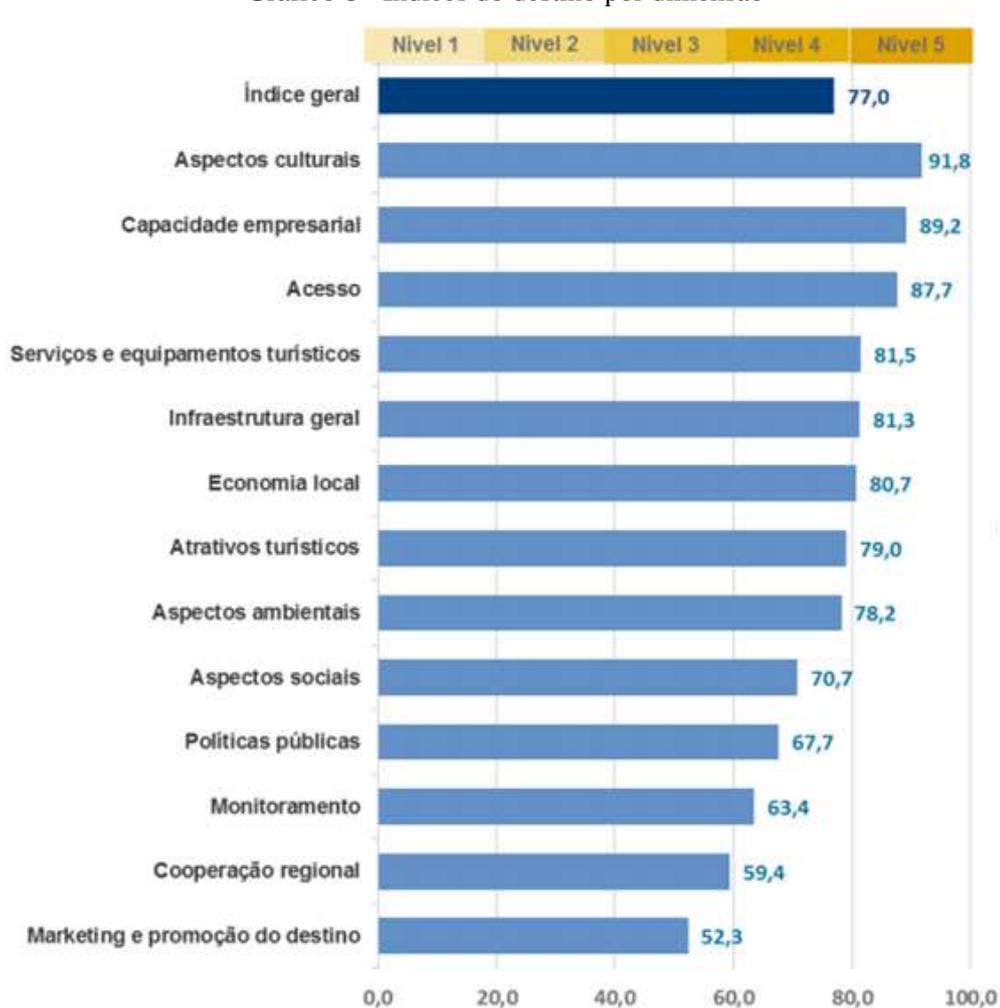
executar e controlar as atividades turísticas, promovendo o Município do Salvador como produto turístico nacional e internacional.

O prefeito João Henrique promoveu uma série de obras de requalificação da cidade e tamponamento de rios com a criação de parques lineares sobre eles, o que fez com que fosse eleito por duas gestões seguidas.

Em 2015, com a reestruturação da administração estadual efetuado pelo governador Rui Costa, foi alterada a estrutura operacional da empresa Bahiatursa, passando a se chamar Superintendência de Fomento ao Turismo do Estado da Bahia.

O gráfico 8 demonstra o resultado de uma pesquisa sobre o Turismo em Salvador, realizado em conjunto pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), Ministério do Turismo (MTur) e Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), indicando que a maior atração da cidade de Salvador é o aspecto cultural, sendo ainda baixo o índice de marketing e promoção do destino.

Gráfico 8 - Índices do destino por dimensão



Fonte: FGV, MTur e Sebrae (2015).

O jornal Correio da Bahia publicou em junho de 2016 uma matéria com o título: Salvador Foca no Turismo Cultural. Nela o secretário de Cultura e Turismo de Salvador, Érico Mendonça diz que o plano turístico dará ênfase no turismo cultural, porque é o que diferencia Salvador e a torna mais conhecida<sup>51</sup>. A atenção ao sol e a praia também foi dada com a requalificação de vários pontos da orla.

Com o prefeito Antônio Carlos Magalhães Neto é lançado em 2017 o Salvador 360, um plano com diferentes eixos de promoção de desenvolvimento econômico e geração de emprego. Um dos eixos é voltado para a revitalização do Centro histórico com requalificação de ruas e promoção da cultura com o programa Pelourinho Dia e Noite.

Com a chancela do programa Pelourinho Dia e Noite a Prefeitura Municipal de Salvador assumiu clara e decididamente seu protagonismo na reabilitação do Centro Histórico objetivando gerar uma nova dinâmica de funcionamento e gestão. Nesse contexto, criou recentemente, na Secretaria de Cultura e Turismo, a Diretoria de Gestão do Centro Histórico e instituiu o Programa Revitalizar, destinado a promover a restauração, recuperação, reforma e conservação desse valioso patrimônio arquitetônico, histórico e cultural, assegurando sua preservação para as gerações futuras. (PELOURINHO DIA E NOITE, 2018).

Numa atitude de marketing para promover a cidade, o prefeito ACM Neto volta o olhar para a Baía de Todos e Santos e traz para Salvador a maior regata mundial de veleiros de oceano que parte da França, regata Jacques Vabre em 2017. As belezas naturais e culturais das zonas turísticas baianas são divulgadas na França através do filme promocional intitulado “A Bahia é Muitos Mais”, produzido pela organização da regata e pelo Governo do Estado. Além da divulgação externa, o evento também trouxe outros impactos positivos para a economia, como hospedagem de atletas e repórteres de todo o mundo e o incremento no setor de serviços.

Ainda em 2017, a prefeitura consegue financiamento do BID para o Prodetur Regional. Orçado em US\$ 105 milhões, divulgado em site do Governo Federal. O Prodetur tem por principal objetivo fomentar o turismo e a geração de emprego e renda na cidade. Metade do investimento previsto para o programa vem de recursos próprios e a outra metade será financiada pelo BID.

---

<sup>51</sup> O secretário citou alguns dos principais atrativos culturais, que têm se destacado, além de ambientes recém-inaugurados. A Casa do Rio Vermelho, onde viveram Jorge Amado e Zélia Gattai, já é terceiro local turístico mais visitado de Salvador, atrás apenas das Igrejas do Bonfim e de São Francisco. Duas novidades do roteiro cultural são os Fortes de Santa Maria – que abriga o Espaço Pierre Verger de Fotografia – e de São Diogo – onde foi instalado o Espaço Carybé de Artes (CORREIO, 2016).

Segundo divulgação do Governo Federal, Salvador é o primeiro município do país a conseguir financiamento pelo BID para o Prodetur, cuja execução total deve durar cinco anos. Locais de importância histórica e cultural serão contemplados pelo Prodetur, a exemplo da Avenida Sete de Setembro e estão previstas a requalificação de trechos finais da Orla de Salvador, como o Barra/Ondina e Stella Maris/Praia do Flamengo/Ipitanga. Também esta prevista a implantação do Museu da História da Cidade e do Arquivo Público.

Em Salvador, a coordenação executiva do Prodetur ficará a cargo da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (Secult). O prefeito de Salvador, ACM Neto, comentou no site do Governo Federal a importância do turismo para a economia local: A nossa Bahia tem na atividade turística uma de suas principais indústrias, responsável pela geração de empregos e renda.

Em 2018, a Rede Globo lança uma novela ambientada na Bahia, mostrando a cultura, a música, belas praias e regiões pouco exploradas como o Santo Antônio Além do Carmo e a Gamboa de Baixo, Vitória, além do próprio Centro Histórico. O marketing gratuito ampliou os interesses dos turistas por Salvador com aumento do fluxo de turistas registrado no aeroporto e pela procura da cidade em sites especializados em turismo, segundo dados da Secretaria da Cultura e Turismo (SECULT).

No início de 2019, o jornal americano New York Times<sup>52</sup>, insere Salvador na lista "52 Places to Go in 2019". Salvador, única brasileira citada, aparece em 14º lugar do ranking. Samba e capoeira foram pontos fortes de atrativo. O jornal citou a hospedagem do Fera Palace Hotel e do Fasano Salvador com vista para a Baía de Todos de Santos. Espaços culturais como a Casa do Carnaval e o Museu da Música foram citados, além da mobilidade através da linha metrô.

---

<sup>52</sup> O texto da repórter Nora Wash pode ser lido na íntegra com a tradução da autora da dissertação: “Depois de completar uma iniciativa de preservação histórica de cinco anos para salvar sua designação na Unesco, Salvador, com suas fachadas coloniais coloridas, ruas de paralelepípedos e praias, está brilhando. Erguendo-se ao longo da costa nordeste da Bahia, o centro histórico da cidade se movimenta com uma vibrante cultura afro-brasileira, que vai desde apresentações semanais gratuitas de samba e bateria, música clássica e capoeira. Os visitantes também podem encontrar a história de Salvador exibida na nova Casa do Carnaval e, abrindo em 2020, o Museu da Música ou assistir a um concerto ao vivo no Centro de Convenções de Salvador, que será inaugurado ainda este ano. O Fera Palace Hotel, uma jóia Art Déco reformada, e o recém-criado Fasano Salvador, abrigado em um antigo prédio de jornal da década de 1930, tem vista para a Baía de Todos os Santos, que em novembro sediará a chegada da Regata Internacional Transat Jacques Vabre, uma 4.350 corrida de milha ao longo da histórica rota comercial do café entre a França e o Brasil. A recém-construída linha de metro de Salvador liga convenientemente o centro da cidade e o aeroporto internacional em expansão, onde o voo semanal da LATAM de Miami agora aterriza (NEW YORK TIMES, 2019).

O jornal não foi atraído pelas belezas naturais ou por obras de arquitetura espetacular. Para o New York, Salvador chama a atenção pelo que é. Uma cidade histórica e com forte cultura própria, onde o novo (os exemplos dos hotéis Fera e Fasano, dos novos Museus da Música e do Carnaval) deve se comunicar com o antigo, com a tradição.

#### 4.2 DESAFIOS DO TURISMO EM SALVADOR

Em 2015, numa pesquisa entre a fundação Getulio Vargas, o Ministério do Turismo e o Sebrae, foram lançados desafios para futuro do turismo em Salvador. O resultado apontava que deveria haver um aprimoramento da segurança, circulação e acesso, em áreas turísticas; conservação de áreas turísticas e do entorno, com a requalificação de mobiliários desgastados e subaproveitados; interdição do Centro de Convenções; realização de um plano de marketing com inserção em mídias sociais e aplicativos para smartphones.

Segundo a pesquisa, os atrativos principais para os turistas eram: conjunto do Pelourinho, Farol da Barra e Igreja do Bonfim e a existência de eventos programados, como o Carnaval, o Réveillon e a Lavagem do Bonfim.

Sobre os desafios lançados pode-se dizer que a segurança de circulação e acesso foi melhorada com as obras do metrô. A conservação das áreas turísticas ganhou fôlego com os investimentos do Prodetur e o plano Salvador 360, com a requalificação da avenida sete e de várias ruas do centro histórico e do Comércio e projetos para a orla. O Centro de Convenções desabou e foi parcialmente demolido, mas a cidade através de jogadas políticas ganhará dois novos Centros, um estadual e outro municipal. O marketing da cidade acontece tanto de informalmente, como foi o caso da novela, quanto de forma institucionalizada com presença em eventos internacionais sobre o setor e promoção de eventos na cidade. Alguns aplicativos já são usados, como o Beonit, que segundo o Portal Turismo Total funciona ao aproximar o celular de cada ponto turístico, assim o usuário recebe informações como data de construção, curiosidades, quem foi o artista, parte arquitetônica, a função de quando foi fundado. Os dados podem ser guardados para futura visualização ou compartilhados nas redes sociais ou em aplicativos de mensagens.

Apesar de toda melhoria no setor turístico, segundo o jornal Correio da Bahia (2018), em 4 anos, 21 hotéis fecharam em Salvador e o setor perdeu 30 mil vagas de emprego. Dentre as perdas destaca-se o fechamento do Othon Palace Hotel, que funcionava como um centro de convenções para grandes eventos, além da área de shows. Em 2015 a Federação Baiana de Hospedagem e Alimentação (FeBHA) registrou que o setor representa 20% do PIB local e é

considerado o maior empregador na capital baiana, daí a preocupação com o fechamento dos hotéis.

Crises econômicas e má gestão podem ser fatores que implicaram na crise hoteleira, mas hotéis que não oferecerem um diferencial também deixam de ser atraentes. O hotel precisa dar conforto, está bem localizado e ter atrações, mas algo diferente precisa existir para que o turista o escolha diante de tantas opções, inclusive para sobreviver diante da concorrência on line<sup>53</sup>. Talvez aí esteja a fórmula diferenciada do Fera e do Fasano, se destacar dos modernos hotéis ao recriar o glamour do centro antigo. A sugestão da cartilha do Sebrae de 2017 para driblar a crise, é para investir em hostéis (albergues) e hotel boutique, ao invés de mega empreendimentos. A cartilha diz que os Poshtels devem crescer devido ao custo-benefício que oferecem, hospedagens com custo de hostel, mas com design, conforto e requinte.

A falta de um grande centro de convenções, responsável por movimentar o turismo em épocas do ano fora das festividades culturais, também pode ser apontado como um dos motivos para a crise hoteleira. Sem um grande espaço para dar suporte aos eventos, Salvador fica fora do circuito de feiras e exposições que atraem empresários e profissionais durante o restante do ano. A cidade, sem o centro de convenções, não tem potencial para o turismo de negócios.

Apesar de cidade cultural, Salvador não realiza grandes eventos<sup>54</sup> em espaços fechados. Sem um local apropriado para abrigar grandes shows, o Estádio da Fonte Nova, hoje Arena Itaipava, é o espaço mais utilizado. A baianidade é um dos fatores que atrai, mas também dificulta o crescimento do turismo de eventos. Na música, a população local prefere

---

<sup>53</sup> A Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) calculou o valor que a companhia Airbnb, maior plataforma de compartilhamento de casas do mundo e com mais quartos que qualquer rede hoteleira, adicionou ao PIB brasileiro em 2016. Foram 2,5 bilhões a mais na economia do país, ou 0,04% do total do PIB em 2016. A companhia movimentou ainda mais que o setor hoteleiro tradicional. O turista que se hospeda em um dos locais disponíveis na plataforma gasta cerca de três vezes mais que aquele que se hospeda em hotéis. Eles costumam passar mais tempo no destino e consumir mais nos comércios de bairro. Os hóspedes do Airbnb acrescentaram 788,2 milhões de reais a mais ao PIB brasileiro do que se tivessem se hospedado em hotéis ou pousadas, segundo estimativa da Fipe (EXAME, 2017).

<sup>54</sup> São Paulo é o estado brasileiro que mais sedia eventos. São cerca de 800 feiras, exposições e congressos, além de mega shows e eventos esportivos, como o Grande Prêmio Brasil de Fórmula 1. O turismo de eventos na capital paulista, ao longo do ano, representa quase a mesma quantidade de feiras de negócios previstas para toda a região Sudeste. Dos 8,8 milhões de visitantes nesses eventos, 47% são turistas, o equivalente a 3,3 milhões. Esses visitantes, em sua maioria, 77%, se hospedam em hotéis. Isso equivale a 6,5 milhões de quartos de hotéis ocupados, por ano. Os eventos programados para São Paulo, segundo a UBRAFE, geram R\$ 16,3 bilhões na economia local. Desse total, R\$ 4 bilhões vão para o turismo, distribuídos da seguinte forma: Hospedagem (47,4%), Alimentação (28,3%), compras (11,2%); transporte (9,9%), lazer (0,8%), e outros (2,5%) (TURISMO, 2017).

ritmos e culturas próximas da baiana, somente uma pequena parte da população que tem oportunidade de viajar e conhecer outros lugares é que se interessa por algo diferente.

O maior evento popular da cidade, o carnaval, começa a ser copiada no sudeste, e o carnaval de rua de São Paulo já o segundo do país. A festa, apesar dos encantos da Bahia, disputa espaço com outras de locais com maior qualidade para receber o turista. A sazonalidade do turismo não é algo bom, não compensa esperar o ano inteiro para a recuperação do turismo no período do carnaval.

Reconhecida como cidade histórica e cultural, a maior parte da cidade fica fora da rota do turismo, que se volta para a parte antiga. Não existe nada de errado em ser reconhecida com cidade histórica, mas a cultura pode acontecer em pontos diversos da cidade como um fator de atração, integrando a cidade.

Choay (2006) cita que para as culturas ocidentais o edifício construído, concebido como fator de embelezamento e de magnificência das cidades, tinha valor de monumento, podendo ser designado como tudo o que foi edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. Assim a parte antiga da cidade de Salvador, com sua arquitetura história, é elevada a categoria de monumento pelos moradores, servindo como marcos da cidade.

As arquiteturas monumentais da cidade, independente da sua função, têm presença identificável na cidade, pois possuem valor posicional, modificando o seu entorno quando com ele formam uma composição, citou Rossi (2004). É a construção dessas arquiteturas que formarão a imagem da cidade. Em Salvador são percebidas as diferentes imagens da cidade formadas através de arquitetura que foram desenvolvidas em contextos diferentes, servindo a funções além da habitação.

Segundo Lynch (2006) o valor de imagem é individual e única, mas é a sobreposição dos elementos individuais que compõem uma imagem pública de qualquer cidade, tornando a imagem clara e legível, oferecendo a seu possuidor um importante sentimento de segurança. Mas se a imagem for desorganizada o observador deve ser capaz de transformar essa imagem de modo a ajustá-las a suas necessidades. Não possuindo uma arquitetura monumental espetacular, Salvador ajustou a sua antiga arquitetura para atender ao turismo que descreve as cidades como produto.

As políticas de desenvolvimento estavam certas a apostar no turismo cultural, é o que torna a imagem de Salvador diferente de tantas cidades litorâneas. O turismo, assim como a cidade, não pode se estagnar, precisa sempre se reinventar, é como uma moda que surge de

repente e se usa a exaustão, mas que uma hora cansa, sendo necessária uma nova estratégia. Como citado por Pedro (2017), a cidade constrói o turismo, assim como o turismo transforma a cidade, é uma inter-relação que pode ter na arquitetura um atrativo. Não é necessário criar uma nova imagem para a cidade, é antiga imagem que todos querem conhecer. Os modelos que podem ser usados estão muito mais para o das cidades portuguesas do que o de Bilbao. Em Salvador não é um único monumento que transformará a cidade, mas vários elementos com carga simbólica, carregados de signos da cultura e da história que poderão servir para integrar a malha urbana, desenvolvendo a cidade como um todo. Para atrair mais turistas, a cidade não precisa de uma arquitetura monumental espetacular, mas de uma que respeita a história e a cultura da cidade como seu principal espetáculo. Os elementos integradores da cidade devem ser como uma arquitetura marco, ao mesmo tempo simples e impositiva, sem ser simplória e com valores que a façam ser percebida como nova, não como um pastiche do passado.

O publicitário baiano, Nizan Guanaes, publicou um artigo no jornal Correio da Bahia após a divulgação de Salvador na lista no New York Times dos lugares a ir em 2019, no qual dizia:

[...] Nosso futuro está no nosso passado. Nós, os velhos baianos, chamamos Salvador de Bahia em função da Baía de Todos-os-Santos. Só que Bahia se escreve com H, o H da história. Esse é o H que nos define, nos torna interessantes, criativos. [...] O turista vem ver história, cultura, música, culinária - vem ver a Bahia com H. Caetano, Gil, Glauber, Caymmi, Jorge Amado, Risério, Carybé, Cid Teixeira bebem da água da história e são chafarizes para nós. [...] Salvador não tem que inventar a roda, tem que copiar Lisboa, Paris, Roma. Mas copiar do seu jeito. Lisboa é a sensação da Europa porque está construindo uma cidade moderna sob os alicerces da antiga. (GUANAES, 2019).

O texto é de um baiano que vê de fora o potencial histórico e cultural da cidade, mas percebe que os seus moradores precisam aprender mais sobre a sua Terra para valorizá-la, sem se sentirem menores perante cidades ricas ou as que possuem arquiteturas contemporâneas espetaculares. O turismo de Salvador é e deve ser histórico e cultural, porque é essa a diferenciação da cidade para o mundo. A arquitetura precisa dar suporte ao turismo, portanto a imagem não deve destruir o antigo para criar o novo, mas, como Nizan disse construir uma cidade moderna sob os alicerces da antiga.

## CONCLUSÃO

O tema “imagem da cidade”, por ser multidisciplinar, requer o aprofundamento em diversas áreas. A conceituação da imagem de uma cidade não pode abrigar somente o entendimento arquitetônico, exigindo um esforço maior do pesquisador para examinar a cidade através de uma abordagem histórica e sociológica, desprovida de conceitos pré-concebidos.

A cultura contemporânea afirmou a importância da imagem, tanto das cidades quanto das pessoas. Na busca da imagem midiática, a cidade é o palco do espetáculo, um cenário onde os sonhos se realizam, um produto pronto para ser comprado. Em meio a crises políticas que abalaram as relações econômicas do mundo, o turismo se tornou um importante fator de na economia das cidades, gerando empregos e o desenvolvimento, tornando a imagem cada vez mais indispensável para vender a cidade.

Para se tornar um produto que venda, a cidade precisa se adaptar, e é a arquitetura que irá criar os espaços onde os moradores e os turistas consigam se apropriar com facilidade. A arquitetura organiza a cidade, esconde a pobreza, camufla as diferenças, reinventa o espaço. A cidade arquitetonicamente pensada é redefinida em função das demandas turísticas, tornando-se um produto de consumo.

A cidade é pensada a partir de um marco arquitetônico, que, como um ímã, atrai e repele partes da sociedade. O que aparece é a imagem pronta para ser consumida, que pode se utilizar de novos símbolos arquitetônicos, geralmente arquiteturas monumentais de impacto, ou de referências históricas que já fazem parte da imagem da cidade.

Em Salvador, o turismo não está relacionado às novas arquiteturas. Ele é atraído pela história, representada arquitetonicamente pelo conjunto de casarões coloniais, seculares igrejas e fortalezas espalhadas em pontos de defesa estratégicos da cidade. Existe uma falta de informação da população sobre a sua própria história e cultura para que o antigo seja valorizado.

A falta de valorização da cultura baiana por seus moradores, mas admirada em outras partes do mundo, influencia na arquitetura soteropolitana que se transforma em um modismo temporal, numa busca mais rápida dos arquitetos pela consagração. A arquitetura de Salvador, em sua maioria, é voltada para espaços de interiores individuais ou cópias mal feitas de embalagens de edificações realizadas em cidades cosmopolitas. Há exceções como a parte antiga do Centro Histórico, a moderna arquitetura do Comércio, e a arquitetura de Lelé, presente no CAB e nas passarelas de pedestres espalhadas pela cidade. Essas foram

arquiteturas edificadas dentro de um contexto social e urbano, pensadas para a cidade. Não são cópias de outro lugar que foram instaladas em Salvador sem qualquer relação com o espaço. Até mesmo o CAB, uma referência à Brasília, tem toda a parte de conforto pensada para a cidade de Salvador.

As faculdades de arquitetura já não formam artistas arquitetos, que transformam a cidade, embelezando-a. Os estudantes de arquitetura são membros de redes particulares de ensino, que precisam dar resultado econômico, ou com os seus recém-formados arquitetos na mídia, ou por, simplesmente, formar um grande número de novos profissionais para o mercado.

Os debates da arquitetura como agente transformador de espaços coletivos ficaram restritos aos teóricos da área, apesar dessa arquitetura impactar na vida de todos da cidade. Um exemplo foi a aprovação do último Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) da cidade Salvador, em 2016, aprovado por vereadores que pouco ou nada entendem de urbanismo. Em meio às polêmicas suscitadas pelo meio acadêmico, a verticalização da orla foi aprovada e comemorada pelo prefeito e pelo mercado imobiliário. A população leiga, sem informação adequada sobre os impactos futuros que essa verticalização poderia causar, recebeu o fato como um embelezamento da sua orla, que finalmente ficaria no nível de outras do Brasil. O assunto que não era de interesse da população logo deixou de ser manchete dos jornais.

O poder de um mundo em rede trouxe o benefício de todos estarem conectados, com acesso a qualquer lugar; por outro lado, a força das imagens se potencializou e, junto a elas, veio o efeito da comparação.

Quando se pergunta sobre a imagem que representa a cidade de Salvador, a resposta é a imagem de uma arquitetura religiosa e militar, algumas com 500 anos, uma cidade rica em cultura e tradição. Essa é a imagem que vende a cidade. Mas os soteropolitanos comparam a sua cidade a outras mais modernas e como se acha que “o jardim do vizinho sempre é mais verde”, Salvador acaba perdendo a disputa.

Sem acreditar no potencial do seu conjunto arquitetônico histórico-cultural, a cidade tenta se modernizar, copiando modelos pré-existentes. A arquitetura soteropolitana acreditou na modernização através da proliferação de centros de consumo, shoppings centers, e em prédios, que não se identificam com a cidade, concentrados no novo pólo financeiro ou em bairros estrategicamente inaugurados. O miolo de Salvador, que não responde aos interesses do mercado imobiliário-financeiro, ficou isolado e esquecido, sem nenhum atrativo que faça

com que pessoas que não moram na região se interessem em visitá-los, segregando a cidade e desvalorizando, ainda mais, essas regiões.

A cidade precisa ter marcos espalhados para que o todo seja atraente. Uma concentração de marcos num único lugar pode tornar a região caótica ou descaracterizá-los como marcos. Mas em Salvador, eles não precisam ter um perfil de arquitetura Hadidiana<sup>55</sup>, pois deveriam ter o perfil de uma arquitetura carregada de baianidade.

Salvador precisa ser reinventada e a baianidade ser incorporada como motivo de orgulho e referência aos projetos de desenvolvimento. Ações de educação e marketing podem recriar a imagem de dentro para fora e, assim, os baianos poderão entender que não precisam copiar outras cidades, e sim ser fonte de inspiração.

Em Salvador, o turismo é cultural. É a imagem da Bahia, diferente de qualquer outra encontrada no mundo, que o turista busca ao chegar aqui. Não se espera encontrar em Salvador uma arquitetura espetacular, nem ser atraído por prédios poderiam ser construídos em qualquer outro lugar no mundo. É a mistura das raças, a música, as artes, a história registrada na arquitetura antiga que atrai os visitantes, que vêm observar esse mundo diferente emoldurado por belas praias. Se a cultura estiver agregada a uma boa arquitetura, melhor.

Atualmente, não se pode afirmar que a arquitetura contemporânea de Salvador traga turistas à cidade, mas a antiga atrai. O Pelourinho e as igrejas seculares são divulgados pelo mundo e os turistas vêm para conhecê-las.

Mas, desde a arquitetura moderna até a atual, não existe uma edificação que tenha relevância para o aumento de turistas para a cidade. A fórmula para que isso seja concretizado pode ser feita de duas maneiras: na requalificação de prédios antigos, chamando a atenção para a história e para a imagem já existente; e a segunda maneira é por meio de novas edificações em que o modelo arquitetônico deva ser baseado na cultura local como um fator de atração. No segundo caso, o exemplo utilizado no mundo de museus e centros de cultura pode servir para Salvador, desde que a edificação seja de uma arquitetura própria para a cidade, pensando em localização estratégica, mobilidade, sustentabilidade e capacidade de desenvolvimento para o entorno, mesmo sendo espetacular.

Cabe aos arquitetos a tarefa de responsabilidade de reinventar uma nova imagem que atraia turistas, agrade a população e, assim, gere desenvolvimento. Para tanto, a arquitetura deve se separar da especulação imobiliária, entendendo que requalificar muitas vezes é

---

<sup>55</sup> Uma referência à arquitetura desconstrutivista da iraquiana-britânica Zara Hadid, vencedora do Pritzker, maior prêmio da arquitetura.

melhor do que criar o novo e a cidade, mesmo múltipla, precisa se conectar. Sem desmerecer o passado, a arquitetura soteropolitana pode encontrar um caminho que a destaque num mundo banalizado, onde copiar é o caminho mais fácil para o sucesso dos arquitetos, mas não é o caminho para trazer turistas para a cidade. A arquitetura que atrai deve entender a imagem da cidade de Salvador e nela se embasar.

Os mais velhos devem se lembrar do cheiro da fábrica Chadler ao se chegar à Cidade Baixa; os sons da gaita dos amoladores de faca, do triângulo do vendedor de taboca e o grito do vendedor de vassouras; os veraneios em Itapoã; o pôr do sol assistido no Porto da Barra; os sabores únicos da sorveteria da Ribeira; o picolé Capelinha; as promessas para o Senhor do Bonfim pagas quando a fitinha se partia; o acarajé das baianas do Largo de Amaralina; as crianças brincando no Parque da Cidade; os encontros de Trios na Praça Castro Alves durante o carnaval; a loja Sloper com a mulher de roxo; os supermercados Paes Mendonça; o cheirinho do Iguatemi; a decolagem dos aviões assistida da varanda do aeroporto Dois de Julho. Muitas dessas memórias se perderam com as mudanças da cidade e os hábitos dos seus habitantes. Mas existe uma imagem construída, uma memória afetiva que conecta os soteropolitanos e a cidade numa relação de pertencimento. É essa a imagem que precisa ser resgatada, valorizada, servindo de inspiração para uma arquitetura que formará uma imagem de valorização do espaço e conseqüentemente, atraindo turistas.

Sobre o objetivo inicialmente proposto, a resposta é sim. Pode existir uma arquitetura que contribua na formação de uma imagem turística para a cidade de Salvador, basta que a imagem da cidade, já existente, seja entendida.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Nivaldo. Diógenes Rebouças e a modernização de Salvador. **Vitruvius**. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/14.080/5173>. Acesso em: 2 dez. 2018.
- ARANTES, Pedro. Forma, valor e renda na arquitetura contemporânea. **ARS**, v.8, n.16, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-53202010000200007> Acesso em: 26 de nov. 2018.
- ASSUNÇÃO, Paulo. Turismo cultural e educação patrimonial: conscientizar sobre a importância da preservação. **História Unicap**, v. 4, n. 7, jan./jun. 2017.
- BAUMAN, Zygmund. **Ética pós moderna**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2003.
- BARRETO, LUCY. **Shopping mais antigo de Salvador, Iguatemi agora é Shopping da Bahia**. Disponível em: <https://www.ibahia.com/salvador/detalhe/noticia/shopping-mais-antigo-de-salvador-iguatemi-agora-e-shopping-da-bahia/> Acesso em: 2 dez. 2018.
- BENEVOLO, Leonardo. **A Arquitetura do Novo Milênio**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.
- BONAMETTI, João. A paisagem urbana como o produto do poder. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 2, n. 2, p. 259-273, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/Urbe/article/view/19287/18651>. Acesso em: 06 de out. de 2018.
- BONATES, Mariana. El Guggenheim y mucho más– urbanismo monumental e arquitetura de grife em Bilbao. **Revista Pós**, São Paulo, v.16, n.26, p.62-90, dez. 2009.
- BORGES, Thais. **10 Lugares que os soteropolitanos sentem mais falta**. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/que-saudade-relembre-10-lugares-que-os-soteropolitanos-mais-sentem-falta> Acesso em: 2 out. 2018.
- \_\_\_\_\_. **Dois anos de espera e R\$ 40 mil**: conheça as igrejas onde os baianos mais casam. Disponível em: [www.correio24horas.com.br/noticia/nid/dois-anos-de-espera-e-r-40-mil-conheca-as-igrejas-onde-os-baianos-mais-casam](http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/dois-anos-de-espera-e-r-40-mil-conheca-as-igrejas-onde-os-baianos-mais-casam) Acesso em: 8 jan. 2019.
- CAMPOS, Marcio. **Habitar em Salvador**: entre a arquitetura e o espaço público. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.181/55> Acesso em: 02 dez. 2018.
- CASSIRER, Ernest. **Linguagem e Mito**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CARVALHO FILHO, Milton Júlio; URIARTE, Urpi (Org.). **Panoramas urbanos**: usar, viver e construir Salvador. Salvador: Edufba, 2014.

CARVALHO, Inaiá Moreira; SILVA, Sylvio Bandeira; SOUZA, Ângela Gordilho; PEREIRA, Gilberto Corso (Org.). **Metrópoles na Atualidade Brasileira. Transformações, tensões e desafios na Região Metropolitana de Salvador.** Salvador: Edufba, 2014.

CARVALHO, Isaar. **Imaginário, mito e ideologia: elementos da coesão e da dominação social.** Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/Caminhando/article/view/2288>, Acesso em: 5 out. 2018.

CARVALHO NETO, Isaías de. **Memória Urbana poética para uma cidade.** Salvador: Edufba, 2013.

CARVALHO, Ramon. Arquitetura de grife — um debate sobre projetos contemporâneos na cidade do Rio de Janeiro. **Cadernos De Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo,** 2011. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/dhtm/seer/index.php/cpgau>, Acesso em: 26 nov. 2018.

CAU. **CAU/BA manifesta preocupação com o patrimônio histórico arquitetônico do estado da Bahia.** Disponível em: <http://www.cauba.gov.br/cauba-manifesta-preocupacao-com-o-patrimonio-historico-arquitetonico-do-estado-da-bahia/> 2016. Acesso em: 2 dez. 2018.

CHAUI DO VALE, Michel. **Um projeto urbano com programa político municipal: a Experiência do Arquiteto João Filgueiras Lima em Salvador na 1ª. Gestão Mário Kertész (1979-1981).** Disponível em: [http://www.peu.poli.ufrj.br/arquivos/Monografias/MICHEL\\_HOOG\\_CHAUI\\_DO\\_VALE.pdf](http://www.peu.poli.ufrj.br/arquivos/Monografias/MICHEL_HOOG_CHAUI_DO_VALE.pdf) f UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO ESCOLA POLITÉCNICA CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENGENHARIA URBANA. Acesso em: 2 dez. 2018.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CLAESSENS, François. **Reinventing Architectural Monumentality.** Disponível em: <https://www.oasejournal.nl/en/Issues/71/ReinventingArchitecturalMonumentality#100>, Acesso em: 1 out. 2018.

CONDER. **Dados Socioeconômicos por Bairros e Prefeituras-Bairro do Município de Salvador.** 2016. Disponível em: [http://www.informs.conder.ba.gov.br/wp-content/uploads/2016/10/1\\_INFORMS\\_Painel\\_de\\_Informacoes\\_2016.pdf](http://www.informs.conder.ba.gov.br/wp-content/uploads/2016/10/1_INFORMS_Painel_de_Informacoes_2016.pdf). Acesso em: 10 fev. 2019.

CORDEIRO, Tiago. **Prédios no alto do morro com teleféricos para levar até o mar são a nova moda em Salvador.** Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT396553-1664,00.html>, Acesso em: 2 out. 2018.

CORREIO. **Em 4 anos, 21 hotéis fecharam em Salvador; setor perdeu 30 mil vagas de emprego.** Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/em-4-anos-21-hotéis-fecharam-em-salvador-setor-perdeu-30-mil-vagas-de-emprego/>, Acesso em: 14 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. **Salvador foca no turismo cultural.** Disponível em:  
<http://www2.correio24horas.com.br/detalhe/meio-ambiente/noticia/salvador-foca-no-turismo-cultural/?cHash=c1f08c16d61494492f035416da3fb881> Salvador foca no turismo cultural.  
 Acesso em: 8 jan. 2019.

COSTA; Carlos ; SCHROEDER, Dulcilia. (Org.). **A Cidade e a Imagem.** Jundiaí: In House, 2013.

DANTAS NETO, João Dantas. Salvador-Bahia: Estratégias promocionais do turismo e a a percepção do turista nacional. *In: ENECULT – ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA*, 3., 2007. Salvador. **Anais [...]** Salvador: Faculdade de Comunicação/Ufba, 2007.

DAS VIRGENS, Silvia. **Shopping center e a produção do espaço urbano em Salvador-BA**, 2017. Disponível em:  
[http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR\\_Anais/ST\\_Sesseoes\\_Tematicas/ST%203/ST%203.12/ST%203.12-04.pdf](http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sesseoes_Tematicas/ST%203/ST%203.12/ST%203.12-04.pdf) Acesso em: 29 nov. 2018.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo.** 14. ed. São Paulo: Contraponto, 2015.

DE HOLANDA, Marina. **A cidade da cultura.** Disponível em:  
<https://www.archdaily.com.br/br/01-44001/a-cidade-da-cultura-eisenman-architects>. Acesso em: 20 nov. 2018.

DEL-NEGRO, Diana. **Arquitetura em Luz.** Coimbra: Caleidoscópio, 2012.

EMBRATUR. **Jornal americano escolhe Salvador como um dos lugares para ir em 2019.** Disponível em: [http://www.embratur.gov.br/piembratur-new/opencms/salaImprensa/noticias/arquivos/Jornal\\_americano\\_escolhe\\_Salvador\\_como\\_um\\_dos\\_lugares\\_para\\_ir\\_em\\_2019.html](http://www.embratur.gov.br/piembratur-new/opencms/salaImprensa/noticias/arquivos/Jornal_americano_escolhe_Salvador_como_um_dos_lugares_para_ir_em_2019.html) , Acesso em: 12 de jan. de 2019.

FABRINI, Fábio. **Eleições-transição vira guerra em três capitais.** Disponível em:  
<https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,transicao-vira-guerra-em-tres-capitais-e-obriga-ministerio-publico-a-intervir-imp-,978984>. Acesso em: 2 dez. 2018.

FAUFBA. **Histórico.** Disponível em: <https://arquitetura.ufba.br/pt-br/historico>. Acesso em: 2 dez. 2018.

FERNANDES, Rosali. Processos recentes de urbanização/ segregação em Salvador: o miolo, região popular e estratégica da cidade. **Revista bibliográfica de geografoa y ciências sociales**, Barcelona, v. 9, n.523, 2004.

FERRARA, Lucrécia. **Os Significados Urbanos.** São Paulo: USP, 2000.

FERREIRA, Larissa da Silva; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. Decurso histórico do turismo no estado da Bahia: Antônio Carlos Magalhães (ACM) e a cultura local como fatores intervenientes para o desenvolvimento da atividade. **GeoTextos**, v. 9, n. 1, p.113-127, jul. 2013.

FRACALOSSI, Igor. **Clássicos da Arquitetura: Centro Georges Pompidou / Renzo Piano + Richard Rogers**. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/41987/classicos-da-arquitetura-centro-georges-pompidou-renzo-piano-mais-richard-rogers>. Acesso em: 5 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. **Clássicos da Arquitetura: Secretarias do Centro Administrativo da Bahia / João Filgueiras Lima (Lelé)**. ArchDaily. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/761616/classicos-da-arquitetura-centro-de-exposicoes-centro-administrativo-joao-filgueiras-lima-lele>. Acesso em: 3 dez. 2018.

FREITAG, Barbara. **Teorias da Cidade**. São Paulo: Papirus, 2016.

FOUCAULT, Mitchel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Roberto Machado, 2016.

GAMA, Hugo; NASCIMENTO, Jaime. **A urbanização de Salvador em três tempos: colônia, império e república**. Textos críticos de história urbana. Volume I. Salvador: IGHB, 2011.

GEVEHR, Daniel. Gentrificação: uma discussão conceitual. **Revista Políticas Públicas & Cidades**, v.5, n.1, p.85, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.23900/2359-1552v5n1>, Acesso em: 29 nov. 2018.

GUANAES, Nizan. **Nosso futuro está no passado**. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/nizan-guanaes-nosso-futuro-esta-no-nosso-passado>. Acesso em: 15 jan. 2019.

GUERREIRO, Goli. A cidade imaginada – Salvador sob o olhar do turismo. **Revista Gestão e Planejamento**, Salvador, Ano 6, n. 11, p. 06-22, jan./jun. 2005.

GOMBRICH, E. H. **Arte e Ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GOMES, Marco Aurélio; URQUIZO, Willey (Org.). **Diálogos Metropolitanos: Lima / Salvador**. Salvador: Edefba, 2015.

GOVERNO DO BRASIL. **Museu do Amanhã leva título de edifício mais sustentável do mundo**. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/7610-museu-do-amanh%C3%A3-leva-t%C3%ADtulo-de-edif%C3%ADcio-mais-sustent%C3%A1vel-do-mundo.html>. Acesso em: 20 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. **Salvador recebe investimento de US\$ 105 milhões para turismo**. Disponível em: [www.brasil.gov.br](http://www.brasil.gov.br) - Assuntos -Turismo - 2017 -06. Acesso em: 8 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. **Turismo de eventos lucra com feiras de negócios**. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/7470-turismo-de-eventos-lucra-com-feiras-de-neg%C3%B3cios-em-2017>. Acesso em: 8 jan. 2019.

GREEN LIGHT. **Programa Green light**. Disponível em:

<http://www.ageneal.pt/content01.asp?BTreeID=00/02&treeID=00/02&newsID=13>, Acesso em: 02 de dez. de 2018. Acesso em: 29 nov. 2018.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 26. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

IPAC. **Bens Tombados em Salvador**. Disponível em:

<http://patrimonio.ipac.ba.gov.br/municipio/BENSTOMBADOS>, Acesso em: 2 out. 2018.

IPHAN. **Nota Oficial**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1765/nota-oficial-sobre-o-caso-da-demolicao-da-mansao-wildberger-no-corredor-vitoria-ba>. Acesso em: 2 dez. 2018.

ISOLVER. **Mega estações de Salvador tem Isover**. Disponível em:

<https://www.isover.com.br/publicacoes/cases/tratamento-termico-e-acustico-metro-de-salvador>. Acesso em: 20 nov. 2018.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida nas grandes cidades**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

JARETA, Gabriel. **Em 40 anos Alphaville virou grife residencial de luxo**. Disponível em: <http://especial.folha.uol.com.br/2015/morar/alphaville/2015/11/1703247-em-40-anos-alphaville-viceu-grife-residencial.shtml>. Acesso em: 2 dez. 2018.

JUNG, C. G. **Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. 2. ed. São Paulo: Vozes, 2000.

JUNIOR, Milton ; URIARTE, Urpi (Org.). **Panoramas Urbanos: reflexões sobre a cidade**. Salvador: Edufba, 2003.

KANT, Emmanuel. **Crítica da Razão Pura**. Domínio Público. Disponível em: [br.groups.com/group/acropolis](http://br.groups.com/group/acropolis). Acesso em: 8 out. 2018.

KOOLHAAS, REM. **Delirious New York, a retroactive manifesto for Manhattan**. Nova York: Monacelli Press, 1978.

LEFEBVRE, Henri. **A Produção do Espaço**. 4. ed. São Paulo: Paco, 2006.

LIMA, Rayana. **Novela Segundo Sol amplia interesse de turistas pelo estado durante o verão**. Disponível em: <http://bahia.ba/bahia/novela-segundo-sol-amplia-interesse-de-turistas-pelo-estado-durante-o-verao>. Acesso em: 15 jan. 2019.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MARQUES, Felipe. **A Obra do arquiteto João Filgueiras Lima, Lelé: Projeto, técnica e racionalização**. 2006. Dissertação (Mestrado)- MACKENZIE SP, 2006.

MARTINS, James. **“Apê de Geddel é pinto”, diz Risério, ao criticar obra na Paralela**. Disponível em: <http://bahia.ba/entretenimento/riserio-critica-obra-na-paralela-e-chama-governador-de-bundao-autoritario> Acesso em: 15 jan. 2019.

MELENDO, José Manoel; KLUPPEL, Griselda; ARAÚJO, Solange. **Valores Culturais e Ecológicos da Arquitetura Tradicional de Salvador**. Espanha: Módulo Gráfico, 2011.

MELLO, Marcia. **Salvador Multimagnética: a imagem do bairro do Comércio construída através dos cartões postais (1890-1950)**. 2004. Dissertação (Mestrado)-UFBA. Faculdade de Arquitetura, Salvador, 2004.

\_\_\_\_\_. **Modas, arquiteturas e cidades: interfaces, conexões e interferências**. 2010. Tese (Doutorado)- UFBA. Faculdade de Arquitetura, Salvador, 2010.

Ministério do Planejamento. **Conheça os investimentos do PAC nas 12 cidades-sede da Copa do Mundo**. Disponível em: <http://www.pac.gov.br/noticia/acc7b92b>. Acesso em: 4 out. 2018.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Livreto Turismo Cultural**. Disponível em: [http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Turismo\\_Cultural\\_Versxo\\_Final\\_IMPRESSxO\\_.pdf](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Cultural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf). Acesso em: 4 out. 2018.

MTUR/SEBRAE/ FGV. **Índice de Competitividade do Turismo Nacional 2015**. Disponível em: [http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/Indice\\_competitividade/2015/Salvador\\_RA\\_2015.pdf](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/Indice_competitividade/2015/Salvador_RA_2015.pdf). Acesso em: 4 out. 2018.

MUSEU NAUTICO DA BAHIA. Disponível em: <http://www.museunauticodabahia.org.br/omuseu/default.htm> Acesso em: 2 out. 2018.

NAPOLITANO, Marcos ; VILLAÇA, Mariana. Tropicalismo: As Relíquias do Brasil em Debate. **Rev. bras. Hist.** v. 18, n. 35, 1998. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01881998000100003> Acesso em: 8 out. 2018.

NEW YORK TIMES. **52 Places to Go in 2019**. Disponível em: [www.nytimes.com/interactive/2019/travel/places-to-visit.html](http://www.nytimes.com/interactive/2019/travel/places-to-visit.html). Acesso em: 14 jan. 2019.

PAGNOTTA, Brian. **Clássicos da Arquitetura: Museu Guggenheim de Bilbao - Gehry-Partners**. ArchDaily. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/786175/classicos-da-arquitetura-museu-guggenheim-de-bilbao-gehry-partners> Acesso em: 2 out. 2018.

OLIVEIRA, Fernanda. **Patrimônio Cultural e Turismo no contexto do Projeto Porto Maravilha: uma análise da situação atual**. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/12/9.pdf> Acesso em: 21 jan. 2019.

OLIVEIRA, Neivalda. **Rua Chile: caminho de sociabilidades, ligar de deusjos, expressão de conflitos: 1900-1940**. 208. Tese (Doutorado)- Faculdade de História. PUC, São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, Mário Mendonça; SANTIAGO, Cybele. **Sobre o edifício A Tarde**. 2011. Disponível em: [www.docomomobsb.org](http://www.docomomobsb.org). Acesso em: 5 fev. 2019.

PAIVA, Ricardo Alexandre. **O turismo e os ícones urbanos e arquitetônicos**. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22296/2317-1529.2014v16n1p107> Acesso em: 10 jan. 2019.

PALLASMA, Juhani. **Essências**. Barcelona: G. Gilli, 2018.

\_\_\_\_\_. **Os Olhos da Pele**. São Paulo: Bookman, 2011.

PASQUOTTO, Geise Brizotti. **Museus, Cidades, Cultura: O Centro Pompidou, O MACBA e o Guggenheim**. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/oculum/article/viewFile/776/756>, Acesso em: 11 jan. 2019.

PEDRO, Lucia Isabel. **Arquitetura e Espaço Público do Turismo e do Lazer: Discursos turísticos da cidade de Paris**. 2015. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Arquitetura. Portugal: Universidade do Porto, Porto, 2015.

PEREZ, Adelyn. **Clássicos da Arquitetura: Museu Guggenheim / Frank Lloyd Wright**. ArchDaily Brasil. Trad. Souza, Eduardo. 2019. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/798207/classicos-da-arquitetura-museu-guggenheim-frank-lloyd-wright> ISSN 0719-8906. Acesso em: 5 fev. 2019.

PERROTTA-BOSCH, Francesco. **O impacto da nova linha na terceira maior cidade do país lança a questão: que tamanho deve ter uma estação de metrô no Brasil?** 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/colaborador/francesco-perrotta-bosch/>. Acesso em: 5 fev. 2019.

PESAVENTO, Sandra. **O Imaginário da Cidade**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

PESAVENTO, Sandra; FERRAZ, Célia (Org.) **Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997.

PINHEIRO, Eloisa; GOMES, Marco Aurélio (Org.). **A cidade como história. Os arquitetos e a historiografia da cidade e do urbanismo**. Salvador: Edufba – PPGAU, 2005.

PINHO, Osmundo S. de Araujo. A Bahia no fundamental: Notas para uma Interpretação do discurso ideológico da baianidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.13, n.36, 1998.

PLATÃO. **A República (ou sobre justiça. Gênero Político)**. 3. ed. Pará: EDUFPA, 2001.

\_\_\_\_\_. **Teeteto Crático**. 3. ed. Pará: EDUFPA, 2001.

PORTAL DE NOTÍCIAS DO PORTO. **Porto eleito como melhor destino europeu 2017**. Disponível em:

<http://www.porto.pt/noticias/porto-eleito-como-melhor-destino-europeu-2017>. Acesso em: 20 dez. 2018.

PORTAL DO TURISMO TOTAL. **Aplicativo informa sobre pontos turísticos da Bahia**. Disponível em: <http://portalturismototal.com.br/index.php/2018/01/24/aplicativo-informa-sobre-pontos-turisticos-da-bahia/2018>. Acesso em: 2 jan. 2019.

PRIBERAM. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa 2008-2013**, Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/chave>. Acesso em: 2 dez. 2018.

QUINTELA, Pedro. **Estratégias de mediação cultural: Inovação e experimentação no Serviço Educativo da Casa da Música.** Disponível em: <https://acidadenapontadosdedos.com/2013/03/27/porto-considerado-a-capital-portuguesa-da-arquitectura/portugal-brand>. Acesso em: 2 dez. 2018.

REVISTA HOTEIS. **Airbnb desperta polemica no setor hoteleiro.** Disponível em: <https://www.revistahoteis.com.br/airbnb-desperta-polemica-no-setor-hoteleiro>. Acesso em: 06 dez. 2019.

REVISTA PÚBLICO. **Lisboa e Porto têm mais turistas por residente que Londres e Barcelona.** Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/04/04/sociedade/noticia/lisboa-e-porto-tem-mais-turistas-por-residente-que-londres-e-barcelona-180903>. Acesso em: 20 nov. 2018.

RIBEIRO, Sônia. Bauhaus: uma pedagogia para o design. **Estudos em Design**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 1 – 24, 2012.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROSSI, Marina. **Carnaval de rua de São Paulo cresce e bate o Rio em número de blocos.** Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/31/cultura/1517417828\\_870212.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/31/cultura/1517417828_870212.html). Acesso em: 14 dez. 2018.

SÁ, Natália Coimbra. A Baianidade como Produto Turístico: uma análise da ação dos Órgãos Oficiais de Turismo na Bahia. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – UNB, 29., 2006. Anais [...] 2006.*

SANTOS, Janio. **A cidade poli (multi) nucleada. A reestruturação do espaço urbano de Salvador.** Salvador: Edufba, 2013.

SAMPAIO, Heliodoro. **Formas Urbanas, cidade real e cidade ideal: contribuição ao estudo urbanístico de Salvador.** Salvador: Quarteto, 2015.

\_\_\_\_\_. 10 necessárias falas: cidade, arquitetura e urbanismo. Salvador: Edufba – PPGAU, 2010.

SAPO. **O turismo esta a mudar a cara do Porto.** Disponível em: <https://viagens.sapo.pt/viajar/viajar-portugal/artigos/o-turismo-esta-a-mudar-a-cara-do-porto>, Acesso em: 10 jan. 2019.

SEBRAE. **Boletim Baiano de Inteligência Competitiva.** Disponível em: <https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/BA/Anexos/2BIC%20-%20Cadeia%20de%20Turismo%20na%20Bahia.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

SILVEIRA, Barbara. **40 milhões para que? Quase um elefante branco terminal do porto tem pouca utilidade.** Disponível em: <https://www.metro1.com.br/noticias/cidade/46113,r-40-milhoes-para-que-quase-um-elefante-branco-terminal-do-porto-tem-pouca-utilidade.html>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SIZA, Álvaro. **Imaginar a evidência**. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

SOUTO DE MOURA, Eduardo. **Cá fora: arquitetura desassossegada**. Lisboa: Dgartes, 2008.

SUCOM. **Prefeitura lança programa Salvador 360 nesta segunda feira**. Disponível em: <http://www.sucom.ba.gov.br/noticias/prefeitura-lanca-programa-salvador-360-nesta-segunda-feira-29>. Acesso em: 4 out. 2018.

TERRA, Fernanada; SENNA, Francisco; REBOUÇAS, Daniel. **Salvador: uma iconografia através dos séculos**. Salvador: Caramuré, 2015.

VARGAS, Heliana Comim. **A complexidade do conhecimento: turismo, arquitetura e cidade**. Disponível em: [www.labcom.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/08/2014-ENANPARQ-ST-AS-00-1-VARGAS.pdf](http://www.labcom.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/08/2014-ENANPARQ-ST-AS-00-1-VARGAS.pdf). Acesso em: 14 dez. 2018.

VIEIRA, André. **Imagem, Símbolo e Narrativa na Psicologia Analítica de C.G. Jung. 2003**. Tese (Doutorado)-UFRS, Instituto de Psicologia, Porto Alegre, 2003.

VIEIRA LIMA, Claudia. **Paralela em Movimento: um estudo sobre a apropriação do espaço público do canteiro central da Avenida Luís Viana**. 2007. Dissertação (Mestrado)-UFBA: Instituto de Geociências, 2007.

VIGÁRIO, Jacqueline. História e Imaginário. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA NA PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA. 2009. **Anais** [...] 2009. Disponível em: [https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/IISPHist09\\_JacquelineSgario.pdf](https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/IISPHist09_JacquelineSgario.pdf) Acesso em: 14 out. 2018.

## ANEXO A - QUESTIONÁRIO IMAGEM DE SALVADOR

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

**Q1. Sexo**

- (1) Masculino      (2) Feminino

**Q2. Idade:** \_\_\_\_\_

**Q3. Estado Civil**

- (1) Solteiro   (2) Casado/união estável   (3) Viúvo   (4) Divorciado/separado

**Q4. Escolaridade**

- (1) Não frequentou a escola      (2) Ensino fundamental (1º grau)  
 (3) Ensino médio (2º grau)      (4) Superior (universitário)      (5) pós-graduação

**Q5. Em uma palavra, qual a imagem de Salvador vem primeiro à cabeça?**

---

**Q6. Como faz o seu trajeto casa/trabalho-faculdade?**

- (1) ônibus  
 (2) carro  
 (3) a pé

**Q7. O que lhe chama mais atenção durante o seu trajeto casa/trabalho-faculdade?**

- (4) Paisagem urbana  
 (5) Paisagem natural  
 (6) Transeuntes  
 (7) Não me interessa pelo trajeto

**Q8. Que o elemento arquitetônico representa melhor Salvador?**

---

**Q9. Sente emoção em alguma parte de cidade?**

- (1) Sim      (2) Não

**Q9.1 Onde e por que?**

---



---



---

**Q10. Sente repulsa por algum elemento arquitetônico da cidade?**

- (1) Sim      (2) Não

**Q10.1. Onde e por que?**

---

---

**Q11. Qual adjetivo caracteriza melhor Salvador?**

- (1) Cidade moderna
- (2) Cidade histórica
- (3) Cidade litorânea
- (4) Todas as anteriores
- (5) Nenhuma das anteriores